



Contos (quase) fantásticos



Cuentos (casi) fantásticos



(Almost) fantasy stories



Universiidade La Salle

Reitor: *Paulo Fossatti*

Vice-Reitor: *Cledes Antonio Casagrande*

Pró-Reitor de Graduação: *Cledes Antonio Casagrande*

Pró-Reitor de Administração: *Vitor Augusto Costa Benites*

Pró-Reitor de Pós-Graduação, Pesquisa e Extensão: *Cledes Antonio Casagrande*

Conselho da Editora Unilasalle

Andressa de Souza, Cledes Antonio Casagrande, Cristiele Magalhães Ribeiro,

Jonas Rodrigues Saraiva, Lúcia Regina Lucas da Rosa,

Patrícia Kayser Vargas Mangan, Rute Henrique da Silva Ferreira,

Tamára Cecília Karawejczyk Telles, Zilá Bernd, Ricardo Figueiredo Neujahr

Capa: *Lúcia R. Lucas da Rosa e Ricardo Neujahr*

Projeto gráfico e diagramação: *Editora Unilasalle*

Revisão das traduções: *Maria Alejandra Saraiva Pasca, Vicente Henrique*

Brückmann Saldanha, Maria Edilene de Paula Kobolt

Organização das ilustrações: *Fabricio Kipper*

Revisão final: *Lúcia Regina Lucas da Rosa*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C763 Contos (quase) fantásticos = Cuentos (casi) fantásticos = (Almost) fantasy stories / Lúcia Regina Lucas da Rosa, Eduardo Pereira Machado, Hilaine Gregis, organizadores. – Canoas, RS : Ed. Unilasalle, 2019.
231 p. : il. : 23 cm.

ISBN 978-85-7257-049-7

Títulos e textos sucessivos em português, espanhol e inglês.

I. Literatura brasileira – Contos. I. Rosa, Lúcia Regina Lucas da. II. Machado, Eduardo Pereira. III. Gregis, Hilaine. IV. Título: Cuentos (casi) fantásticos. V. Título: (Almost) fantasy stories.

CDU: 821.134.3(81)-34

Bibliotecário responsável: Samarone Guedes Silveira - CRB 10/1418

Editora Unilasalle

Av. Victor Barreto, 2288 | Canoas, RS | 92.010-000

+55 51 3476.8603

editora@unilasalle.edu.br

<http://livrariavirtual.unilasalle.edu.br>

Editora afiliada:






Lúcia Regina Lucas da Rosa

Eduardo Pereira Machado

Hilaine Gregis

Organizadores

Contos (quase) fantásticos
Cuentos (casi) fantásticos
(Almost) fantasy stories



Editora Unilasalle

Canoas, 2019






Na diversão da escrita
No caminho sem volta
Na escuridão da estrada
No final da jornada
Há sempre uma revolta
E uma palavra mal dita
A primeira emoção é a que fica...
(LRLR)





Sumário

Apresentação	8
<i>Cristiele Magalhães Ribeiro</i>	
Introdução	11
<i>Vicente Henrique Brückmann Saldanha</i>	
Call him Dracula Psychologist	13
<i>Emerson M. T. Pinto, Guilherme R. Canabarro, Jordana K. de Almeida, Tailine M. Madeira</i>	
Red Kiss	17
<i>Rafael L. de Oliveira, Thayná Fortes, Matheus F. T. Machado, Gabriel R. Vargas</i>	
La isla de cinco puntas	31
<i>João Diogo dos A. Trindade</i>	
La Maldición del Hombre Buitre	34
<i>Daniela Calheiro da C. Marques</i>	
A menina que tudo sabia La Chica que todo sabía The girl who knew everything	37
<i>Jaiara da S. Quevedo</i>	
A última sentença La última sentencia The Last Trial	51
<i>Eduarda B. da Silveira, Tailine Fabiana de F. Vigel, Luiza Bicca de M. Sanger</i>	
Armagedom Armagedom Armageddon	67
<i>Alexsandra A. Rosa, Andressa C. Feltrin</i>	
Benício e os gnomos Benicio y los duendes Benício and the Gnomes	77
<i>Gabriel P. Gama, Paula Regina D. Freitas</i>	



Borboletas Mariposas Butterflies	93
<i>Rafael L. de Oliveira</i>	
Dom ou Maldição Don o Maldición A Gift or a Curse	108
<i>William Barreto, Vicente Gomes</i>	
Eles estão chegando Ellos están llegando They are Coming	116
<i>Elvin Matheus E. Pinheiro</i>	
Mulheres, malditas liberdades Mujeres, malditas libertades Women, Damn Freedom	131
<i>Gabriela R. Vicente</i>	
Naquele domingo Aquel domingo On that Sunday	146
<i>Jeisiane Silva, Aline Á. de Oliveira, Daniela da S. Garcia</i>	
O anel da família Cooper El anillo de la familia Cooper The Coopers' Ring	155
<i>Aline B. da Gama, Jéssica Brasil</i>	
O Cemitério El Cementerio The Cemetery	164
<i>Alex Ramiller de O. Martins, Antonio da C. M. Moreira, Diogo M. de Andrade</i>	
O espantalho está fora de si El Espantapájaros está loco The Scarecrow is Out of His Mind	174
<i>Roberto Luiz R. Gomes, Magali R. Biffi</i>	
O túnel misterioso El túnel misterioso The Mysterious Tunnel	182
<i>Letícia P. Alves</i>	
O Velho Esquecimento El Viejo Olvido The old forgetfulness	196
<i>Gabriela P. Minotti, Karine Isabel S. de Brum, Raniélen F. Gonçalves</i>	
Terra à vista? ¿Tierra a la vista? Land Ahoy?	203
<i>Émerson Mateus T. Pinto, Fernanda B. Guimarães</i>	



Um sonho real | Un sueño real | A Real Dream 216

Marcos F. Souto, Matheus Cruz, Lucas Ivan






Apresentação

A literatura faz com que, por momentos, esqueçamos a representação dos nossos papéis cotidianos e entremos em um mundo diferente da nossa realidade onde há inúmeras possibilidades de (re)criação, imaginação, identificação e aprendizado.


A menina que tudo sabia, que adorava livros, fez com que eu me recordasse de outra menina que, na infância, junto dos seus irmãos, recebia mensalmente em sua casa uma nova coleção de gibis e de livros do Monteiro Lobato. O consumo era voraz, em duas semanas acabava o repertório de novas histórias, e era preciso buscar opções alternativas na biblioteca da escola. Até a premiação de “aluna que mais lê” ganhou na escola. Porém, mesmo com tanta opção externa, a ansiedade tomava conta na espera pela nova remessa. Quais outras histórias da Cuca, da Emília ou do Cascão viriam? Todos os personagens faziam parte do imaginário daquela menina que tudo queria saber sobre aqueles personagens, eles eram parte do seu grupo de amigos.



A coruja, presente na crônica *A última sentença*, é símbolo e sinônimo de sabedoria e mistério. Poderia ser o símbolo de todos os leitores, pois estes, sim, oportunizam-se à descoberta. Recentemente uma grande coruja sentou-se no galho de uma palmeira da Universidade La Salle, localizada em frente à capela e próxima da sala dos professores, e ficou observando tranquilamente todos os que por ali passavam. Deixou-se fotografar por horas, quase que se deliciando com a sua exposição. Talvez estivesse fazendo um chamado para que estejamos sempre em busca da compreensão, e ler é uma das melhores formas para tal.



Ainda falando da Universidade, há um conto neste livro que se chama *O túnel misterioso*. Não há como não relacioná-lo ao túnel verde que liga o campus lasallista ao centro da cidade de Canoas. Quantos por ali já não passaram e se sentiram entrando em uma outra dimensão? Tantos casamentos celebrados na capela, amigos e familiares que nesta instituição estudaram, histórias que se entrecruzaram e, juntas, se modificaram. Passar no túnel verde pode acalmar os mais ansiosos, refrescar a memória dos que farão uma avaliação e revigorar os cansados da corrida do dia a dia!

E por falar nisso... *Eles estão chegando* trata sobre a possibilidade de viajarmos no tempo. Uma história fantástica que trata sobre uma das vontades humanas. A de entender o passado e o futuro, o que realmente ocorreu e o que




está por vir, mais uma tentativa de se desfazer da ignorância e ter sabedoria. Já o *Anel da família Cooper* tem poderes de visão e de desvendar segredos, mas enquanto não os possuímos, a máquina ou o anel, vamos viajar nestas e em tantas outras histórias especiais compartilhadas.

Em *Armagedon, Naquele domingo* e *O cemitério* fala-se sobre a morte, aquela sobre a qual pouco sabemos. Tantos livros publicados sobre este mistério, tentando revelar o que ocorre após a vida. Será que já tivemos vidas anteriores? Será que se houver mais vidas, cada uma é uma forma de evoluir? Será que reencontraremos algum dia todos aqueles que amamos e que já faleceram? Podemos retratar a morte de tantas formas fantásticas, recriá-la, e buscarmos sentidos, significância para tudo o que somos e fazemos para, assim, deixarmos o nosso legado independente de quando ela ocorrer. Ter um filho, plantar uma árvore e escrever um livro são formas de eternidade e os escritores dos presentes contos sabem muito bem disso.



O velho esquecimento tem um personagem que em dado momento lembra de sua condição. Mostra-nos que se ignorarmos ou esquecermos nossas limitações, podemos fazer coisas inimagináveis. Um homem recém graduado no curso de Letras, na colação de grau da turma do primeiro semestre de 2019, em seu discurso disse que era metalúrgico e que, mesmo que tantos falassem que o “chão de fábrica” não pensa, ele seria um dos que iria ensinar, que, sim, que era possível combater preconceitos e superar-se. Nesta mesma noite e neste mesmo curso havia um outro exemplo de superação, uma senhora de 83 anos que havia concluído o curso em 6 anos. Ambos demonstraram que muitas das nossas limitações residem apenas na nossa mente, uma motivação para sonharmos e realizarmos livremente.

Em *Borboletas*, a morte volta a ser tratada, mas de uma forma fluida e leve. Com ela, lembrei que neste ano presenciei no campus da Universidade La Salle a tentativa de salvamento de uma borboleta. Uma professora, após realizar um belo discurso aos presentes em uma colação de grau sobre a importância do estudo da vida (significado da Biologia), se depara com uma grande e bela borboleta ao tentar entrar em uma sala. Ela estava voando em círculos, batendo-se em portas e janelas, como se estivesse perdida em si mesma, um sinal de que estava chegando o seu fim. A professora tomou-a carinhosamente em suas mãos e, com delicadeza, colocou-a em um local protegido para que ela se sentisse melhor. Se há alma em borboletas, não sei, mas o gesto daquela professora tinha um especial significado. Com ele, ela ensinou sobre a importância de todas as vidas e praticou a sua missão. *Mulheres, malditas liberdades* fala das bruxas que



têm a função de proteger a natureza. Seria a professora protetora de borboletas uma bruxa do bem?

Um sonho real também fala da natureza, com ele viajamos para a floresta amazônica onde um antropólogo sofre perseguições em uma saída de campo. E falando das nossas belezas naturais, *Terra à vista* poderia se tornar uma peça de teatro! Ela fala de duas pessoas com forte conexão com a história brasileira que vivenciam um duelo entre índios e portugueses... É uma verdadeira viagem no tempo.

Na literatura, por vezes, há romance, mesmo naquela que trata de assuntos fantásticos... *Dom ou maldição* trata sobre as paixões e suas inseguranças e *O espantinho fora de si* fala de vingança, sentimentos que me fizeram recordar de um texto de Machado de Assis encenado por um grupo de estudantes e professores da Universidade La Salle. Capitu está sempre lá, belíssima, mais uma vez promovendo a dúvida, a vontade de sabermos detalhes, de termos a certeza se era somente ciúmes ou não.

Contudo não só a literatura é fantástica. Imaginem que quase iniciando a terceira década do segundo milênio, na entrada de um grande estádio de futebol, no início da rampa, um jovem é barrado por estar com um livro (de literatura!) nas mãos. O segurança segura alto o livro, no meio do vai e vem da torcida, e grita para o colega que está na outra fileira revistando torcedores: “Livro pode?” Ele estava em dúvida se aquele objeto estranho (talvez tão pesado quanto um celular) tinha acesso ao estádio. O outro, em dúvida, cerra as sobrancelhas e grita de volta “O quê?”. E a pergunta é repetida “Livro pode?” Eles estavam em dúvida sobre o risco que aquele objeto estranho poderia oferecer dentro de um estádio. Somente nós, amantes das letras, sabemos os reais riscos de um livro na vida de alguém e nas suas relações com os outros. Uma vez atingido, buscará sempre ser livre da ignorância, dos preconceitos e de tantas limitações.

O livro começa a ter seus acessos questionados, ele é um objeto estranho e que oferece risco. História fantástica? Antes fosse. Então, desta forma, desejo a todos os escritores e leitores deste e dos demais livros, que nunca lhes falem histórias fantásticas para contar, ler, escrever... E que todos tenham acesso.


Cristiele Magalhães Ribeiro

Diretora de graduação Universidade La Salle




Introdução

Bem-vindos a mais um livro de contos produzidos por alunos dos Cursos de Letras, Pedagogia e *Design* da Universidade La Salle! O tema geral desta edição partiu de um projeto realizado na disciplina de Literatura Inglesa II, no segundo semestre de 2018: o *Vampire Project*, ou Projeto de Vampiros. Após a leitura e discussão de *Dracula*, de Bram Stoker, a turma dividiu-se em grupos, que leram e analisaram outros títulos famosos de vampiros: *The Vampyre*, de John William Polidori, *Carmilla*, de Joseph Sheridan Le Fanu, *Interview with the Vampire*, de Anne Rice, e *Twilight*, de Stephanie Meyer. O produto final foi a escrita coletiva de *crossovers*, ou seja, novas narrativas que incluíssem os personagens principais dos cinco títulos ou personagens baseados neles. O resultado são os dois contos que abrem esta coletânea, seguidos de dois contos escritos em Espanhol seguindo a mesma proposta.



Assim, em “Call Him Dracula Psychologist”, o conde Drácula decide mudar de atividade e abre um consultório de atendimento a vampiros com problemas emocionais ou de relacionamento. Por fim, resolve reuni-los todos para uma sessão de aconselhamento coletivo. Já em “Red Kiss”, um casal de moças vai passar uma semana na casa da mãe de uma delas e a outra sofre ataques de vampiros. O texto requer uma leitura atenta a detalhes, pois, além de apresentar uma narrativa fragmentada (principalmente baseada em *Carmilla*) e de apresentar os personagens vampirescos originais de forma mais sutil, faz alusões ao universo dos mangás.

Histórias de vampiros fazem parte de um gênero literário mais abrangente, o fantástico. Este se caracteriza, entre outros aspectos, pela presença de personagens ou elementos mágicos, sobrenaturais, mitológicos, góticos, de ficção científica, ou que simplesmente desafiem a realidade tal como normalmente a percebemos. Assim, a partir da sugestão dos contos de vampiros, surgiu a ideia de desafiar os alunos de Letras e de Pedagogia a escreverem contos do gênero fantástico. As narrativas, escritas originalmente em português, foram selecionadas com base na sua adequação ou proximidade com o gênero. Em seguida, foram traduzidas para o espanhol e para o inglês por alunos de Letras. Os professores do Curso também participaram ativamente, revisando os textos e elaborando atividades didáticas sobre eles. Já as ilustrações dos contos ficaram a cargo de alunos do *Design*.



Convidamos, então, os leitores a apreciarem o produto de um exercício de apreciação e produção literária. Há histórias para diversos gostos e humores, do gótico ao cômico, da fantasia infantil à alegoria política. Se os autores aqui reunidos (ainda) não são escritores experientes ou consagrados, suas produções, com resultados diversos, são fruto de uma experiência criativa. Por essas razões, resolvemos chamá-los carinhosamente de *contos (quase) fantásticos*.

Por fim, cabe ressaltar que a produção deste tipo de material é um diferencial do Curso de Letras da Universidade La Salle, cujos alunos têm a oportunidade de chegarem à formatura tendo em mãos uma publicação com textos de sua autoria. Este já é o quarto título, antecedido por *Contos horripilantes* (2016), *Contos de crianças* (2017) e *Contos de mulheres* (2018).

Boa leitura!

Vicente Henrique Brückmann Saldanha

Professor do Curso de Letras da Universidade La Salle





Call him Dracula Psychologist

Emerson Mateus Tavares Pinto

Guilherme Rodrigues Canabarro

Jordana Kopp de Almeida

Tailine Mer Madeira


He was one of the greatest of his kind – perhaps even today – certainly his sharp teeth, hairy hands, pointed nose and pale skin are striking characteristics in his trajectory and have made him remembered until today. If that were not enough, it has an aspect that can frighten any human being or win the admiration of his old and new generation. In any case, Dracula is a spectacle.

He was always wanted by his friends to solve problems, be they conjugal or maternal, even of vices he could solve if they doubted him. All this simply by being known as “great vampire” who solved anything, which everyone feared and also respected. This title was carried with pride, since he liked being called count. I think that being part of the royalty of vampires always was its high point.

Taking advantage of his gifts and extensive experience in vampire issues and his great desire to retire and create a new routine for his daily life, the great vampire thought so much of how to unite his two wills. Between a fresh cup of blood, removed from one of his victims – the chalice exuded a necessary sophistication – and a nap in one of his coffins, now lined with purple velvet, Dracula had an idea: why not solve the problems of other vampires? After all, he was good at it. And with all his ambition, he could begin his universal “dracularization.”

It was not long before the main idea of our great vampire spread throughout the world, the old and new generation also had great problems and would resort to Dr. Vampire’s office.

One of the first to make an appointment was Edward from *Twilight*. Lying on a couch also covered in purple velvet, he stared at the walls of the office, which was fully enclosed, like a coffin. The white color of the walls carried or tended to deceive a peace that was supposedly necessary for that moment of recovery,




or salvation. Illuminated by a small lamp beside him, Dr. Vampire sat forward, his legs crossed and his gaze steady. Edward was talking in that quiet, steady voice, declaiming what bothered him the most, the disrespect of others with his vampire way of being and his great inability to frighten. In a continuous way, Edward poured out his biggest faults: shining like a diamond when exposed to sunlight was his main annoyance. Edward's tone changed when he exclaimed that he wanted people to feel real fear when he approached. Dr. Vampire took notes on his pad and ordered Edward to return within a week.

The next day, Carmilla arrived at the office and was first answered by one of Dr. Vampire's brides, an assistant who wore a tight uniform that shaped her body and had a huge cleavage. These details clearly did not go unnoticed by Carmilla, who automatically let out a smile as she walked by the reception desk to Dr. Vampire's room. Sitting on the couch, her smooth, long, crossed legs pointed toward Dr. Vampire, her voice exuded a tone of natural seduction, but Carmilla no longer wanted that. Her greatest desire was to stop conquering all for her beauty, including her victims. She was endowed with radiant beauty, seduction was already something normal in Carmilla's life. That sometimes allowed her some acts of arrogance, as at the moment she said that Dr. Vampire would have left her ribs. Dr. Vampire's eyes remained fixed, but this time it was more than attention we wanted to give to our dear Carmilla. He swallowed his saliva, closed his notebook, and asked Carmilla to come back next week.

So did the day go on. After a brief rest in one of his coffins, Dr. Vampire returned to the daily attendance.

The first appointment in the afternoon was a bit unusual, the first time Dr. Vampire had a couple, if we could call them that. Lestat and Louis in another of their daily arguments, came in search of Dr. Vampire to solve their problems. Louis complained that Lestat always wanted to be one of the most powerful vampires, always mirroring in Dracula, which made Lestat somewhat manipulative and cold, causing Louis to distrust his love for him. Lestat, in turn, contested that he was only a little stressed by the great pressure he was having for pursuing his goals, which resulted in constant quarrels, but he had never stopped loving Louis. In the midst of replies, the couple discussed the relationship with a certain altered tone, forgetting completely that they were both in a consultation. I believe the familiar environment of Dr. Vampire's office made them feel at ease.

Dr. Vampire, annoyed at the situation, placed both hands on his knees and stared over his glasses at his clients, suddenly exclaiming, "See you next



consultation!” Silence hovered over the air. Both left the room still mumbling some things that could not be understood.

The troubled relationship of the last case left Dr. Vampire somewhat stunned, forcing him to take one more of his miraculous human blood vessels.


The clock stuck 3:30 pm. The still empty room, filled with the ticking of the clock, made Dr. Vampire look forward to what was to come. The next client was somewhat late, and between a kick standing here and another of our anxious doctor, three knocks on the door sounded rumbling.

It was Lord Ruthven who entered the room in panic, as if about to burst. This made Dr. Vampire immediately stand up from his seat and head toward the man who looked upset. Ruthven exclaimed that he could not stand this pressure anymore, that all he wanted was to stay with her, that he never wanted to hurt her. His voice was mingled with panic and sadness, and his hands were shaking a little, leaving Dr. Vampire apprehensive. Ruthven paced from one corner of the room to the other, gesturing and pouring words over Dr. Vampire, as if all he wanted was to talk. He told the doctor the secret he had kept for so long, and mentioned his love for the woman who married, without saying the name of his beloved. The tone of regret grew steadily as the story progressed. Calmly, Dr. Vampire sat on his couch, taking Ruthven to his side, kept his eyes on his patient’s face, and wondered what had happened. Slowly, looking away, Ruthven replied, “I killed her.”

Killing someone for a vampire should not be much of a novelty if we paid attention to the circumstances, but something was different there, something caught Dr. Vampire’s attention. Perhaps it was the great love hidden in his client for his beloved, or redemption. Given that he had left all of his clients’ studies for the next week, he came to a single conclusion for all cases after that experience.

A week later, Dr. Vampire called all the clients he had received the previous week. A different query would happen. This time, a collective one.

All the vampires were there. Edward leaned against the wall, with his arms crossed and with his stunning beauty. Lestat and Louis were as usual in an argument on the far side of the room, but their tone was subdued. The present silence was leaving the heavy atmosphere in the room as the others arrived. Ruthven was sitting on the couch with slovenly posture and dark circles under his eyes. They were all ready for the great verdict and community announcement that Dr. Vampire would make. Everyone was in the room; that is, all vampires



but one, Carmilla, who was outside the room talking to the vampire's assistant.

Dr. Vampire entered the room, bringing with him Carmilla, who had been gently carried by his arm.

Subtly, he sat down at his desk, buttoned his jacket, and cleared his throat to say, "All the problems we see here are caused by the lack of balance of things. Some are too good where fear is lacking, as is the case with Edward." He said this by staring at the boy who was leaning against the wall. He turned his eyes to Lestat and Louis and went on, "Others have a great desire to conquer. They forget that conquering is not everything, and they end up following a path opposite to their happiness that can sometimes be on the side." He pointed his thumb in a positive sign to them.

Dr. Vampire's head tilted to watch Carmilla standing there beside Ruthven. As usual, her clothing caught his eye and watching every detail, Dr. Vampire continued, "Some have a much larger outcropping that seems impossible to control. And to resist," the second sentence came out imperceptibly.

"Others have a love so great that I believe it is greater than their own fleshly will." He sat down at one end of the room where he could watch them all.

"Balance is the basis for not falling in the future. Learning to balance between good and evil, between sensuality and its consequences, between ambitions and love and between love and its carnal wills is part of a life based on conquering. Therefore, do not fall to the left or to the right, but always remain in a straight line, avoiding conflicts with yourselves." Everyone nodded in agreement to Dr. Vampire's speech, which at that moment was no longer characterized as a villain but a savior of villains.

"One last question," said Carmilla. Amid the consent given by Dr. Vampire, she continued, "What's your secretary's phone number?"



Red Kiss

Rafael Lissarassa De Oliveira

Thayná Fortes

Matheus Felipe Teixeira Machado

Gabriel Ribeiro Vargas

Prologue

The sound of drops makes me remember about before...

I wonder... If this reddish-colored fluid always had this salty taste, or would it be because of the tears? A mix of sweet and salty. Is this that famous bittersweet taste? Well... Anyway, everything started that day...


That was a night with a moon like this one, too. Shinning, lighting up the cold night. An orange colored moon which we do not see every time. Now, I wonder... If this situation was because of the trip or because the wrong day and time. Whether it was the fault of destiny or simply because we had been seen by that person through the window. I mean, that Being, who changed the view I had of the world.

Part 1

Anna

We were going to visit my mother-in-law, Marilene, to tell her in person about our engagement decision. As we lived abroad, our trip back to Brazil was overly tiring, and we decided to stay the night in a hotel that was on the way to the house of Camila's mother, though it was not too far away from where we were.

While my beloved fiancée was taking a shower, I decided to take a look through the window to see the view from the fifth floor, trying to get some inspiration for our book. You see, Camila and I are both writers and we are writing a book with many short stories. She is in charge of the horror stories, while I write the romances.



The outdoor scenery was not too flashy, it was just a lot of trees gathered together everywhere. However, it was better than the vision of moldy and dust furniture of our room. The only flashy thing I found, until then, was the moon. I had always been fascinated by it and today, it was more charming than ever. Larger than I had ever seen and with such a beautiful orange color that filled me with ideas for sketches.

Suddenly, after feeling a light chill, I turned my eyes to a location in the woods. There, even if slightly, I saw a silhouette. I could not identify whether it was an animal or, maybe, a human being. The only feature I could perceive was its crimson eyes. They looked as if they could watch my every single movement.

“Something interesting, Anna?”

The voice, followed by the smell of shampoo and a hug, made me awaken from the trance that I was at the moment.

“What do you think about th –”

When I was about to show the two shining orbs in the middle of the woods to Camila, they were nowhere to be found.

“Hmmm?”

“It’s nothing, I think I saw something. I must be really tired.”

“Riiiiight.”

After slightly kissing me, Camila said,

“The moon is unique today, right?”

I slightly nodded and, after a while watching the moon in the night sky, we turned off the lights and lied down on the bed, which should be over 100 years old by the noises of it, to have a quiet night of sleep.


Camila

I woke up hearing a scream.

My fiancée Anna, who was by my side, had a scared look while she was sweating.

“Honey, has anything happened?” I asked, half-scared and worried.

“I just had a nightmare, it’s nothing,” she answered.



“I will fetch you a glass of water. Wait, please.”

Going to the kitchen, I checked the wall clock that was on the corner of the room. It was 3 o'clock in the morning.

After giving the water to Anna, I asked,

“What was the dream about?”

She, then, told me about the nightmare. There was a gigantic animal, maybe a dog, crawling from the hall to our bed. This dog seemed to have a heavy and thick fur. Its fur hairs looked like thorns that could tear anything. Its claws seemed to be more than 10 centimeters long and with its monstrous strength, at every step of the creature, it felt like the floor would break. The beast, with the eyes which reflected the very hell, stared at her in an almost hypnotic way. And, when she was about to be attacked, she awakened from the nightmare.

“It's fine,” I said. “It was just a bad dream.”

“Yeah, but...” After a short pause, Anna resumed, “It brought me unwanted memories.”

“What do you mean?” I asked, feeling a bit worried.

“A long time ago,” she began, “when I was 5 years old, I had a nightmare slightly similar. It was about a half man and half beast that attacked me. It scratched, and almost tore away, my left arm with his long and pointy nails.”


So, with the corner of my eyes, I stared at the small whitish marks on her tanned arms.

Part 2

Anna

When we arrived at my mother-in-law's, we had a warm reception from her. After the incident last night, this was what I needed to relieve the stress. “I really missed you, girls. My darling daughter and my dearest sushi girl,” said Marilene after many hugs. She always called me “sushi girl” just because I am an Asian descendent. At first, I thought it was to make me feel bad, but later on I could see that she called me so with love.

Marilene lives in a big house in the middle of a little farm in the countryside of São Leopoldo, a city in the south of Brazil. Here is one of those places that can



give good vibes and peace to anyone. The whole house is built with eucalyptus wood and it has two floors. Through the week we were staying here, we were going to sleep in Camila's former room, which is on the second floor. However, we would probably use the study room, located on the first floor, rather than Camila's bedroom, because of our book.

When we told Marilene about our engagement, she began to cry out of happiness and started to make some cookies to celebrate. Marilene is a short middle-aged woman, with brown hair and beautiful green eyes. Even being 45 years old, she still looked like a young woman.

I noticed that Camila still looked worried about my nightmare.

That night, when I calmed down, I told her about the incident when I was 5 years old.

“When I woke up from that nightmare, in that cold winter night, I noticed a moisture and stinging on my left arm,” I started. “My parents entered hurriedly in my room because they heard my cries of fear. When they saw my face soaked in tears and my arm covered in blood, they put me in their car and took me to the hospital. With my arm completely wrapped in bandages, I told to my parents that what had done that to me was a monster that was inside my room. Although we lived in an urban region, my father thought that it could be an animal, a dog maybe. However, my room was on the second floor, then, the hypothesis was removed. After that incident, I had some sessions with a psychologist who claimed that the wound must have been caused by some impact in my sleep. And as there were no more cases like that, this event remained in the limbo of my memories.”

She kept a worried look during the rest of the trip, but did not touch on the subject any more.

After dinner, in which we had mullet and wine, I went to bed earlier because I was too tired that night. Camila would stay in the study room until later.

Camila's former room was not very large. It had a polished wooden floor with a little rug in front of the door, which read, “Welcome to the jungle,” and had just one window in the whole room, which was near the bed. The bed was between two nightstands and on one of the corners, there was an aged black leather recliner. Besides this, there were only a small closet, a children's bedside lamp and some creepy dolls: a teddy bear, a rabbit and something similar to a chicken.

Lying down on the soft bed, I let the fatigue rule over my body and then, I entered the dream world.



Chaos

In the middle of the night, Anna woke up feeling something. The room seemed to be more silent than it should be. Suddenly, she felt a sharp look and turned in that direction. There was the figure of an attractive aged man. He had a pointed black beard. This man was tall and slender, he had sharp red eyes that seemed to look inside her soul.

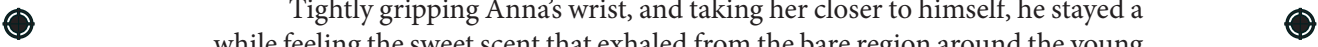
She tried to ask who he was, but no words came from her mouth. She felt a mix of fear and allure. It was a different kind of charm that attracted her to him.

“Everything is fine,” said the tall and slender man with a voice that was full of power and nobility. “There is no need to get up.”

Anna’s heart was beating fast, but for unknown reasons, through listening to this man’s powerful voice, she started to calm down, almost hypnotically.

This man started to approach the bed and she could perceive his graceful way to walk. The more he approached, the more Anna felt tired.

“You are mine. You will be mine. Until the end.” At the end of the sentence, Anna was already in the arms of darkness.



Tightly gripping Anna’s wrist, and taking her closer to himself, he stayed a while feeling the sweet scent that exhaled from the bare region around the young woman’s neck.

“After I, Chaos, have finished, it will be their turn.” Those words were the last sound before the perpetual silence of the bedroom.


Anna

I woke up feeling tired. I had never felt something like that before. I felt a strong sensation of chest tightness also, as if I had done something really wrong, but I had not. This mixture of tiredness and bad feelings upset me all day long. I could lay down in my bed for hours, just waiting until this feeling would go away.

I went down looking for Camila and found her sleeping, leaning on the desk of the study room. After waking her up, we begin to talk about our book.

“You look tired today, my love,” Camila said. “Why don’t you stay in our room a little longer?”

“I am feeling well,” I tried to lie. “Don’t worry about it. So, did you have any new ideas?”



“I have an idea about locking you in the bedroom if you are hiding something. You look pale. Did you have a bad night?”

“I can’t hide anything thing from you. I just had a nightmare.” Saying that, I caressed her face to appease my loved one.

“Another one? Try to rest more. Mother is not at home, she will just arrive at night. So, we will not have any complaints about someone lying longer than the bed. But first, eat something.”

“Okay then.” After kissing her, we went to the kitchen to have breakfast. While Camila did the dishes, I went back to the room.

I lay on the bed having an uncomfortable feeling on my neck and closed my eyes. What would be just a few minutes became the whole day.

Camila

After doing the dishes, I locked myself in the study room and tried to finish one of the stories.


I felt a bit uneasy about how Anna was having these nightmares consecutively. But I erased it from my mind because I knew how my beloved fiancée was strong. She was an independent woman who would almost never make people around her see her weaknesses. Even me, who had lived with her for a long time. So, pressing on my mind that her bad state would disappear soon, I resumed my work.

Anna

I got up completely sweated and with nausea. I should have slept one hour at most, but it was night already. I knew that Camila was still locked in that room writing. I knew her very well. As I was not feeling well enough to go there, I sat on the bed and turned on my notebook to write some sketches.

Then, I heard a sound coming from the open window. It was a big raven. The bird entered the room and landed on the recliner. With its cold red eyes, it started to look at me.

For some unknown reason, I let the bird be and resumed my writing. Then I felt a chill and a growing feeling of anxiety came inside of me. The raven was not in the room anymore. I tried to look for it but could not find it. Then,



coming from nowhere, a hand grasped my neck and tried to strangle me! I tried free from it, but another hand came and held both my arms. When I looked with the corner of my eyes, I saw him. A man like the one from my nightmare was there. There were just a few differences. He did not have a beard and, although he looked younger, he had white hair. And his eyes. His eyes were cold. A cold red that seemed to be able to freeze even Hell.

“Tonight is my time to play,” the terrifying man said. “You are mine, he said to you, didn’t he?”

Squeezing my neck more tightly than before, he resumed his speech.

“Now... I don’t like to eat leftovers like a street dog, so as you are *mine* I will use you for a while.”

Turning himself into a mist raven, he entered through my mouth. While I tried to throw up what was entering me, I heard his sick and sarcastic voice. “There is no meaning in trying to do this, my little lapdog,” the voice said. “It’ll be over soon, so be quiet now.”

Between salivation and contortions, I felt dizzy and my eyesight faded away.



Kaus

Manipulating everything in his line of vision was what he found the most pleasure in doing. People or their fate, the more disturbing, the better.

Inside the body of a young woman, the vampire looked for a new prey. If he was not the first one to prey the victim, he would not use his sharp teeth in them. But it was a different matter if he used or abused them. So, today, his freedom day, he would use her until he bored himself.


On the road, he felt it: that sweet scent, the scent of blood. As he came closer, he found a woman looking at a heavy sack that had been run over. There was blood all over the road.

“Hey!” said the worried woman. “You – you saw nothing. I can pay you.”

Laughing internally, the vampire answered with a serious tone.

“If you need, I can do help you.”

“Seriously?! So, help me with this sack. My house is near here, we can hide it there until I find a way to get rid of it.”



After helping the woman, the vampire possessing the young woman entered the car and both, vampire and worried woman, arrived at a barn.

“Did you know that person?” the vampire asked her.

“No,” was her short answer. She was a short middle-aged woman with brown hair, and maybe, just maybe, green eyes. “Was she an acquaintance of yours?” She asked back.

“I don’t know,” he answered.

Turning her back to the body of the young woman she said, “It’s better this way. Oh, sorry. I didn’t ask your name. My name is Rosa.”

Before she could turn back again, something grasped her neck from behind and lifted her up.

With the other hand, the vampire broke both Rosa’s legs. A scream of pain could be heard. Pleased to hear that, the vampire came close to the crying woman’s ear and whispered,

“It won’t make any difference, but my name is *Chaus*.” Throwing the middle-aged woman inside the barn he continued, “Wait quietly here until I get rid of that body.” Then, locking the barn door, Chaus went deep into the woods to leave Anna’s body there while there was a helpless cry in the background.

Camila

I woke up in the study room the same way as the day before. I wiped the drool from my face and left the room. Then, I felt something was wrong. Nobody was in the house.

I grew worried and started looking for my mother and for Anna in every room. What had happened? My mother usually prepared breakfast and waited until everyone was up. And yesterday Anna was too tired to go for a walk in the morning today. Neither of them messaged me about their absence.

Suddenly, I heard the front door opening. Going to the living room, I found, standing there, an old man with a long scar on his neck. He had the look of a lumberman with his long white beard. His bald head, reflecting the sun, was shining. And on his waist a long machete was hanging. There was a young woman with brown skin and black hair on his arms. She was Anna, my fiancée!

“Camila,” said the man with a powerful voice, “let’s go to your bedroom.”



I did as I was told as if the world would crumble at any moment.

“What happened?!” I cried when we were there.

“I found her in the woods not too far from here. I don’t know how she arrived there, though,” he answered with a though voice. “So, where is my daughter? I couldn’t find her here.”

“I don’t know where mom is,” I answered, with tears in my eyes, to the man, my grandfather.

My grandpa did not answer. He just looked gloomily to Anna.

“I’m feeling something strange here. I’ll stay home today.”

“What do you mean?” I asked. “And what were you doing all this time I’ve been here?” That was what I was wondering since I had arrived.

My grandpa lived with my mother, so it was strange that he was not here. “He’s in the woods,” was the only thing my mother said when I asked her about him.

“Meditating,” was the only word he said.



Anna

I woke up after noon feeling weak. I was lying in bed and my body was all hurting. Since the nightmare I had had about that strange man, a part of my neck was burning every single time. I did not pay attention at first, but now I was a bit worried.

In the room were Camila, her grandfather and me. I did not know him until today. If he were a character from Camila’s stories, he would certainly be a barbarian or some kind of serial killer.

I was still a little frightened about the way he stared at me, but I was scared about what they told me. I was found by Camila’s grandfather in the middle of the woods. I was shocked because I did not remember going there at all! I just had a few recollections of a nightmare I had the night before. So, awkwardly, I told them about that dream. Camila was a mixture of terror and puzzlement. As for her grandfather, he became gloomier.

“Take some rest,” was the only thing he said before taking Camila away from the bedroom.

After a while, I fell asleep wondering whether I had become a sleepwalker.



Then I had another dream.

In this dream I saw a hen walking around my bed. When it noticed I was looking at it, the hen went to a dark corner of the room. As a signal, the moon light started to shine more brightly than before and, lighting up that same corner, I could not find the hen anymore, but a man. That man standing there had similar features to the others in my dreams, but this one looked younger than the others. His light red eyes were looking sadly at me.

“Who are you?” I asked. Surprisingly, it was the first time I could talk.

“I am they: Chaos and Kaus. And they are me,” said the young man. “I feel sorry about your fate, but I cannot change it anymore.”

“What do you mean?” I asked him when he started getting closer.

Sitting on the bed by my side, he took my left hand in his and started to say things I could not understand. I just could not. It was not something difficult to understand, it just was not entering my mind for some strange reason.

“You are marked, my dear,” he said sweetly to me, staring at the scars in my arm. “A long time ago, you met us, and at that time, your fate was sealed.” He let go of my hand and resumed, “And at that night at the hotel, it was decided.”

The man paused a bit and started to look at the moon. Charmed by him, something that I had never felt for any men before, I tried to touch his face.

“No,” he said, strongly gripping my hand.


“Who are you?” I asked again while I wanted him between my arms.

“We are cursed ones.” He emphasized the *we*. “Fate has made us live in the same body. Each night we must let someone else control this,” he pointed at his own slender body. “Until we die, we’ll forever like this. Now... Sleep my poor child.”

When he finished his speech, I fell into a slumbering state. And with the sound of a door being kicked, I drowned in darkness.

Camila

It was my seventh mug of coffee and I still could not digest that situation. It was already past eight in the morning and I still had what had happened the night before in my head. That man. No, that being who my grandfather called a vampire, a being I had already written about in my short stories, was there



with my fiancée. When my grandfather opened the bedroom door, at seeing that monster I could just feel terrified. Now, I could just feel anger, even wrath, for this monster.

When we entered the bedroom, the vampire jumped through the window, so my grandfather was not able to catch him. My grandfather only muttered “I knew it” and left the room.

I looked at Anna lying in bed. She was sleeping soundly and had a peaceful look. However, I could see she was paler than before. I wondered if she really thought it was all just a dream? And why her? I started to caress her docile but decided face while having these questions inside my mind, looking at the strong woman who I had fallen in love with a long time ago.

In the kitchen, I asked my grandfather about another thing that was bothering me.

“What about Mother...? Do you th –”

“Yes,” was his short answer to my incomplete question with his tough voice.

“So, what will we d –” I tried to ask him.

“Kill,” he said. “I’ll prepare myself.” And then he left.

Anna

I did not know how long I had been sleeping, but now it was night. I wondered if it was a dream or reality. I did not know anymore. Actually, I might know. It was not a dream. It had never been. Everything that had happened hurt me, both outside and inside. Both my body and my mind, both my soul and my heart. In this room, which might be the place of my death, I could hear a sound coming from under my bed. It was a creeping and hissing sound. An unknown force made me sit on the bed. I stayed there, waiting for my death sentence. There was a huge snake crawling on the floor, then it began to change into a tall pale man with black hair and glazed red eyes. Besides those features, I could not recognize any other aspects of him. The glaze-eyed man did not waste time, and took me into his arms and pierced my neck with his sharp teeth. Although he was strong, he was not as strong as the one who had possessed my body. Without a single shred of fear, I let the rest of my essence be taken by him.

Suddenly, at the same time I heard the sound of the door opening...



Bang!

A shot. The man in front of me was shot near his heart. Blood spilled all over my face. I could feel the taste of his blood in my mouth.

Without any strength left in me, I fell on the bed and lost my consciousness.

Camila

Anna passed out because of the vampire blood that spilled on her face when the monster was shot near his heart, with my grandfather's rifle. The weapon was baptized, and the bullets were made of silver powder, so the vampire's chest burst. The damned leech fell on his knees. Choking with his own blood, rather, with his victims' blood, he tried, in vain, to beg for his life.

"Please... I'll... M... Tim..." Scraps of words left his mouth with a thick and dark reddish fluid. His eyes had a look of awe and fear, and, maybe, even regret, which I had never thought could be shown by such a creature.

Without caring about what he was saying, my grandfather seized his silver machete, which was bathed in holy water, and, with a movement faster than my eyes could see, he hit the vampire's neck. However, even though the monster was weakened, his endurance won over my grandfather's strength. As a result, the blade cut only half of the creature's neck rather than beheading him. Even with such terrible wound, the monster had the strength to throw my grandfather against the wall before falling on the polished wooden floor. This action made more blood spill around the room. As my grandfather was still holding his weapon, it was separated from the vampire's neck and fell a few steps away from where my grandfather stayed unconscious.

Realizing that the poor 65-year-old man would not be able to stand up by himself, I went ahead and picked up the weapon that had done half the service. Getting closer, with blade in hand, I saw the damned monster trying to raise himself from the floor. With all the rage and disgust I had because of everything he had done to us, I aimed the blade at his neck and finished this at once. I missed, hitting another part of his body. I heard the vampire's inhuman scream of pain, so I did it once again. And again. And again. And again. And again. After uncountable times, I realized that what was left from the creature was just a motionless lump of meat which, after a few seconds, started to dry up, and then, became ashes that disappeared in the shadows of the poorly lit room.

With dry blood all over my face, I fell on my knees, letting the blade that I had in hands drop as well. Then I threw up and cried. I cried because this horror



was finally over. Each tear from my eyes relieved my heavy heart from the pain of these happenings. Then, our night of horror and suffering was finally over.

It had been three days since that night. My grandfather was still unconscious in hospital for having hit his head on the wall. However, the doctor said he could wake up at any moment. My mother was still missing, but I still hoped to find her. I followed my grandfather's advice and I was taking care of Anna at home. Throughout these days she just woke up sometimes and barely ate; however, today she was feeling a lot better. She even seemed to be radiant under the moon light.

"I am thirsty," she said.

After opening the bedroom window to have a better view of the moon, I went to the kitchen and fetched a glass of water.

When I came back to the bedroom, I put the glass on the nightstand and sit by her side on the bed. Although her face was still pale, she smiled in such a way made me think she was not so weak anymore. She crossed her arms around me and said, "I love you. You will be always a part of me. F.O.R.E.V.E.R."


After saying that, she gave me a soft goodnight kiss.

Epilogue

The moonlight that comes through the open window slightly lightens a shadow who is sitting on the sofa in the corner of the room. That shadow remains almost immobile while holding a shiny goblet with a thick dark reddish liquid inside, and overseeing the scene in front of him.

The glass, which had water once, is dropped over the nightstand beside the bed. The drops that fall to the ground overlap the sound of a thicker liquid dropping over the bed sheets.


"The first one always has a unique taste," whispers the shadow to himself. After sipping from his goblet, he resumes, "It was not part of the plan, but... Since we have come to this, at least, I'll give you the honor of your first name be chosen by me. Since she is the seventh..." That last part of the whisper is almost inaudible.



While that monologue is taking place in the corner of the room, there are two people on the bed. The first one is nearly immobile, completely pale and flaccid. The other one is livelier than ever. She moves her hands through every part of the first one's body, while, with her scarlet lips, she gives her gentle and long kisses all over her pale body. Meanwhile, she whispers disconnected words: "My beauty", "Sweetie", and "satisfaction."

"I think it's almost time," whispers the shadow to nobody. "And to think *he* would be the first one of me to go... Well, I'll be outside, my dearest *Nana*."

With a light laugh, the shadow transmutes himself into a form that looks like a giant bat and disappears in the shadows of the horizon, while, inside the room, the poor pale girl receives sweet red kisses.





La isla de cinco puntas

João Diogo dos Anjos Trindade

- Amigo, basta con eso. Nadie cree en todo lo que cuentas.

- Pero, es verdad, tienes que creerme, eres la última persona en quien confío para contar todo lo que me ha pasado y que he visto con mis propios ojos en el tiempo que me quedé en aquella isla.


- Bueno Juan, no te puedo ayudar. ¡Perdón, amigo!

Cuando vi Pablo de espalda, caminando hacia lo lejos, sin creer en lo que yo decía, me sentí sólo, sin saber a quién buscar. Las imágenes que recordaba de todos aquellos animales distintos de todo lo que hay, no salían de mi pensamiento. Mis compañeros pensaban que me estaba volviendo loco, pero no, estaba todo vivo en mi cabeza. Todo lo que yo dije que había visto es porque de verdad, lo vi.

“Mi nombre, como ustedes ya saben, es Juan y estoy aquí ahora, hablándole a toda esa gente, porque las cosas que yo dije y todos dudaron están comprobadas y los animales de verdad existen y están en esa isla”.

Soy muy rico, dueño de una empresa de turismo. Resolví darme unas vacaciones del estresante trabajo que tengo, que es dirigir mi negocio. En mis vacaciones fui a África. En el camino, cuando ya estaba cansado, empecé a mirar por la ventana de la aeronave, a lo lejos conseguía admirar lo que pensé que fuera una parte de África, pero cuando me acerqué, aún acerca del continente, era sólo una isla, muy bella. Tenía la forma de una estrella. Mi imaginación voló, sabiendo que aquella isla estaba tan cerca de África. Me pasó por la cabeza la riqueza de la naturaleza y de los animales del local. Volví los ojos hacia la ventana, pero la isla ya no estaba más en aquel lugar. Había desaparecido. Froté los ojos y ya no podía organizar mis pensamientos, ¿cómo algo tan grande había quedado invisible frente a mis ojos? Pensé que había sido algo de mi cabeza por el cansancio del cuerpo.

Dormí, cuando me desperté ya había llegado. Salí del avión y del aeropuerto. Llegué al hotel, me duché y me fui a conocer un centro comercial. Caminando por una de las calles, entré en una biblioteca. Empecé a mirar



los libros y cuando me di cuenta ya era de noche. Corrí para mirar más algunos libros. Fijé los ojos en uno en especial. En su tapa tenía una imagen muy semejante a la isla que pensé haber visto. Lo agarré. En su título estaba el nombre “La isla de cinco puntas”.

Al hojear las páginas del libro, había mapas, imágenes de animales que ya conocía, pero eran distintos, se mezclaban. En una de las páginas había un animal con el cuerpo de león y la cabeza de una lechuza. Me puse muy curioso. Llevé el libro al hotel y el otro día no salí. Me quedé leyendo. Era verdad y no una ilusión. La isla de verdad existía. El libro era de instrucciones e historias de la isla. Incluso leí que ella aparecía solamente de dos en dos años, pero había otra forma de llegar a la isla. Aún desapareciendo, ella continuaba allá, sólo en otra dimensión.

Entonces vi que, escrita a tinta, había una ubicación, las coordenadas de la isla. Sin duda fui a buscarla. Para eso alquilé un barco, pues el libro contaba que si uno, al llegar con su barco en la isla, cuando ella no estaba en el mismo plano, era suficiente que se pusiera un espejo en el piso del barco y cuando el espejo dejara de reflejar su imagen y empezara a reflejar la isla, uno sólo había que tirarse al espejo, pues él se transformaría en un portal para la isla. Para volver al barco, debería hacer lo mismo. Entonces, llevé dos espejos y entré en la isla.

Cuando abrí mis ojos, no creí lo que veía. Era todo tan lindo. Los colores eran más vivos. El aire era mejor de respirar. Observé que en el medio del bosque los árboles empezaron a moverse y de ellos se asomó un elefante. Tuve miedo, por eso me quedé parado, para que él no me hiciera mal. Él animal empezó a andar y a salir de los árboles. Cuando vi su cuerpo era el de un caballo. Desde aquel momento surgieron muchos animales y todos de la misma forma, divididos al medio, mitad animal y mitad otro animal. Me quedé tres días en la isla. Los animales no eran salvajes como los de África. Volví al barco y al regresar al continente leí más sobre la isla y confirmé algunos apuntes que hice. Fui nuevamente a la biblioteca pero no encontré nada más sobre la isla. Volví a Buenos Aires y busqué informaciones sobre ella en una biblioteca y encontré una literatura escrita por un profesor cuya madre era africana y cuyo padre era argentino. Ese profesor viajaba mucho de un país a otro y descubrió la isla. Percibí que en ese libro había la información de las coordenadas y no tuve duda de que quien había escrito con tinta en el libro en África había sido él. Lo increíble es que él nunca, en ninguno de los libros trataba el asunto como real, sino como literatura infantil. Intenté contarles a mis amigos, familia, compañeros, pero nadie me creía.



“¿Cómo tuve la idea de construir todo lo que van a ver ahora? Eso yo no les diré.”

Y no les dije que, en una noche al prender la televisión, en un noticiero, hablaban del gobierno de Brasil y de las privatizaciones que estaban intentando implantar en el país. Entonces, me apropié de la isla e hice un zoológico, con todas aquellas criaturas. Claro que mi experiencia como empresario de turismo me ayudó, me quedé aun más rico. El zoológico abría de dos en dos años y por tratarse del mercado fuera de la ley, solamente personas de la alta sociedad del mundo sabían de la existencia y podían ir a la isla.

Un día, durante la construcción del zoológico, encontré del otro lado de la isla una casa y observé que un anciano cuidaba de los animales débiles. Entonces fui a su encuentro y le pregunté quién era. Cuando escuché su nombre aclaré todo. Él era el escritor de la literatura infantil más verdadera de todas, el hombre que, al visitar la isla, había quedado preso por más de cincuenta años.

Cuando yo le dije lo que estaba haciendo en la isla, él me imploró para que yo no hiciera todo lo que le dije. Me pidió para que tuviera respeto por aquel lugar. Me pidió para respetar la cultura, los animales y dijo que los africanos nunca le contaron a nadie sobre la isla para mantenerla segura de la ambición del ser humano. Yo le dije que haría eso, que tenía ese derecho. Y el señor dijo que quién tenía el derecho era el pueblo africano que era pobre, sentía hambre, entre otras cosas y no lo hacían. Dijo que sería egoísmo mío hacer eso.

Cuando me di cuenta de que la intención del anciano no era dejarme seguir mis planes y que quería dividir dinero que ganara con los africanos, no tuve duda, cerré mis ojos, saqué un cuchillo de la cintura y lo maté. En aquel momento, no sentí nada a no ser el miedo de perder mi dinero o mis planes. En este momento me sentí sin alma y sin corazón. Al mirar a mi reflejo en un lago cercano, vi que yo no era más yo mismo. Me había transformado en uno de aquellos animales. En lugar de las manos, tenía cascos.

Me di cuenta de que solamente yo era capaz de verme así y solamente cuando me veía en algo que reflejara mi imagen. Entonces no me preocupé, pues si los otros no conseguían ver mis imperfecciones es porque era perfecto.

“Entonces con ustedes y por la primera vez, les presento el zoológico más distinto que ya han visto. El Zoológico de todas las fieras. Sean bienvenidos y no miren a nada que pueda reflejar sus imágenes, porque si están aquí, les aseguro que no les va a gustar lo que van a ver”.



La Maldición del Hombre Buitre

Daniela Calheiro da Conceição Marques


Se cuenta que, en el siglo XIX, en el lejano pueblo llamado Shubhu ubicado al medio de las montañas al oeste de Nepal en la frontera con el Tíbet, vivían alrededor de cincuenta personas, descendientes de los primeros habitantes que se instalaron por allí probablemente en el año de 1600.

Esta aldea está ubicada en un pequeño y estrecho valle, más de 3.800 metros de altitud, cuya aldea más cercana, se sitúa a sesenta kilómetros al norte. La población local sobrevive de la cría de gallinas, cabras de montaña, yaks¹ y de la siembra de tubérculos y cereales. Los más jóvenes de las familias de etnia Sherpa² trabajan como cargadores de equipos y provisiones de alpinistas que escalan las mayores montañas del mundo, como el Monte Everest, Lhotse y Makalu, cuyas cumbres están más de 8.000 metros de altura. La actividad es una fuente de ingresos que auxilia en el sustento de sus familiares, siendo una de las pocas posibilidades de ganancia financiera, ya que son comunidades aisladas y cuyo gobierno no ofrece ningún tipo de soporte social. Los sherpas son insistentes en distinguir para el mundo que son diferentes de otros cargadores normales y con frecuencia exigen mejores pagos por las actividades realizadas y mayor respeto a su pueblo, el cual se siente explorado por los turistas occidentales.

El año de 1912, la población de Shubhu fue diezmada, salvándose apenas a quien no estaba en el pueblo, viajando por los senderos o trabajando en las montañas. Los cadáveres, (muchos faltando pedazos y con señales de haber sido arrancados), fueron encontrados por alpinistas que adentraron en la aldea, en busca de refugio huyendo de las pésimas condiciones climáticas de aquel día 13 de enero. El escenario era macabro: imágenes de guerra y terror. Cuerpos humanos estropeados en la tierra y en la nieve manchadas de sangre. Vísceras humanas colgadas en cercas y en las puertas de algunos caseríos, donde algunos

cuervos devoraban lo que aún había de carne y piel. Cuerpos sin la cabeza, cuya identificación sólo fue posible por las vestimentas usadas.

La causa de las muertes misteriosas permaneció por muchos años sin respuesta. Después de veinte años se produjo un ataque a una pequeña aldea



ubicada a quince leguas³ de Shubhu, llamando la atención nuevamente al macabro y recurrente acontecimiento.

Las investigaciones policiales no fueron exitosas. Pero después de dos meses en el periódico local, fue divulgado que un grupo de arqueólogos ingleses que investigaban el asunto encontraron en un museo del Tíbet lo que sería la clave para desentrañar el enigma.


Manuscritos⁴ en sánscrito fechados el año de 1.088 a. C., informaban que después de tres milenios iniciaría una serie de acontecimientos que implicarían muertes violentas en la región montañosa. Ellos hablaban de la maldición del hombre buitre. Ella fue impuesta por una divinidad nepalesa a un monje llamado Kamal que, contrariando la tradición y las buenas costumbres de la época, se enamoró de una joven de solamente trece años de edad la cual quedó embarazada y generó un hermoso niño. En los documentos encontrados había relatos de vivientes confirmando que la divinidad apareció para Kamal y para otros dos pastores que llevaban las cabras al pasto, en medio de una niebla en las primeras horas de la mañana del día en que nació el niño. La divinidad poseía una cabeza dorada de dragón y cuerpo de ave, con hermosas alas multicolor. Sus pies eran formados por cascos rojizos. Fue en este momento que la maldición fue dicha al monje.

La maldición afirmaba que el monje enloquecía cuando el hijo cumplía un año de vida. Loco, mataría a la joven y al niño en una noche de luna llena, descuartizando sus cuerpos y arrojándolos a los buitres que rondaban el pueblo. Después de cometer los crímenes, el monje se mataría, jugándose desde lo alto de un acantilado, cuyo cuerpo jamás sería encontrado.

Las visiones sin aparente explicación formaron parte de la adolescencia del monje. El día de su cumpleaños de trece años de edad, al buscar el rebaño de cabras en el verde valle al final de la tarde y bañar su rostro en el lago, vio en su reflejo en el agua la imagen de un ave de presa de pluma negra en cuyo pico escurría sangre. Esta visión lo acompañó por muchos años, coincidentemente hasta conocer a la futura madre de su hijo, la cual tenía trece años, misma edad de cuando las visiones comenzaron a aparecer al joven monje. Otro hecho curioso ocurrió con frecuencia después del nacimiento de su hijo. La revelación en su mente de la siniestra imagen del hijo muerto, con el pequeño cuerpo despedazado en la entrada del corral, siendo devorado por cuervos,

3 Es una medida de distancia utilizada por la población antigua. Según la región, puede tener variaciones. En Europa y Asia, una legua era 6.600 metros.

4 Lengua del antepasado de la región de Nepal y la India creado alrededor del 1.500 A.C. y utilizado como lengua oficial en las escrituras de varias religiones en el continente de Asia.




gallinazos y buitres.

3.000 años después, como mandaba la maldición registrada en el viejo manuscrito, el monje Kamal resucitaría en la forma de un buitre gigante, con cuerpo de hombre, cabeza, garras y alas negras, y a cada 20 años causaría muchas muertes en ataques rápidos en el transcurso de una tarde, (período del día en que el monje mató a la madre de su hijo y al niño), siempre en una nueva aldea en las regiones montañosas.

Al pasar de los años, las muertes siguen ocurriendo en número elevado, siempre en una aldea distinta. La expresión de terror presente en los ojos de los moradores más viejos al narrar lo que se les contó, causando incomodidad y un cierto pánico a quien los escucha.

Hay informes de alpinistas que afirman haber visto cruzando las montañas una enorme criatura alada cargando cabras e incluso terneros en sus garras.

¿Será que la sed por sangre y carne humana del hombre buitre no tendrá fin? ¿No podrán nunca encontrar su escondite en las montañas y entre sus hibernaciones de dos décadas, encontrarlo y matarlo? Mientras esto no sucede, el terror siempre formará parte de la vida de esas personas que, aunque no tengan culpa alguna, siguen víctimas de la maldición, pagando con sus propias vidas.





A menina que tudo sabia


Jaiara da Silva Quevedo

Lia era uma menina doce, inteligente e muito engraçada. Na escola, tinha muitos amigos, mas sua melhor companhia era o livro. A menina que trazia a leitura até no nome, fazia da biblioteca a sua casa e apenas de leitura se alimentava. – Leia, Lia, dizia Sara, a professora da garota que aos livros adorava. E na biblioteca Érico Veríssimo, em meio a um mundaréu de livros, a menina Lia, lia, e como lia! Na sala de aula, era a aluna mais aplicada e por seus coleguinhas era muito admirada. A doce menina, por todos era chamada: Lia, a menina que tudo sabia.

Lia adorava livros de aventuras, eram os que mais gostava. Histórias de heróis que, corajosamente, salvavam as princesas; - ah, por esses ela se apaixonava. Um dia, em busca de uma nova aventura falou à professora Sara: - professora, preciso de uma nova história, daquelas que ficam na memória. Quero um livro emocionante e quero ler sem demoras, mas da biblioteca já li todos os interessantes. O que faço agora? – Todos não, disse a professora com a voz embargada. - A melhor história você ainda não leu. - É um livro de capa de couro preto que fica na última prateleira à esquerda. - Se você não encontrar, peça ajuda ao professor Irineu. De ajuda ela não precisou, pois conhecia muito bem a biblioteca, além de inteligente, Lia era muito sapeca. Pegou o velho livro, sentou na sua poltrona preferida e pôs-se a ler e leu, leu tanto que adormeceu. E quando abriu os olhos: - Meu Deus, o que aconteceu?...


A menina que tudo sabia, agora já não sabia mais nada. - Onde estou? Disse a menina, ela estava apavorada. E por um momento observou com espanto um unicórnio que com ela falava: – Bem-vinda, disse ele, há muito tempo eu te esperava. – Venha, não temos muito tempo, sua alteza aguarda a sua chegada. Lia olhava impressionada aquela cena inusitada: - Um unicórnio? E ainda por cima falante! Por essa a menina não esperava. Passado o susto, então perguntou: - Quem é você? E por que me chama de forma tão apressada? O unicórnio, então, respondeu: - sou Eliseu, um amigo seu e por ora não pergunte mais nada. – Vamos logo, ande menina, seja rápida, pois está atrasada. – Monte na minha garupa e aproveite a cavalgada.

O passeio foi incrível, quem iria imaginar? Viajando por terras desconhecidas,




num cavalo e pelo ar! E lá do alto tudo ela via: rios de chocolate e árvores de pirulitos; - nossa! Este lugar é mesmo um agito. Havia esquilos de saia, onças de charrete e próximo a uma fazenda charmosa, tinha uma plantação de chicletes. Tudo era fascinante, misterioso e inesperado. Voava ao lado de Lia, um papagaio loiro do bico dourado. Realmente, aquele era mesmo um lugar encantado.

Mas bem no alto do monte existia um castelo amaldiçoado. Lá tudo era triste e frio, até parecia abandonado. E de repente: - oh, o que aconteceu? Num repente, Eliseu arremeteu. Lia, intrigada, perguntou: - mas que lugar é esse em que você me meteu? - Fique tranquila, bela menina, confie em Eliseu, este é o reino de “Sabadópolis”, antes lindo e feliz, mas agora um lugar que entristeceu. - Entristeceu? - E por que isso, meu amigo Eliseu? Então, muito cabisbaixo, ele respondeu: - “Sabadópolis” era um reino próspero, feliz e todos eram muito sábios. Nosso amado rei Sapiante era valente, forte e, sobretudo, inteligente. - Você disse que era, Eliseu? Por acaso, o rei morreu? Oh, não, menina Lia, algo muito pior aconteceu. - Pior? - Sim, muito pior, pois ele “emburreceu”. - Mas que coisa horrível, amigo Eliseu, como foi que isso aconteceu? - Eu vou lhe contar tudo, menina, mas não agora. Por ora venha, Lia, pois sua alteza deseja ver-lhe agora.




Quando entrou no Palácio do Saber, Lia, a menina que tudo sabia, se impressionou, pois um salão cheio de livros ela encontrou. Prateleiras inteiras, livros de todas as maneiras. Lia percebeu então o desleixo e o abandono que agora habitavam aquele lugar. - Tudo largado, amigo Eliseu, entristeço só de imaginar. - Não fique triste, menina Lia, pois agora você está aqui e poderá nos ajudar. - Agora vamos até o rei Sapiante, ele já sabe que você está presente.



Diante de um grande salão, a menina estremeceu: pois um homem triste e franzino apareceu. Era o rei Sapiante, dono do palácio do saber. Lia, apavorada, perguntou: - Mas sábio... este homem? Muito difícil de crer. - Seja bem-vinda, menina, há muito anseio em te ver. Preciso da ajuda de alguém muito sábio, pois fui condenado a “emburrecer”. - Oh, não, majestade, mas que judiação. - Quem lhe condenou a tão cruel maldição? - Ora quem, o mais cruel vilão: O rei “Burrardo”, um homem burro e mau, que abomina o saber e que não gosta de ler.

Foi então que Eliseu se intrometeu: é por isso, Lia, que precisamos de sua ajuda, pois o conhecimento não pode desaparecer. A maldição vai se espalhar por todo o reino e diante da ignorância, “Sabadópolis” vai perecer. - Ora, Eliseu, como eu faço para isso não acontecer? - Leia, Lia, leia e tudo irá se resolver. - Ah, não, majestade, quer dizer que o senhor me trouxe aqui apenas para ler?

- Lia, disse o rei, em “Sabadópolis” todos somos sábios, mas todos de um



variado saber. O meu, por exemplo, era ler e escrever. - Sim, disse Eliseu, Sapiante era rei, porque foi agraciado com o dom da leitura, o mais precioso saber. Mas por causa da maldição de “Burrardo”, agora, neste reino, ninguém mais sabe ler. Isto é, Lia: ninguém além de você.


- Pois digo-lhe uma coisa, majestade, a culpa não é apenas de “Burrardo”, porque conhecimento é algo que deve ser compartilhado. - Mas Lia, você sabe que conhecimento é poder. - O que faria, “Burrardo”, se soubesse ler e escrever? - O que ele faria eu não sei, mas, com certeza, uma pessoa melhor ele iria ser. - Mas, agora, de nada adianta apontar um culpado, precisamos ir atrás de resultados. - Você está certa, Lia, disse o rei, vamos atrás do saber. - O bom é que ele não está muito longe, disse a menina, pois o senhor tem um salão cheio de livros para ler.

Eliseu, novamente, se intrometeu: - Na verdade, não é tão fácil assim, pois o livro que tens que ler está longe, nas terras da Ignorância sem fim. E quando chegares lá, três charadas terás que desvendar. - Seja sábia, inteligente, pois a ignorância é o pior inimigo que se pode enfrentar. - Vamos, suba em minha garupa, eu te levo até lá. Lia perguntou: - E onde ficam essas terras da Ignorância sem fim? Ficam à direita deste reino. Lá as pessoas são cruéis e arrogantes e o conhecimento não é algo interessante. Nas terras da Ignorância sem fim, o diferente não é aceito, o diferente é ruim. - Venha, vamos voar, chegaremos mais rápido pelo ar.

As terras da Ignorância sem fim eram fortemente vigiadas por seres estranhos que andavam selados, por isso, nem podiam olhar para o lado. Só olhavam para a frente, não eram nada inteligentes. No reino da Ignorância sem fim, as terras eram pobres, embora o povo acreditasse que fosse nobre. Lá o conhecimento não existia, porque o rei, “Burrardo”, terminantemente proibia. Era um reino cinza onde tudo era reprimido, a alegria e o colorido não eram permitidos. E o rei da Ignorância tinha muita liderança. Era um líder cruel e severo, dizia a todos que seu jeito ofensivo era o dom de ser sincero.

Quando Lia lá chegou, que tristeza ela ficou! Era mesmo um lugar de horror, só tinha tristeza e dor. Dentro do reino sombrio, Eliseu não a podia acompanhar, porque ele era diferente e, quem era diferente naquelas terras, o rei Burrardo não permitia ali adentrar.

Lia caminhou até uma praça: A Praça das Três Charadas. Confiante, determinada, a menina estava pronta para encarar a empreitada. Lia chegou a um palácio, era chamado de Covil. O palácio era comandado por lobos e só de ver, tinha arrepios. Mas a menina tinha uma missão e não perdia a determinação. Chegou facilmente à sala da charada, porque ela não era vigiada. A charada não



era nem um pouco difícil, o difícil era alguém saber ler. Respondendo a charada, Lia ganharia uma chave que a levaria ao livro do saber. Lia leu então a charada que assim dizia: O que é o que é? Se você estiver sobre o meu poder, o mundo irá te pertencer? Lia respondeu sem sofrimento, pois a resposta era o conhecimento.

De posse da primeira chave, partiu para o palácio ao lado, neste, ela viu corujas de vestidos pretos, um ambiente tenso e pesado. Chegou à sala de charadas e logo começou a ler: O que é o que é: Todo aquele que a mim tiver acesso, alcançará o progresso. Novamente respondeu com sucesso: - o conhecimento, pois somente com ele é que se evita o retrocesso.

“O terceiro” e último palácio era comandado por um jumento, de nome” Burrardo”, fútil e deslumbrado. “Burrardo” tinha sobre sua posse o “Livro do Saber”, este livro estipulava o modo como o povo de “Sabadópolis” deveria viver. Lia então chegou à sala de charadas, lá Burrardo aguardava a sua chegada. O pobre jumento não acreditava que Lia respondesse a charada, mas Lia tudo sabia, era muito danada! A charada assim dizia: Nasci junto com a humanidade e sou transmitido através dos tempos, antes pelo dito, agora pelo escrito. Lia então sorriu, pois novamente concluiu sem sofrimento que a resposta seria o conhecimento.



Quando o “Livro do Saber” Lia pegou, um clarão o céu rasgou e então nesse momento, tudo se transformou. Os reinos se unificaram e a ignorância teve fim. O conhecimento foi compartilhado, a paz e o progresso enfim alcançados. E o rei Sapiente estava agora consciente de que o conhecimento deve ser para toda gente. Quanto ao jumento Burrardo, este tem muito que aprender, ele ainda verá que o conhecimento é o que nos ajuda a crescer.

- Lia, acorde, disse o professor Irineu. Já é muito tarde e você adormeceu. Lia, então, assustada, percebeu que dormiu sentada. E foi para casa pensando na história vivenciada. Como alguém iria acreditar, caso ela resolvesse contar? Dizia a todo instante a ela mesma: - foi um sonho, foi isso que aconteceu. E então Lia abriu a porta de casa e algo surpreendente aconteceu: - Olá, Lia, sou Eliseu, um amigo seu...

Atividades

Elaboradoras: Andressa Carbonera Feltrin / Bruna Morais Fontella

1. Lia responde a três charadas cuja resposta é a mesma: o conhecimento. Segundo o texto, o que é conhecimento?

- 
2. Ao término da história, Lia acorda não conseguindo diferenciar o “real” do “imaginário”. Ao chegar em casa, porém, se depara com Eliseu. Em sua concepção, a aventura vivida por Lia foi real, ou tudo não passou de uma fantasia? Justifique sua resposta com base no texto.
 3. “Pegou o velho livro, sentou-se na sua poltrona preferida e pôs-se a ler e leu, leu tanto que adormeceu. E quando abriu os olhos: - Meus Deus, o que aconteceu?”. Supondo que a narrativa estivesse inacabada, crie uma nova história a partir do trecho acima.
- 



La Chica que todo sabía


Jaiara da Silva Quevedo

Traducción Daiane Santiago

Lia era una chica dulce, inteligente y chistosa. En la escuela, tenía muchos amigos pero su mejor compañía era el libro. La chica que traía la lectura hasta su nombre, hacía la biblioteca su casa y solo de lectura se alimentaba. – Leía, Lia, hablaba Sara, la profesora de la chica que adoraba los libros. Y en la biblioteca Érico Veríssimo, en medio a un montón de libros, la chica Lia, leía, y como leía! En la clase de aula, era la alumna más aplicada y por sus compañeros era mucho admirada. La dulce chica, por todos era llamada: Lia, la chica que todo sabía.

Leía muchos libros de aventuras, eran los que más les gustaba. Historias de héroes que, valientemente, salvaban las princesas; - ah, por esos ella se enamoraba. Un día, en busca de una nueva aventura habló a la profesora Sara: - profesora, necesito una nueva historia, de aquellas que se quedan en la memoria. Quiero un libro emocionante y quiero leer sin tardar, pero en la biblioteca ya he leído todos los interesantes. ¿Lo qué hago ahora? –Todos no, dice la profesora con la voz embargada. - La mejor historia usted aún no leyó. – Es un libro con la tapa de cuero negro que se queda en la última estante a la izquierda. - Si usted no encontrar, pide ayuda al profesor Irineu. Ayuda ella no precisó, pues conocía muy bien a la biblioteca, además de inteligente, Lia era muy sapeca. Agarró el libro viejo, sentó en su butaca preferida y se puso a leer y leyó, leyó tanto que adormeció. Y cuando abrió los ojos: - Dios mío, ¿ qué ocurrió?...

La chica que todo sabía, ahora no sabía más nada. - ¿Dónde estoy? Habló la chica, ella estaba despavorida. Y por un momento observó con espanto un unicornio que con ella hablaba: – Bienvenida, dijo él, hace mucho tiempo yo te esperaba. – Vamos, no tenemos mucho tiempo, su alteza aguarda a su llegada. Lia miraba impresionada aquella escena inusitada: - ¿Un unicornio? ¡y aún hablante! Por esa la chica no esperaba. Pasado el susto, entonces preguntó: - quién es usted? ¿Y por qué me llama de forma tan deprisa? El unicornio, entonces, respondió: - soy Eliseu, un amigo suyo y por ora no pregunté más nada. – Vamos luego, marcha chica, sea rápida, pues está retrasada. – Monte en mi grupa y aproveche la cabalgada.



El paseo fue increíble, ¿quién imaginaría? Viajando por tierras desconocidas, en un caballo y al aire y allá en el alto todo ella veía: ríos de chocolate y árboles como piruletas; - nuestra. Ese lugar es mismo un agito. Había ardilla con falda, onzas de birlocho el próximo a una hacienda muy hermosa, hay una plantación de chicles. Todo era fascinante, misterioso y inesperado. Volava al lado de Lia, un papagayo rubio con el do bico dorado. Realmente, aquella era mismo un lugar encantado.

Pero bien alto del monte existia un castillo amaldiçoado. Lá todo era triste y muy frio, hasta parecía abandonado. y de repente: - oh, ¿lo que ocurrió? Num repente, Eliseu arremeteu. Lia, intrigada, preguntou: - ¿pero que lugar es ese en que usted me puso? - me puse tranquila, bella chica, confié en Eliseu, este es elvreino de “Sabadópolis”, ayer bello y alegre, pero ahora un lugar que entristeció. - ¿Entristeció? - ¿y por que eso, mi amigo Eliseu? Entonces, muy cabizbajo, el respondió: - “Sabadópolis” era un reino próspero, alegre y todos eran muy sábios. Nuestro amado rei Sapiente era valiente, fuerte y, sobretudo, inteligente. - ¿Usted diche que era, Eliseu? Por acaso, ¿El rei se murrió? Oh, no, chica Lia, algo mucho peor ocurrió. - ¿Peor? - Si, mucho peor, pues él “emburreceu”. - Pero que cosa horrfbel, amigo Eliseu, ¿como fue que eso ocurrió? - Yo voy hablar todo, chica, pero no ahora. Por ora venga, Lia, pues suya alteza desea te ver ahora.

Cuando entró en la fortaleza del Saber, Lia, la chica que todo sabia, se sorprendió, pues un salón llenos del libros ella encontró. Prateleiras inteiras, libros de todas las maneras. Lia percebió entonces el desleixo y el abandono que ahora habitavan aquella lugar. - Todo vazio y largado, amigo Eliseu, entristeció solo de imaginar. - No se puse triste, Chica Lia, pues ahora usted ya esta aca y podra ayuda nosotros. - Ahora vamos hasta el rei Sapiente, elle ya supe que usted está presiente.

Delante del un gran salón , la chica estarreceu: pues el hombre triste y franzino apareció. Era el rei Sapiente, dueño de la fortaleza del saber. Lia, apavorada, pregunto: - pero sábio... ese hombre? Muy difícil creer. - Sea bien venida, chica, a mucho ansío en te ver. necesito ayuda de alguien muy, pues fue degradado a “emburrecer”. - Oh, no, majestad, pero que judiação. - ¿Quien lo condeno a tan cruel maldición? - Ora quién, lo más cruel vilão: El rei “Burraldo”, un hombre burro y malo, que abomina el saber y que no gusta leer.

Fue entonce que Eliseu se entrometió: y por eso, Lia, que necesito de su ayuda, pues el conocimiento no podria desaparecer. La maldición se va difundir por todo el reino y delante de la ignorancia, “Sabadópolis” se va parecer. - Ora, Eliseu, ¿como hago para eso no acontecer? - Leya, Lia, leya el todo irá se resolver.

- Ah, no, majestade, gustaria hablar que el señor me he traído acá solamente para leer?


- Lia, hablo el rei, en “Sabedópolis” todos somos sábios, pero todos de un distinto saber. El mio, por exemplo, era leer y escribir. - Si, hablou Eliseu, Sapiete era rei, porque fue agraciado con el dom de la lectura , lo más precioso saber. Pero por causa da maldición de “Burrardo”, ahora, em ese reino, ningun más sabe leyer. esto es, Lia: ningun además de usted.

- Pues te dicho una cosa, majestad, la culpa no es solo “Burrardo”, porque conocimiento es algo que debe ser compartido. - pero Lia, usted sabe que conocimiento es poder. - lo que haría, “Burrardo”, ¿se supiere leyer y escribir? - Lo que él haria yo no se, pero, com seguridad, una persona melhor él iria ser. - Pero, ahora, de nada adelanta apontar um el culpado, necesitaos ir trás de resultados. - usted esta cierta, Lia, hablou el rei, vamos atrás del saber. - El bueno es que elle no estará muy lejos, hablou la chica, pues el señor tiene un salón lleno de livros para leermos.

Eliseu, novamente, se entremetió: - En la verdad, no es tan fácil asi, pues el libro que tiene que leyer está lejos, en las tierras da Ignorancia sin fin. Y cuando llegar allá, tres acertijo tendrás que desvendar. - Sea sabia, inteligente, pues la ignorancia es peor enemigo que se pude afrotar. - Vamos, suba en mi grupa, yo llevo usted hasta allá. Lia preguntó: - ¿ dónde quedan esas tierras de la Ignorancia sin fin? localizan a la derecha del reino. allá las personas son cruel y arrogantes y el conocimiento no es algo interesante. En las tierras la Ignorancia sin fin, el diferente no eres acepto, lo diferente es malo. - Venga, vamos volar, llegamos más deprisa al aire.

Las tierras de la Ignorancia sin fin son fuertemente vigiadas por seres estranhos que caminan sellados, por eso, ninguna persona podría mirar para el lado. Solo para adelante, no eran nada inteligentes. El reino de la Ignorancia sin fin, las tierras eran muy pauperismo, aunque el pueblo acreditaba que fuiste noble. Allá el conocimiento no existia, porque el rei, “Burrardo”, terminantemente prohibía. Era un reino ceniza dónde todo era reprimido, la felicidad y el multicolor no estaba permito. y el rei de la Ignorancia había mucho lideré. Era un lider cruel y riguroso, hablava a todos que su jeito ofensivo era el don de ser sincero.

Cuándo Lia llegou, que lastima ella se puse! Era mismo un lugar de horror, solo tenía tristeza y dolor. Adentro del reino sombrío, Eliseu no podría acompañar, porque él era diferente y, quien era diferente en aquellas tierras, el rei Burrardo no permitía alá adentrar.



Lia caminó hasta una plaza: La Plaza de las Tres acertijos. Confiante, determinada, la chica estaba lista para arrostrar en esta lucha. Lia llegó en una fortaleza, era llamado el Covil. La fortaleza era comandado por lobos y solo de ver, tenía escalofríos . pero la chica tenía una misión y no podría perder la determinación. Llegó facilmente en la sala acertijos, porque ella no era vigiada. El acertijo no era nin un poco difícil, el difícil era alguien saber leer. Respondió el acertijo, Lia ganaría una llave que a levaria al libro del saber. Lia leyo entonces el acertijo que asi hablava: ¿ Lo que es lo que es? Si usted estuviera sobre el mío poder, el mundo te vas pertencer? Lia respondió sin sofrimento, pues la resposta era el conocimiento.

Con la primeira llave, adelante siguió para la fortaleza al lado, en ese, ella miro Búho con vestidos niegros, un ambiente tenso y pesado. llegó en la sala acertijos y luego empezó a leer: ¿Lo que es lo que es?: Todo aquello que a mi estuviera acceso, alcanzará el progreso. Novamente respondió con éxito: - El conocimiento, pues solo con elle es que se evita el retroceso.

“El terceiro” y última fortaleza es acaudillo por un asno, su nombre” Burrardo”, fútil y deslumbrado. “Burrardo” tenia sobre sa pose el “Livro del Saber”, ese libro estipulaba el modo como el pueblo “Sabadópolis” debería vivir. Lia entoces llegou a sala del acertijos, allá Burrardo aguardó su llegada. El pobre asno no creia que Lia respondió el acertijo ,pero Lia todo sabia, era mucho esperta! El acertijo asi hablava: Nasci junto con la humanidad y soy transmitido a través de los tiempos, antes pelo dijo, ahora escrito. Lia entonces sonrió pues novamente he logrado sin sufrimiento que la resposta sea el conocimiento.

Cuándo dl “Livro del Saber” Lia agarro, uma claridad rasgió el cielo y entonces em esse momento, todo se transformó. Los reinos se unificarán y la ignorância he acabado. El conocimiento fue compartido, La paz y el progreso al fin alcanzados. El rei Sapiente estaba ahora consciente de que el conocimiento deve ser para toda gente. Cuánto al asno Burrardo, este tiene mucho que aprender, él aun verá que el conocimiento es lo que nos ayuda a crecer.

- Lia, despierta, diche el profesor Irineu. ya es muy tarde y usted he adormecido. Lia, entonces, asustada, percebió que adormeció sentada. y fue para su casa pensando en la historia que he vivido. Como alguien acreditaría , caso ella resolverse contar? Diche a todo instante a ella misma: - fue un sueño, fue eso que aconteció. y entonces Lia abrió la puerta de su casa y algo sorprendente aconteció: - Ola, Lia, soy Eliseu, un amigo suyo...



The girl who knew everything

Jaiara da Silva Quevedo


Translated by Aryane Sonneborn Mendes

Reed was a sweet, intelligent and very funny girl. She had many friends in school, but her best company were books. The girl who bore reading even in the name, made the library her home and only fed herself with reading. “Read, Reed,” said Sarah, the teacher of the girl who loved books. In the school library, surrounded by a world of books, the girl Reed read, and how! She was the best student in class and was greatly admired by her classmates. They called the sweet girl *Reed, the girl who knew everything*.

Reed loved adventure books, which she liked the best. They were stories of heroes who bravely saved princesses. Oh, she really loved them. One day, in search of a new adventure, she told her teacher Sarah, “Teacher, I need a new story, one that stays in memory. I want an exciting book and I want to read it without delay, but I’ve read all the interesting ones from the library. What can I do now?” “Not all of them,” said the teacher in a trembling voice. “You haven’t read the best story yet. It’s a book with a black leather cover that’s on the last shelf on the left. If you can’t find it, ask teacher Phillipe for help.” She did not need any help, because she knew the library very well. Besides being intelligent, Reed was very smart. She picked up the old book, sat in her favorite armchair, and read and read and read. She read so much that she fell asleep. And when she opened her eyes, “Oh my God, what happened?” she cried.

The girl who always knew everything now knew nothing. “Where am I?” said the girl, who was scared. Then she saw in amazement a unicorn who spoke to her. “Welcome”, he said, “I’ve been waiting for you for a long time. Come, we don’t have much time, his highness awaits your arrival”. Reed looked impressed at that unusual scene. A unicorn? And a talking one, too! The girl did not expect that. After her fright, she asked, “Who are you? And why do you summon me so hurriedly?” Then the unicorn answered, “I’m Eliseo, a friend of yours, and don’t ask me anything else for now. Hurry up, young lady, be quick, because you’re late. Sit on my back and enjoy the ride.”

The ride was incredible, absolutely rare! Traveling over unknown lands,




on a unicorn, and in the air! From high above she could see everything: rivers of chocolate and lollipop trees. “Gosh!” she said. “This place is full of glee.” There were squirrels in skirts, jaguars in horse-drawn carts, and near a charming farm, there was a chewing gum plantation. Everything was fascinating, mysterious and unexpected. A blond parrot with a golden beak flew beside Reed. Indeed, that place was really charmed.

However, right on top of a hill was a cursed castle. Everything there was sad and cold, and it looked abandoned, full of mold. Suddenly, “Oh, what happened?” cried Reed. Unexpectedly, Eliseo plunged onto the land. Reed asked, intrigued, “What is this place you’ve gotten me into?” “Be at ease, fair girl,” said he. “Trust Eliseo. This is the kingdom of Wisdomopolis, which was once beautiful and happy, but which is now very unhappy.” “Unhappy? Why so, my friend Eliseo?” Then, he replied, head down, “Wisdomopolis was a prosperous and happy kingdom, and everyone here was very wise. Our beloved king Sapient was valiant, strong and above all, intelligent.” “Did you say *was*, Eliseo? Did the king die?” “Oh, no, Miss Reed, something worse happened.” “Worse?” “Yes, much worse, because he ‘dumbed down.’” “What a terrible thing, my friend Eliseo! How did that happen?” “I will tell you everything, young lady, but not now. Come without delay, Reed, because his highness wishes to see you right away.”

When she entered the Palace of Knowledge, Reed, the girl who knew everything, was impressed, for she saw a hall full of books compressed. There were many, many bookshelves, filled with books of all kinds themselves. Reed then noticed the neglect and desolation that now inhabited that location. “It’s all empty and forsaken, dear friend Eliseo. I sadden only to imagine that.” “Don’t be sad, Miss Reed, because now you are here and you can help us. Now let’s go to King Sapient, he already knows that you are present.”

When she arrived before a large hall, the girl was appalled, for a sad and feeble-looking man was there installed. He was King Sapient, lord over the Palace of Knowledge. Reed asked, terrified, “Wise? This man? It’s very hard to believe.” “Welcome, child,” said the King. “I’ve been looking forward to seeing you for a long time. I need the help of someone very wise, because I’ve been cursed to ‘dumb down.’” “Oh, no, Your Majesty, that is so perverse! Who has put you under such a cruel curse?” “Now who else could it be but the cruelest villain, King Dumbald? He’s a stupid and evil man who hates knowledge and who does not like reading.”

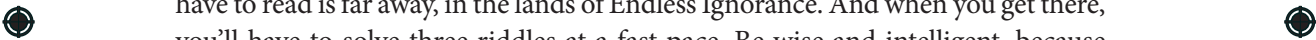
Then Eliseo added, “That’s why, Reed, we need your help, because knowledge cannot disappear. The curse will spread throughout the kingdom and in the face of



ignorance, Wisdomopolis will perish.” “Now, Eliseo, how can I prevent this from happening?” “Read, Reed, read and everything will be solved.” “Oh, Your Majesty, do you mean that you brought me here just to read?”

“Reed”, said the king, “in Wisdomopolis we are all wise, but we all have different kinds of wisdom. Mine, for example, was to read and write.” “Yes”, said Eliseo, “Sapient was king, because he was blessed with the gift of reading, the most precious knowledge. But because of the curse of Dumbald, now, in this kingdom, nobody can read anymore. That is, Reed, no one but you.”


“Well, let me I tell you one thing, Your Majesty. The blame is not only on Dumbald, because knowledge is something that must be shared.” “But Reed,” said the king, “you know that knowledge is power. What would Dumbald do if he could read and write?” “What he would do, I don’t know,” replied the girl, “but I’m sure he’d be a better person. But now, there’s no point in finding whom to blame; we need to reach our aims.” “You’re right, Reed”, said the king. “Let’s go after knowledge.” “The good thing is that it’s not very far”, said the girl, “because you have a room full of books to read.”



Eliseo jumped in again, “Actually, it’s not that easy, because the book you have to read is far away, in the lands of Endless Ignorance. And when you get there, you’ll have to solve three riddles at a fast pace. Be wise and intelligent, because ignorance is the worst enemy one can face. Come on, get on my back, and I’ll take you there.” Reed asked, “Where are these lands of Endless Ignorance?” “They are at the right of this kingdom,” said Eliseo. “People there are cruel and arrogant, and they think knowledge is not something interesting. In the lands of Endless Ignorance, what is different is not accepted, what is different may be intercepted. Come, let’s fly without care, we’ll get there faster through the air.”

The lands of Endless Ignorance were strongly guarded by strange beings who wore horse blinders, so they could not see beside them. They could only look ahead, intelligence was not in their heads. In the kingdom of Endless Ignorance, although lands were in poverty, people believed they were part of nobility. Knowledge did not exist there, because King Dumbald strictly forbade it. It was a gray kingdom where everything was repressed, and where joy and color were not accessed. And the king of Ignorance possessed much leadership. He was a cruel and severe leader, telling everyone his offensive way was the gift of being sincere.

When Reed arrived there, how sad she was! It was really a place of horror, full of sadness and pain. Eliseo could not follow her in the dark kingdom, because he was different, and King Dumbald did not allow who was different to enter those lands.



Reed walked to a square, the Square of the Three Riddles. The girl was confident and resolute, she was ready to face the task. She arrived at a palace called Wolf Lair. The palace was run by wolves, and just by seeing them, she felt a cold air. But the girl had a mission and did not lose her determination. She easily arrived at the riddle room because it was watched by no groom. The riddle was not difficult at all. The difficult thing was to find someone who could read. By solving the riddle, Reed would win a key that would take her to the *Book of Knowledge*. Then Reed read the riddle that said, "What is it? If you are under my power, the world will belong to you." Reed answered as if she were in college, for the answer was *knowledge*.

Holding the first key, she left for the next palace. There saw saw owls in black cloaks, and felt a tense, heavy atmosphere. She arrived at the riddle room and soon began to read, "What is it? Whoever to me has access will achieve progress." Again she answered successfully, "*Knowledge*, because only with it it's possible to avoid retrogression."

The third and last palace was ruled by a donkey named Dumbald, who was futile and dazzled. Dumbald had in his possession the *Book of Knowledge*. This book stipulated how the people of Wisdomopolis should live. Reed then arrived at the riddle room, where Dumbald waited for her arrival. The poor donkey did not believe Reed would answer the riddle, but she knew everything, her mind was as fit as a fiddle! The riddle thus read, "I was born with humanity and I am transmitted over time. At first, by what was spoken, and now by what is written." Then Reed smiled, for once again she concluded without suffering that the answer would be *knowledge*.

When Reed held the *Book of Knowledge*, a flash of light tore the sky, and then everything changed. The kingdoms were reunited, and ignorance came to an end. Knowledge was partaken, and peace and progress were finally unshaken. King Sapient was now aware that knowledge must be shared by everyone. As for Dumbald the donkey, he has much to learn. He is still to see that knowledge is what helps us ignorance to burn.

"Reed, wake up", said Teacher Phillipe. "It's already very late and you've fallen asleep." Reed then realized that she had slept while sitting. She went home thinking about the story she had experienced. How would anyone believe it if she decided to tell it? She kept telling herself, "It was a dream, that's what happened." When Reed opened her house door, something surprising happened: "Hello, Reed, I'm Eliseo, a friend of yours..."



Ilustração de Isabella Moscatelli



A última sentença

Eduarda Bueno da Silveira
Tailine Fabiana de Freitas Vigel
Luiza Bicca de Melo Sanger

Fiquei sentada perto da janela, com a liberdade à vista, mas fora de alcance. Suspirei cansada, não preguei o olho a noite toda, sempre que tentava dormir, eu via aqueles olhos frios me observando.

- Sarah, venha - disse um guarda abrindo a porta da cela.

- Claro... - respondi baixo sendo algemada.

Me conduziram até uma sala, me sentei em uma cadeira, dois guardas estavam atrás de mim para garantir que eu não fugisse. Uma porta abriu e uma mulher loira entrou.

- Bom dia, Srta. Sarah - disse sentando-se na minha frente.

- Bom dia, Sra. Agnes - falei com a voz sem emoção.

- Como deve saber, esta será nossa última sessão, então me diga *somente* a verdade - disse dando ênfase no somente.


-Tudo bem – falei, antes de começar a contar minha história outra vez.

Eu estava na quinta série, tinha onze anos na época. O verão havia chegado uns dias mais cedo aqui na Geórgia.

Fiquei meio nervosa em ir para escola, pois algumas crianças foram encontradas sem vida, tenho medo de ser a próxima. Senti algo bater em meu braço e a vi, Mary Bell, a menina estranha da escola.

Não sei por que razão, mas sempre sentia um arrepio perto dela, como se ela fosse perigosa. No entanto, eu ignorava essa sensação.

Na sala de aula sentei na frente, como de costume; a professora Anya disse que a atividade seria em dupla. Fiquei distraída e assustada com a coruja que



estava na janela me observando, pois ela já estava me seguindo há dias, parecia que queria me mostrar ou me falar algo. De repente ouvi nossos nomes.

- Sarah Markroff e Mary Bell Lockwood.


Meu sangue gelou ao ouvir o nome da estranha da escola, meu mundo caiu naquela hora. Tudo na sala sumiu: a professora e meus colegas, exceto eu, Mary Bell e a coruja.

- Vamos começar o trabalho, Mary Bell, temos que entregar o quanto antes - disse em tom apressado, pois não queria ficar muito tempo com sua presença.


Mary Bell, ao notar que eu estava observando a coruja, sussurrou em meu ouvido - senti um frio na espinha - ela está te seguindo também?

Fiquei apavorada, pois até esse momento eu pensava que só eu poderia enxergar essa tal coruja. Então, logo já desviei o assunto: - Vamos, Mary Bell, temos muito que fazer no trabalho ainda.

O sino da escola bate, temos um mês para entregar o bendito trabalho.



Alguns dias se passaram, e a pergunta de Mary Bell não saía da minha cabeça. Procurei-a para saber mais informações do que a gente via.



Fui em direção ao pátio da escola e senti que estava sendo seguida, olhei para trás e não acreditei no que vi. Parecia uma mistura de Mestre dos Magos com o Dobby do Harry Potter - e o mais estranho é que a coruja o acompanhava - uma coisa meio engraçado e desengonçada. Fitei-o por alguns segundos, mas continuei caminhando, olhei para trás novamente e ele havia sumido.


Vi Mary Bell em um banco, sozinha, cantarolando uma melodia de Beethoven; quando me viu, saiu logo gritando como uma louca: - E aí, Pixel! - só porque eu era baixinha. Então me veio um sorriso amarelo no qual não consegui disfarçar e sentei-me ao lado dela.

- Você sabe por que essa coruja aparece? Sabe o nome dela? - Questionei.

- Queria saber também o porquê de ela aparecer, mas ela me fala coisas. E o nome dela... Ah, o nome dela é Jenifer. - Mary Bell me respondeu.

- Te fala coisas? Que tipo de coisas? - Questionei novamente.

- Bom, ela me fala sobre crianças e... assassinatos. Sobre massacres, antes mesmo de eles acontecerem.



Lembrei-me das crianças que foram encontradas mortas algumas semanas atrás. Fiquei pensativa e muitas perguntas se formavam em minha cabeça. Se ela sabia sobre os massacres antes mesmo deles acontecerem, será que ela já estava ciente de que essas crianças iriam morrer?

- Você sabia então que essas crianças iriam morrer?


- Psiuuuu, fala baixo... claro que sabia.

- Por que você não fez nada para impedir? - Fiquei sem reação e braba, pois, se ela podia impedir, por que o não fez?

- Eles mereciam... eram desobedientes, levados e mimados.

- Você é louca! Deveria ter impedido! - Gritei.

Logo após, Mary Bell olhou para mim, com uma risada sarcástica e saiu andando em direção aos corredores. Continuei sentada, pois não teria aula no próximo período e resolvi estudar ali mesmo.



Me perdi nos livros e, quando olhei para o lado, vi aquela coisa híbrida e estranha novamente. Levei um susto ao vê-lo. Ele estava quieto e me observando, foi quando senti que precisava me falar algo.

- Nunca se esqueça, Sarah, nas trevas olhe para a luz.

Como num passe de mágica, ele sumiu novamente. Não deu tempo nem de eu responder. Fiquei confusa: por que será que ele me disse aquilo?


O sino bateu e então fui em direção à sala de aula. Teria que terminar e entregar o bendito trabalho em dupla. Chegando na sala, Mary Bell já estava me esperando como se nada tivesse acontecido e nunca tivéssemos conversado. Sentei ao lado dela e começamos a fazer o trabalho.

- Preciso ir ao banheiro, Sarah - consenti com a cabeça.

Senti alguém me cutucando e olhei para saber quem era. Vi então a coruja e o “mago”. Estavam quietos, porém apontavam para o caderno de Mary Bell, como se tivesse algo importante para ser visto.

A coruja então voou em direção ao meu ombro e sussurrou repetidas vezes: - *Abre o caderno... Abre o caderno, rápido antes que ela venha.*

Fiquei nervosa mas tomei coragem e abri. Não pude acreditar no que estava



vendo, uma sensação de medo e mal-estar tomavam conta de mim. Uma lista com todos os nomes, locais, horas e motivos sobre os assassinatos das crianças. Tudo já estava planejado. Ela planejou tudo. Será que eu seria a próxima?

Dei uma olhada para ver quem seriam as próximas vítimas e vi que o nome da querida professora, Anya, estava na lista. Eu não podia ficar parada sem fazer nada, sabendo o que estava prestes a acontecer. Bati uma foto das informações e guardei o caderno no lugar. Mary Bell voltou e agi como se nada tivesse acontecido. Terminamos o trabalho e fui para casa.

Tudo iria acontecer dali a algumas horas, fiquei pensando no que eu poderia fazer para impedir a professora de morrer. Eu gostava dela, ela era uma pessoa do bem. Acho que Mary Bell não gostava porque estava quase rodada e queria se vingar.

Então, decidi ir até o local e na hora que iria acontecer. Cheguei lá em silêncio para Mary Bell não me ouvir, me escondi ao ver uma sombra passando pela porta dos fundos. Escutei uns gritos de desespero, de dor, de alguém precisando de ajuda. Entrei correndo para impedir que o pior acontecesse, mas já era tarde. Ela a matou. Sem dó.

Pude escutar ela cantarolando Beethoven e falando, com aquele riso sarcástico:

- Ninguém mandou você me deixar rodar nessa disciplina.

Estava na hora errada, no lugar errado e no dia errado. Mary Bell sumiu e logo após a polícia entrou derrubando a porta. Vi-me sem chão, perdida ao lado do corpo da professora. Eu nunca faria isso, essa crueldade.

- E foi isso que aconteceu, Agnes. Mary Bell, a menina estranha da escola, foi ela.

- Sinceramente, Sarah, eu pensei que dessa vez você falaria a verdade - Agnes declarou decepcionada.

- Eu disse a verdade, foi realmente o que aconteceu.

- Então você está falando nesse tal de “mago” e coruja, não parece algo realista, e sim imaginação fértil de uma criança – a doutora disse debochada.

- Sei que parece loucura, mas é assim que me lembro. Eu não matei a professora Anya, eu não sou louca.

- Só que a descrição do ocorrido é bem diferente do meu ponto de vista. Para mim, isso é uma imaginação de uma criança - a doutora continuou sendo debochada.

- Mas...

Agnes me interrompe: - Sarah, eu realmente quero ajudar, mas esse caso é sem solução. Você estava na cena do crime e todas as evidências apontaram você. Nos vemos amanhã no seu julgamento - disse Agnes levantando e se virando para ir embora, mas parou antes de sair pela porta:

- Eu realmente não acho que você seja uma assassina.

Fiquei sentada olhando a porta fechar e não sabia mais o que fazer. Eu contei a verdade várias vezes e ninguém acreditou em mim. Todos pensam que eu sou louca, mas eu sei a verdade e eu a falei.

Fui levada de volta à cela, amanhã será o julgamento. No entanto, pude sentir aqueles mesmos olhos gelados me observando e ouvi a risada sarcástica de Mary Bell na minha cabeça, debochando de mim. Era ela que deveria estar aqui e não eu.

O que me conforta é lembrar do mago e de suas sábias palavras: “*Nas trevas, olhe para a luz*”. Tenho esperança de que amanhã alguém acredite em mim.

Atividades

Elaboradora: Isadora Gobbi Pinto

1. Por que Mary Bell era considerada uma menina estranha na escola?
2. Qual a importância da coruja Jenifer no desenrolar da trama? Descreva um acontecimento que comprove sua resposta.
3. Elabore um novo parágrafo, mudando o desfecho da história e criando um novo final.



La última sentencia

Eduarda Bueno da Silveira

Tailine Fabiana de Freitas Vigel

Luiza Bicca de Melo Sanger

Traducido por Flavia da Silva Fagundes

Estaba en la silla cerca de la ventana, mirando la libertad, pero fuera de alcance. Suspiré cansada no había cerrado los ojos toda la noche, siempre que intentaba acostarme veía aquellos ojos fríos observándome.

- Sarah, venga - dijo un guardia abriendo la puerta de la celda.

- Por supuesto... - contesté bajo siendo esposada.

Me condujeron hasta una sala, me senté en una silla, dos guardias estaban atrás de mí para garantizar que yo no huyese. Una puerta abrió y una mujer rubia entró.

- Buenos días, Señorita Sarah - dijo sentándose en mi frente.

- Buenos días, Señora Agnes - hablé con la voz sin emoción.


- Como debe saber, esta será nuestra última sesión entonces dígame solamente la verdad - dijo dando destaque en el solamente.

- En la clase senté en la frente, como solía; la maestra Anya dijo que la actividad sería en parejas. Me puse distraída y asustada con la lechuza que estaba observándome, pues ella ya me estaba siguiendo había algunos días, parecía que quería mostrarme o hablarme algo. Hasta oír mi nombre.

- Sarah Markroff y Mary Bell Lockwood.

Mi sangre heló al oír el nombre de la extraña de la escuela, mi mundo cayó en aquella hora. Todo en la sala sumió: la maestra y mis compañeros, excepto Mary, yo y la lechuza.

-Vamos a empezar el trabajo, Mary Bell, tenemos que entregar lo más



breve posible - dije en ton apresurado, pues no quería quedar mucho tiempo con su presencia.

Mary Bell, al notar que yo estaba observando la lechuza, susurró en mi oído - sentí un frío en la espina - ¿ella está siguiéndote también? Me puse asustada , pues hasta ese momento yo pensaba que solo yo podría mirar esa tal lechuza. Entonces, luego ya desvié el asunto: - Vámonos, Mary Bell, tenemos mucho que hacer en el trabajo aún.

La campana de la escuela suena, tenemos un mes para entregar el bendito trabajo. Algunos días se pasaron, y la pregunta de Mary Bell no salió de mi cabeza. La procuré para saber más informaciones de lo que nosotros veíamos.

Fui en dirección al patio de la escuela y sentí que estaba siendo seguida, miré hacia atrás y no creí en lo que vi. Parecía una mezcla de Maestre de los Magos con el Dobby del Harry Potter - y el más extraño es que la lechuza lo acompañaba - una cosa un poco graciosa y desarreglada. Clavé una mirada por algunos segundos, pero seguí caminando, miré por detrás nuevamente y él había sumido.

Vi Mary Bell en un banco, sola, canturreando una canción de Beethoven; cuando me vio, salió luego gritando como una loca: - ¡Hola Pixel! - sólo porque yo era una bajita. Entonces me vino una sonrisa amarilla en la cual no pude disfrazar y me senté al lado de ella.

-¿Tú sabes por qué esa lechuza aparece?¿Sabes tu nombre? - Pregunté.

Quería saber también lo porque de ella aparecer, pero ella me habla cosas. Y el nombre de ella... Es Jenifer. - Mary Bell me respondió.


¿Te habla cosas? ¿Qué tipo de cosas? - Pregunté nuevamente.

Bien, ella me habla sobre niños y... Asesinatos. Sobre masacres, antes mismo que ellos sucedan.

Me acordé de los niños que fueron encontrados muertos algunas semanas antes. Me puse pensativa y muchas preguntas se formaron en mi cabeza. Si ella sabía sobre los masacres antes mismo que ellos sucedieron. ¿Será que ella ya estaba informada de que esos niños irían a morir?

¿Tú sabías entonces que esos niños irían a morir?

Habla bajo... por supuesto que sabía.



¿Por qué tú no has hecho nada para impedir? Quedé sin reacción y molesta, pues, si ella podría impedir ¿por qué no lo ha hecho?

Ellos merecían... Eran desobedientes, malcriados y mimados.

¡Tú eres loca! ¡Debería haber impedido! - Grité

Luego después, Mary Bell miró para mí, con una risa sarcástica y salió andando en dirección a los pasillos. Seguí sentada, pues no había clase en los periodos siguientes y resolví estudiar allí mismo.

Me perdí en los libros y, cuando miré para el lado, vi aquella cosa híbrida y extraña nuevamente. Llevé un susto al verlo. Él estaba quieto y observándome, fue cuando sentí que necesitaba hablar algo.

Nunca se olvide, Sarah, en las tinieblas mire hacia la luz.

Como en un truco de magia, él subió nuevamente. No dio tiempo ni di yo responder. Me confundí: ¿por qué será que él me dijo aquellas cosas?

La campana sonaba y entonces fui en dirección a la sala de la clase. Tenía que cerrar y entregar el bendito trabajo en parejas. Llegando en la sala, Mary Bell ya estaba esperándome como si nada tuviera sucedido y nunca tuviésemos conversado. Me senté al lado de ella y empezamos a hacer el trabajo.

Necesito ir al baño, Sarah - consentí con la cabeza.

Sentí alguien tocándome y miré para saber quién era. Y entonces la lechuza y el “mago” estaban quietos, pero apuntaban para el cuaderno de Mary Bell, como si tuviera algo importante para ser visto.

La lechuza entonces voló en dirección a mi hombro y susurró repetidas veces: - Abre el cuaderno... Abre el cuaderno, de prisa antes que ella venga.

Me puse nerviosa pero tomé coraje. No creí en lo que estaba viendo, una sensación de miedo y malestar tomaba cuenta de mí. Una lista con todos los nombres, locales, horas y razones sobre los asesinatos de los niños. Todo ya estaba planeado. Ella planeó todo. ¿Será que yo sería de la siguiente?

Eché un vistazo para ver quién serían las siguientes y vi que el nombre de la querida profesora, Anya, estaba en la lista. Yo no podría quedar parada sin hacer nada, sabiendo lo que estaba luego a suceder. Hice una foto de las informaciones y guardé el cuaderno en el lugar. Mary Bell volvió y actuó como si



nada hubiera sucedido. Encerramos el trabajo y fui para la casa.

Todo iría suceder en algunas horas, pensaba en lo que yo podría hacer para impedir la profesora de morir. A mí me gustaba a ella, ella era una persona buena. Creo que a Mary Bell no le gustaba porque estaba casi reprobada y quería vengarse.

Entonces decidí ir hasta el local y en la hora que iría a suceder. Llegué allá en silencio para Mary Bell no oírme, me escondí al ver una sombra pasando por la puerta de los fondos. Escuché unos gritos de desesperación, de dolor, de alguien necesitando ayuda. Entré corriendo para impedir que el peor sucediese, pero ya era tarde. Ella la mató. Sin pena.

Pude escuchar ella canturreando Beethoven y hablando, con aquella risa sarcástica:

Nadie mandó dejarme reprobado en esta asignatura.

Estaba en la hora equivocada, en el lugar equivocado y en el momento equivocado. Mary Bell sumió y luego después la policía entró derrumbando la puerta. Me vi sin suelo, perdida al lado del cuerpo de la profesora. Yo nunca haría eso, esa crueldad. Y fue eso que sucedió, Agnes. Mary Bell, la chica extraña de la escuela, fue ella.

Sinceramente, yo pensé que tú me hablarías la verdad - Agnes declaró decepcionada.

Yo dije la verdad, fue realmente lo que sucedió.

Entonces tú estás hablando en este tal de “mago” y lechuza, no pareces algo realista, y sí la imaginación fértil de una niña - la doctora me siguió ridiculizando.

Pero...

Agnes me interrumpió: - Sarah, yo realmente quiero ayudar, pero ese caso es sin solución. Tú estabas en la escena del crimen y todas las pruebas apuntaron tú. Nos vemos mañana en el juzgamiento tuyo - dijo alguien levantándose y volviendo para marcharse, pero paró antes de salir por la puerta:

Yo realmente no creo que tú seas una asesina.

Quedé sentada mirando la puerta cerrar y no sabía más lo que hacer. Yo he dicho la verdad varias veces y nadie creyera en mí. Todos piensan que yo soy



loca, pero yo sé la verdad y yo la dije.

Fui llevada de vuelta a la celda, mañana será el juzgamiento. Pero, pude sentir aquellos mismos ojos helados observándome y oí la risa sarcástica de Mary Bell en mi cabeza, despreciando de mí. Era ella que debería estar aquí y no yo.

Lo que me conforta es recordar del mago y de sus sabias palabras: “En las tinieblas mire hacia la luz”. Tengo esperanza de que mañana alguien crea en mí.



The Last Trial

Eduarda Bueno da Silveira

Tailine Fabiana de Freitas Vigel

Luiza Bicca de Melo Sanger

Translated by Rafael Lissarassa de Oliveira and Thayná Lemos Fortes

I was sitting by the window with the freedom at sight, but out of the reach. I sighed tiredly; I could not get a wink of sleep the whole night. Every time I tried to sleep, I saw those cold eyes watching me.

“Sarah, come,” said the guard opening the cell door.

“Yes, sir...” I answered quietly while I was being handcuffed.

They led me to a room; I sat down on a chair. Two guards were behind me to make sure that I did not run away. A door opened and a blond woman came in.

“Good morning, Miss Sarah,” she said, sitting down facing me.

“Good morning, Ms. Agnes,” I said emotionless.

“As you may know, this will be our last session. So, tell me only the truth,” she said emphasizing the word ‘only’.


“All right,” I said, before start telling my story again.

I was in the 5th grade and at that time, I was eleven years old. Summer had arrived some days earlier here in Georgia.

I got nervous about going to school because some children had been found dead, and I was afraid to be the next one. I felt something hit my arm and I saw her, Mary Bell, the weird schoolchild.

I do not know why but I always felt a shiver of fear when I was close to her, as if she was dangerous. However, I overlooked that sensation.

In the classroom, I sat down in the front desk as usual. Teacher Anya said



the activity should be done in pairs. I got distracted and worried about the owl that was on the window staring at me, because it had been following me for days. It seemed it wanted to show or tell me something. Then, I heard my name.

“Sarah Markroff and Mary Bell Lockwood.”

My blood froze when I heard the weird schoolchild’s name. My world fell apart at that very moment. Everybody in the classroom disappeared: the teacher and my classmates, except for Mary Bell, the owl and me.

“Let’s start our assignment, Mary Bell. We have to deliver it as soon as possible,” I said in a hurried tone because I did not want to stay long with her.

When Mary Bell noticed I was looking at the owl, she whispered something in my ear and I felt a chill down on my spine:

“Has it been following you, too?”

I got desperate, because until that moment I thought I was the only one who could see that owl. So, I changed the subject:

“Let’s go Mary Bell; we still have a lot to do in this task.”

The school bell rang. We had a month to deliver that paper. Some days passed, and Mary Bell’s question did not get out of my head. I looked for her to get more information about the things we saw.


I went straight to the schoolyard and felt I was being followed. I looked back and could not believe my eyes. There was a creature that seemed a mixture of Dungeon Master and Dobby from Harry Potter and, the strangest thing was that the owl was following it, which was funny and clumsy. I looked at it for some seconds, but I kept walking. I looked back again, and it had disappeared.

I saw Mary Bell alone on a bench, humming a Beethoven’s song. When she saw me, she soon started screaming like crazy, “Hey Pixel,” because I was short. I grinned because I could not hide and then I sat down next to her.

“Do you know why that owl shows up sometimes? Do you know her name?” I asked.

“I also wanted to know why she appears and tells me things like that. And her name... Oh, her name is Jenifer,” Mary Bell answered.

“Does she tell you things? What kind of things?” I asked again.



“Well, she tells me about children and ... murders. About massacre, even before they happen.”

I remembered the children that had been found dead some weeks before. I got thoughtful and many questions appeared in my head. “If she knew about the massacre before it happened, was she aware those children would die?”

“Did you know those kids would die?” I asked.

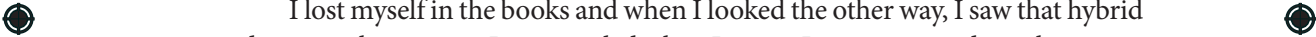
“Shhhh, speak quietly... Of course I did.”

“Why didn’t you do anything to stop it?” I was puzzled and got angry, because if she could have avoided it, why didn’t she?

“They deserved it... They were naughty, cheeky and spoiled.”

“You are crazy! You should have prevented it from happening!” I screamed.

Soon after, Mary Bell looked at me, sarcastically laughed and left walking towards the corridors. I remained sitting because I would not have classes after that. So, and I decided to study right there.



I lost myself in the books and when I looked the other way, I saw that hybrid and strange thing again. I was startled when I saw it. It was quiet and watching over me. It was then when I felt the creature wanted to talk with me.

“Never forget Sarah, in the darkness look at the light.”

As if by magic, it disappeared again. I did not even have the time to answer. I was confused, “why did it say that to me?”

The bell rang and I walked towards the next classroom. I had to finish and hand in that damn pair work assignment. Arriving in the classroom, Mary Bell was already waiting for me as if nothing had happened and as if we had never talked. I sat by her side and we started to do the activity.

“I need to go to the restroom, Sarah.” I nodded.

I felt someone poking me and then I looked to see whom it was. Then, I saw the owl and the Master. Both were in silence, but they were pointing at Mary Bell’s notebook as if there was something important for me to see.

Then, the owl flew onto my shoulder and whispered several times “Open the notebook... Open it before she comes back.”



I got tense but I got the courage to open it. I could not believe what I was saw. A feeling of fear and uneasiness came over me. A list with every name, location, time and reasons for the children’s assassinations. Everything had been planned. She had planned everything. Would I be the next one?

I searched for the name of the next victims and I saw that the name of our beloved teacher, Anya, was on the list. I could not stand still and do nothing, knowing what was about to happen. I took a picture of the information and put away the notebook in its original place. Mary Bell came back, and I acted as if nothing had happened. We finished the activity and I went home.

Everything would happen in a few hours. I started thinking what I could do to prevent the teacher from dying. I liked her. She was a good person. I think Mary Bell did not like her because she was going to fail out and wanted to get revenge.

Then, I decided to go to the place where it would happen at the specific time. I arrived there silently so that Mary Bell could not listen and I hid when I saw a shadow passing by the back door. I heard screams of despair, of pain. Someone needed help. I rushed to stop the worst, but it was too late. She had killed her. Mercilessly.

I was able to hear her hum Beethoven and speak with that sarcastic laughter.

“You deserved it. I shouldn’t have failed your subject.”

I was at the wrong place and time. Mary Bell disappeared and soon after the police arrived and kicked down the door. I was motionless, lost by the side of the teacher’s corpse. I would have never done that cruelty.


“And that was what happened, Agnes. Mary Bell, the weird schoolgirl. It was her.”

“Honestly, Sarah, I thought that this time you would tell the truth,” Agnes stated, disappointedly.

“I told the truth. That was what really happened.”

“So, you are talking about this “master” and an owl. It does not seem to be something realistic but a child’s fertile imagination,” said the doctor, mocking me.

“I know it sounds absurd, but that’s what I remember. I did not kill teacher Anya. I’m not crazy.”



“But the description of the events is quite different from my point of view. To me, this is a child’s imagination,” continued the doctor mockingly.

“But...”


Agnes interrupted me.

“Sarah, I really wanted to help you, but this case has no solution. You were at the crime scene and all the evidence leads to you. See you tomorrow in your trial,” said Agnes as she stood up and turned back to leave, but she stopped before walking out the door.

“I really do not think you are the murderer.”

I stayed sitting, watching the door close and I did not know what to do. I had told the truth many times but nobody had believed me. Everybody think I am crazy, but I know the truth and I told it.

I was taken back to my cell. Tomorrow the trial would take place. However, I could feel those same cold eyes watching me and I heard Mary Bell’s sarcastic laughter in my head, mocking me. She was the one who should be here, not me.



What comforts me is the memory of the Master and his wise words: “In the darkness, look at the light”. I hope that tomorrow someone will believe me.

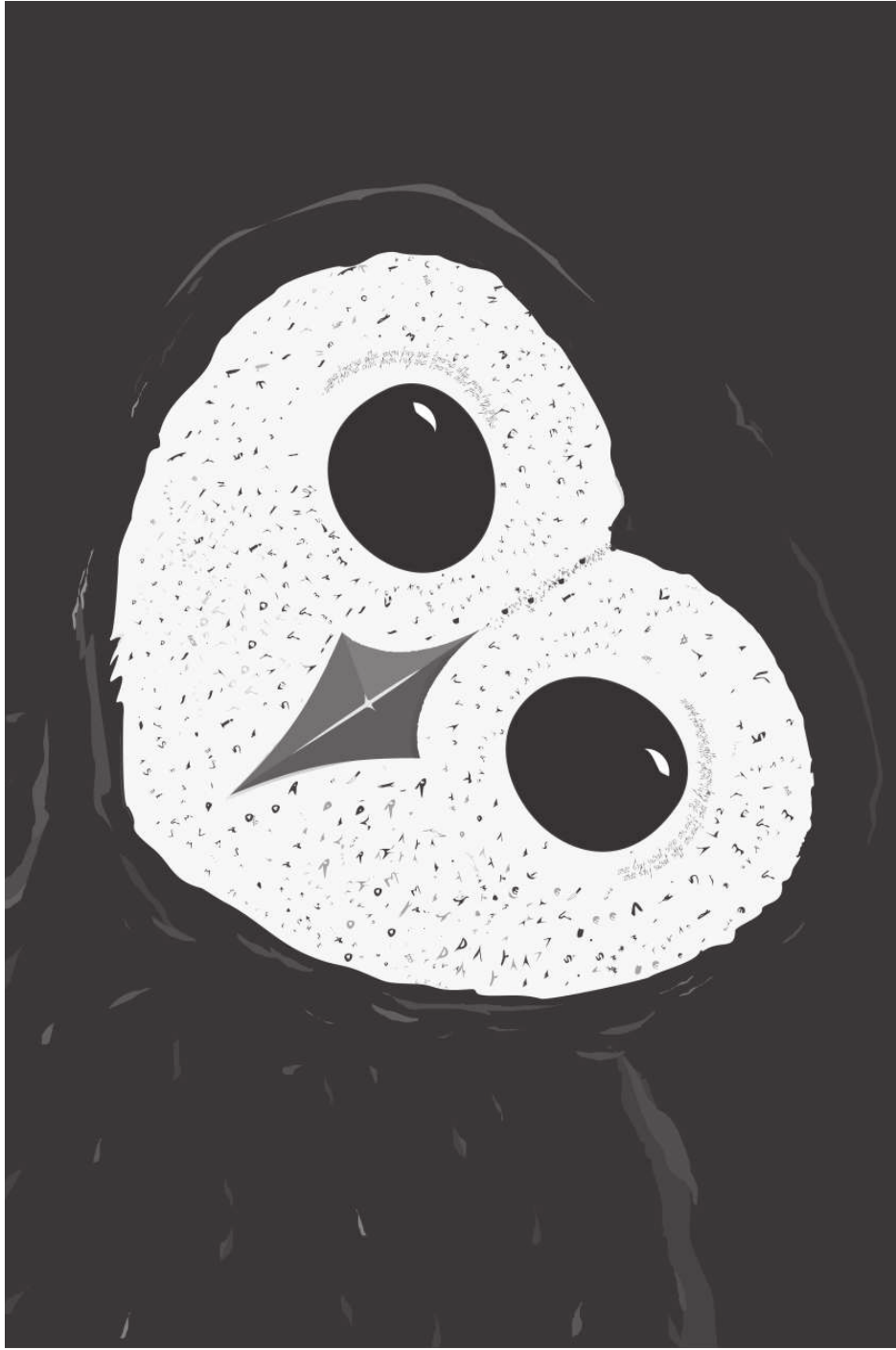



Ilustração de Gabriel Tadeu Mesquita




Armagedom

Alexsandra Alves Rosa


Andressa Carbonera Feltrin



Não sei ao certo há quanto tempo vago por este mundo. Só sei que não sou o único. Existem outros como eu. Somos aquelas figuras soturnas, negras, que andam às margens da Terra. Em meio aos humanos, somos imperceptíveis, afinal, eles não podem nos ver. Não sou aquilo que chamam de *morte*, sou apenas um servidor dela, ou melhor, um enviado daquele que tem muitos nomes e ao qual a humanidade teme. Imóvel, no último andar de uma antiga construção abandonada, ao lado de uma enorme gárgula e com o vento a fustigar meu rosto, observo as minúsculas formigas que transitam, de um lado para outro, na via movimentada lá embaixo. Posso sentir, daqui de cima, o cheiro fétido e pútrido que suas almas exalam. Quando chegasse a hora, eu poderia até mesmo sentir comiseração. Mas não fomos feitos para isso. Nossa natureza impede que nos igualemos aos homens, sendo assim, não somos dotados de sentimentos tão sórdidos.




Dando as costas à escuridão, me misturo aos transeuntes. Caminhando lentamente, observo os rostos desfigurados pelos demônios que habitam em seus corpos. Não há resquícios de beleza em uma espécie condenada à perdição. Os pensamentos que se alojam em seus crânios são os mais variados; desde assuntos fúteis, como roupas de grife, até a preocupação por estarem atrasados para uma reunião – mal sabem eles que seus relógios da vida andam para trás. Sabemos a que ponto chegou a crueldade humana quando o Céu e o Inferno decidem fazer um trato. Foi assim que tudo começou. Deus, em sua infinita bondade, criou a pior raça de todo o universo; mal sabia Ele o que o ser humano faria com sua obra de arte chamada Terra. O Diabo, por outro lado, se satisfazia com a má índole dos filhos do Senhor, e se alimentava de cada pensamento, ato e desejo torpes que emanavam deles. Entretanto, chegou uma época em que nem mesmo os servos celestes poderiam auxiliar a raça inferior, nem os demônios suportavam tocar suas almas. Foi quando o firmamento e o bátratro decidiram unir forças – se é que isso era possível. Foi aí que nós entramos. Ceifadores. Até então nossa tarefa consistia em levar os seres humanos, quando chegasse a hora, desse mundo. Era uma tarefa simples: ou subia ou descia. Um contrato. Em vida,



sem perceber, as pessoas assinam contratos – com o céu ou o inferno. Não há um meio termo. Você não escolhe; é escolhido. Suas atitudes dirão a que direção você deverá seguir. Há quem tente, em meio ao desespero, barganhar com a morte, ou melhor, conosco – o que, tenho de deixar claro, não funciona.

Muitos avisos foram dados pelo Senhor. Avisos sutis e, digamos, bondosos – desastres naturais, por exemplo. O Cavaleiro das Trevas, por outro lado, preferiu atos mais hediondos, como atentados, incêndios ou brigas regadas a bebidas alcoólicas. Em meio a isso tudo, os ceifadores levavam as almas que se perdiam para sempre. Se olhar para os lados, agora, nesse exato momento, é possível que não veja, mas existe um número incontável de servidores da morte apenas esperando o momento certo para chegar próximo o suficiente de um ser humano e, com um toque, levá-lo, de vez, desse lugar. Cegos, os homens temem a morte porque ela simboliza a passagem para o desconhecido; mal sabem eles que o inferno é aqui. Mesmo com o caos instaurado na Terra, as insignificantes criaturas inferiores não souberam identificar os avisos divinos, muito menos aqueles vindos do submundo. Continuamos levando novas almas sem que o ser humano notasse o que estava fazendo. Colérico, porém, o Diabo queria tomar medidas mais enérgicas; ameaçando retirar os ceifadores de suas atividades, forçou o Senhor a tomar uma posição. Pior do que ter que lidar com a sordidez humana era fazer o homem habitar, por tempo vitalício, esse mundo. Assinou, então, os termos propostos. O ser humano seria entregue à sua própria sorte. A maior e, possivelmente, mais trágica criação divina estava entregue aos cuidados de outro senhor.

Parado em meio à calçada, retiro, do terno, um antigo relógio de bolso. O fim do mundo não tem hora para começar; mas a renovação dele, sim. Os mostradores indicam que é uma questão de segundos para a nova legião sair dos confins da Terra e habitar a superfície. Do outro lado da rua, ouço um grito estridente de uma jovem mulher. Alucinada, ela começa a arranhar o próprio rosto; nas marcas de unhas escorrem gotas de sangue. Um homem de meia idade, sentado em um banco, divaga por um certo tempo antes de pegar a caneta com que fazia palavras cruzadas e começar a golpear suas próprias mãos. Que horrores essas pessoas acabavam de ver, de sentir? Seria o reflexo de suas próprias almas? Ao meu redor, inúmeros ceifadores, imóveis, observam a chegada dos servidores do Senhor dos Infernos. O ser humano iria, finalmente, aprender que não é preciso estar morto para sentir as consequências e os horrores de sua má índole. Um som atordoante começa a sair da terra. O asfalto que cobre a rua ganha enormes rachaduras. O caos é instaurado. No céu, o sol já não brilha



com a mesma intensidade e tudo agora é breu e solidão. O vazio da noite parece consumir tudo a seu redor, como uma espécie de buraco negro; e os vultos demoníacos, com suas risadas lúgubres e roucas, circulam por entre os homens, mulheres e crianças. Silêncio. Nem uma viva alma ousa se movimentar. De longe, vindo de muito longe, uma criatura surge em meio às sombras. Os ceifadores começam a caminhar, muito devagar, em retirada. Sabemos que nossos serviços já não são mais necessários, porque a própria Morte, vinda dos recônditos da Terra, ergue-se frente à humanidade.

Atividades

Elaboradoras: Karine Cezar Zappaz / Sariane Boff Dias

1. De acordo com o texto, qual era a tarefa dos ceifadores?
2. Com base no seu conhecimento literário, relacione o conto “Armagedom” com outro texto que aborde a mesma temática. Justifique sua escolha.
3. Para que você compreenda melhor o conto, procure o significado das palavras abaixo e crie uma frase para cada uma delas, utilizando a temática da história.

Gárgula

Fétido

Transeuntes

Torpes

Recônditos





Armagedom

Alexsandra Alves Rosa


Andressa Carbonera Feltrin

Traducción Daiane Santiago



No se al cierto a cuánto tiempo vago por ese mundo. Solo se que no soy el único. Existe otros como yo. Somos aquellas figuras soturnas, negras, que caminan en las margen por la Tierra. En medio a los humanos, somos imperceptíveis, al final, elles no pudem nos ver. No soy aquillo que llaman de *muerte*, soy apenas un servidor de ella, o mejor, un invitado daquelle que tiene muchos nombres al cual la humanidad teme. Inmoble en el último piso de una antigua construcción abandonada, al lado de una enorme gárgula y con el viento a fustigar mi rostro, observo as minúsculas hormigas que transitan, de un lado a otro, en una calle movimentada abajo. Pudo sentir, ala ariba, el olor fétido e pútrido que sus almas exalam. Cuando llegase la hora, yo podria hasta mismo sentir comiseración. pero no fuimos hechos para eso. Nuestra naturaleza impide que seamos iguales a los hombres, siendo asi, no somos dotados de sentimientos tan sórdidos.


Dar la espalda a oscuridad, me mezclo a los transeuntes. Caminando lentamente, observo los rostros desfigurados pelos demonios que habitan en sus corpos. No ha resquicios de belleza en una especie condenada a perdición. Los pensamientos que se alojam en sus cabezas son los más variados; desde asuntos fúteis, como ropas de grife, hasta la preocupación por estaren retrasado para una reunión – mal supun ellos que sus relojos da vida anda para trás. Sabemos a que punto llegou la crueldade humana Cuando a Cielo y al Inferno deciden hacer un trato. Fue asi que todo empezó. Dios, en su infinita bondad, crío la peor raça de todo el universo; mal sabia Elle lo que el ser humano haria con sua obra de arte llamada Tierra. Lo Diabo, por el otro lado, se satisfacía con la mala índole del hijo de lo Señor, y se alimentaba de cada pensamiento, ato e deseo torpes que emanavam elles. Sin embargo, llegou una época en que ni mesmo los siervos celestes podrian ayudar la raza inferior, ni los demonios suportaban tocar sus almas. Fue cuándo e firmamento y báratro decidiran unir las fuerzas – si es que eso era posible. Fue allá que entramos. parcas. Hasta entonces nuestra



tarea consistía en llevar los seres humanos, cuando llegase a hora, de ese mundo. Era una tarea simple: o arriba o abajo. Un contrato. En vida, sin percibir, las personas firman contratos – con el cielo o inferno. No hay un medio término. Usted no elige; es elegido. Sus actitudes dicen a qué dirección usted deberá seguir. Hay quien tantea, en medio del desespero, bargañar con la muerte, o mejor, con lo que tengo dejado aclarado, no funciona.

Muchos avisos serán dados por el Señor. Avisos sutiles y, digamos, amables – catástrofes naturales, por ejemplo. El Caballero de las tiniebras, por otro lado, he preferido a los más agradables, como atentados, incendios o peleas llenas de bebidas alcohólicas. En medio de eso todo, los parcas llevarán las almas que se perdían para siempre. Miranba para los lados, ahora, en ese exacto momento, es posible que no vea, pero existe un número incontable de servidores de la muerte solo esperando el momento cierto para llevar el próximo el suficiente de un ser humano y, con un toque, llevarlo, de vez, de ese lugar. Ciegos, los hombres temen la muerte porque ella simboliza el pasaje para el desconocido; malo supieron ellos que el inferno es aquí. Mismo con el caos establecido en la tierra, las criaturas inferiores no supieron identificar los avisos divinos, mucho menos aquellos venidos de lo submundo. Seguimos llevando nuevas almas sin que el ser humano se diera cuenta lo que estaba haciendo. Colérico, por eso, el Diablo quisiera tomar medidas más enérgicas; amenazando sacar los parcas de sus actividades, obligó al Señor a tomar una posición. Peor de lo que tener que lidiar con la sordidez humana era hacer al hombre habitar, por un tiempo vitalicio, ese mundo. Firmaste, entonces, los términos propuestos. El ser humano sería entregado a su propia suerte. La mayoría es, posiblemente, más trágica creación divina estaba entregado a los cuidados del otro señor.

Parado en medio de la acera, saco, del traje de ceremonia, un antiguo reloj de bolsillo. Al fin del mundo no tenía hora para empezar; pero la renovación de él, sí. El mostrador indicaba que es una cuestión de segundos para la nueva legión salir del confinamiento de la Tierra y habitar la superficie. Del otro lado de la calle, escucho un grito estridente de una joven mujer. Alucinada, ella empieza a arrancar su propio rostro; en sus marcas de unhas escorren gotas de sangre. Un hombre de media edad, sentado en un banquillo, divaga por un cierto tiempo antes de pegar el boligrado con que hacía un crucigrama y empieza a golpear sus propias manos. Qué horror esas personas terminan de ver, de sentir? Sería el reflejo de sus propias almas? Al mirar alrededor, innumerable parcas, inmóviles, observan la llegada de dos servidores del Señor de los Infernos. El ser humano iría, finalmente, aprender que no es preciso estar muerto para sentir las consecuencias



y los horrores de suya mala índole. Un sonido aturdimiento empezó a salir de la tierra. El pavimento que cobre la calle gana enormes grietas. El caos es instaurado. En el cielo, el sol ya no brilla con la misma intensidad y todo ahora es breu y soledad. El vacío de la noche parece consumir todo a su alrededor, como una especie de agujero negro; y los bultos demoníacos, con sus risas lúgubres y roucas, circulan a través de los hombres, mujeres y niños. Silêncio. Ni una viva alma ousa se movimentar. De lejos, venindo muy lejos, una ocorre una criatura al médio em las sombras. Los parcas empezan a caminar, muy despacio, en retirada. Supimos que nuestros servicios ya no son más necesarios, porque la propria Muerte, venida dos recônditos de la Tierra, ergue-se frente à humanidad.



Armageddon

Alexsandra Alves Rosa

Andressa Carbonera Feltrin

Translated by Tailine Mer Madeira and


Guilherme Rodrigues Canabarro

I am not sure how long I have wandered around this world. I just know I am not the only one. There are others like me. We are those gloomy, dark figures who walk on the edges of the Earth. We are imperceptible among humans; after all, they cannot see us. I am not what people call *death*. I am just its server, or better, I am an envoy who has many names and humanity fears.

Immobile, on the top floor of an old abandoned building, next to a huge gargoyle, while the wind whipped me in my face, I watched the tiny ants that walked from one side to another, on the busy road down there. From above, I could smell the fetid and putrid smell that their souls exhaled. When the time came, I would even be able to feel sympathy. However, we were not made for that. Our nature prevented us from being equal to humanity. Therefore, we were not endowed with such nasty feelings.


Turning my back on the darkness, I stayed among the passersby. Walking slowly, I observe their faces, disfigured by the demons that dwell their bodies. There are not traces of beauty in a doomed species. The thoughts stuck in their minds were several: from futile issues like designer clothes to the worry of being late for a meeting. They barely know their life watches go backwards.

We know to what extent human cruelty goes when Heaven and Hell decide to make a deal. That is how it all started. God, with his infinite goodness, created the universe's worst race. He barely knew what the human being would do with His masterpiece called Earth. On the other hand, the Devil satisfied himself with the nasty character of the children of God, and fed from every dreadful thought, act or desire that emanated from them. However, there was a time when neither the celestial servants could help the inferior race nor the demons could stand touching their souls. That was when Heaven and Hell decided to join forces – if




that is possible. That was when we joined. Reapers. Until then, our job was to take the humans from this world, when the time came. It was a simple task: they either went up or went down. A contract. During their lifetime, without realizing, people sign contracts – with heaven or hell. There is no middle ground. You do not choose; you are chosen. Your attitudes will tell the direction you must follow. Amid despair, there are people who try to bargain with death, or better, with us – and I have to make it clear: it does not work.

The Lord has given many warnings. Subtle warnings and, if I may say so, kind ones as well: natural disasters, for example. The Dark Knight, in contrast, preferred the most heinous acts, like terrorism, fires or fights triggered by alcohol. In the midst of it all, the Reapers took the souls that were lost forever. If you look the other way, now, right now, you might not see it, but there is a countless number of reapers just waiting for the right moment to get close enough to a human being and, with a single touch, take him, forever, from this place. Blind, men fear death because it symbolizes the passage to the unknown. Little do they know that hell is right here. Even with the chaos established on Earth, the insignificant feeble creatures did not know how to identify the divine warnings, let alone the ones from the underworld.





We continued to take new souls without humans noticing what they were doing. Wrathful, however, the Devil wanted to take drastic measures: by threatening to take the Reapers away from their activities, he made the Lord take a position. Making humanity live in this world for a lifetime was worse than having to handle the filthy humans. Therefore, he signed the proposed terms. Humans would have to live their own fate. The biggest and, probably, the most tragic divine creation had been given to the care of another lord.

Standing in the middle of the sidewalk, I took out an old pocket watch from my suit. The end of the world does not have time to start, unlike its renewal. The watch hands indicated that it was a matter of seconds until the new legion went to the confines of the earth to inhabit the surface. On the other side of the street, I heard the piercing scream of a young woman. Hallucinated, she began to scratch her own face. Blood dripped down from the scratch marks. Sitting on a bench, a middle-aged man wandered around for some time before taking a pen with which he was doing a crossword puzzle to stick his own hands. What horror had these people just seen, and felt? Could it be the reflection of their own souls? All around me, countless reapers, motionless, observed the arrival of the servants of the Lord of Hell. Humans would finally learn that they did not need to be dead to feel the consequences and the horror of their evil nature.



A stunning sound began to echo on earth. The asphalt that covered the street started to crack. Chaos was established. In the sky, the sun did not shine as bright as it used to and now there was only darkness and solitude. The emptiness of the night seemed to consume everything it touched, just like a black hole; and the evil figures with their gloomy and hoarse laughter, circled among men, women and children. Silence. Not even a living soul dared to move. From far away, a creature appears in the midst of shadows. The reapers started to walk back, very slowly. We knew our services were no longer needed, because, from the depth of the Earth, death itself had risen in front of humanity.



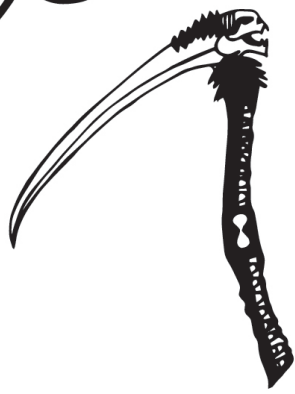


Ilustração de Rafael Carvalho





Benício e os gnomos


Gabriel Pasqualotto Gama

Paula Regina Dobrecoستا Freitas

Os vizinhos já haviam se acostumado com aquela bicicleta em alta velocidade descendo a rua. Era seis de Junho, final de tarde e o frio era intenso. Um dos vizinhos avistou Benício descendo a rua e desviou do menino.

- Desculpa, senhor! - gritou o menino que quase esbarrou no homem que estava na calçada.

- Vá para casa, está previsto para hoje uma forte tempestade. - alertou o vizinho. O menino concordou com a cabeça e seguiu com sua bicicleta sem dar importância para o aviso que acabava de receber.



Benício tinha um mundo muito particular, não se sentia parte de um grupo, nem bem aceito em sua família, tinha poucos amigos e as outras crianças frequentemente o chamavam de esquisito. Ele gostava de pedalar sozinho pelo seu pequeno bairro, durante tanto tempo que nem via a hora passar.

Estava pedalando em uma de suas praças preferidas quando a chuva começou. “Droga, minha mãe vai me matar” pensou o garoto que decidiu ir o mais rápido possível para casa. A chuva estava realmente forte e o Benício estava assustado com os raios estrondosos que caíam na terra. Desejou chegar logo em casa, mas a chuva estava cada vez pior e ele quase não enxergava sem óculos e com eles pouco adiantava, pois estavam encharcados. Seguiu pedalando para casa e pensando em como seria feio o castigo quando sentiu perder o controle da bicicleta e foi arremessado a uns metros à frente. A queda resultou em uma dor repentina. Lentamente o menino levantou e caminhou em direção à bicicleta, curioso para saber o que o havia derrubado. Próximo da bicicleta havia um embrulho, de uma cor parecida com metal, pesado, que continha uma fita brilhante. Benício tentou desamarrá-la, mas não conseguiu. Colocou o pacote dentro de seu casaco e caminhou empurrando sua bicicleta por alguns quarteirões até que, finalmente, chegou em sua casa.

Dona Isabel abriu a porta da casa com a cara de uma mãe preocupada:



– Já te avisei, Benício, que não te quero fora de casa depois das 17 horas, meu filho. Ainda mais com uma tempestade dessas, o que poderia ter acontecido contigo? Vá já para o banho e na volta conversamos.


Subindo as escadas, ele lembrou que estava com aquele embrulho que havia encontrado, então escondeu o pacote debaixo da cama e foi fazer aquilo que sua mãe havia mandando. Após o jantar, Isabel conversou com o filho e determinou que o castigo fosse três dias sem andar de bicicleta. Aquilo foi pior que a dor do tombo para Benício. Andar de bicicleta era o seu hobby e ele não imaginava outra forma de ocupar seu tempo se não fosse pedalando.

Deitado na cama, o garoto não conseguia parar de pensar em como seus dias seriam tediosos sem poder percorrer o bairro lá fora, até que acabou por adormecer. Como se fosse um sonho, Benício ouviu uma voz fina e engraçada chamar seu nome. “Abra aqui, Benício”, “Abra logo”. Achou que estava sonhando e se virou para o outro lado, a fim de afastar aquela voz da sua cabeça, mas agora os chamados pareciam mais altos e Benício se levantou da cama assustado. Acendeu a luz e começou a procurar de onde vinha o barulho. Constatou que não havia nenhum monstro em seu quarto e riu de si mesmo pela ideia. Sentou na cama e lembrou-se do pacote. Pegou-o e colocou em sua cama. Agora ele parecia muito mais bonito que antes. Puxou a fita e ela se desamarrou com estranha facilidade. Benício não entendeu o motivo de não ter conseguido abri-la antes e deduziu que deveria ser pelo fato de ambos estarem molhados. Quando olhou dentro do pacote, viu que se tratava de um livro. O menino não gostava de ler, mas achou melhor abri-lo e ver se encontrava pistas para localizar o verdadeiro dono e devolvê-lo.

Agora, com o pacote aberto, Benício ficou espantado, pois não havia uma palavra sequer escrita. “Como pode um livro não ter palavras?” pensou. E continuou folheando, quando percebeu que o livro ainda estava molhado, deixou o livro na cama e foi buscar um pano para enxugá-lo. Virou-se novamente para cama e não acreditava no que estava vendo: um gnomo estava sentado, bem ali, na sua cama. Tinha a pele verde e um capuz vermelho, era bastante pequeno e, quando o gnomo disse “Olá!”, o menino gritou com toda sua força, um grito de susto, mas o som não saía de sua boca.

– Eu silencieei seu grito. - explicou o gnomo. – Vocês humanos são muito previsíveis!

O menino abriu e fechou os olhos várias vezes, na tentativa de acordar do sonho que achava que estava tendo. Cada vez que fechava os olhos contava lentamente até três e abria de novo, mas o gnomo continuava lá, sorrindo para ele.



- Eu não sou parte de seu sonho, bobinho. Eu estou aqui, me toque se desejar. - disse o gnomo.

Benício estendeu um dedo paulatinamente até encostar-se à pele aveludada daquele ser, pensou alguns minutos, perplexo, até que indagou:

- Se eu não estou sonhando e você existe, o que você está fazendo aqui? De onde você vem e o que quer comigo?

- Ora, como assim de onde vim?! - disse o gnomo ofendido. - Nós, gnomos, sempre existimos, nossa morada é dentro dos livros. Nunca ouviu falar de nós?

- Bem, eu já ouvi, mas não acreditava nisso. É história para crianças.

- E o senhor adulto tem quantos anos? - falou ironicamente o gnomo.

- 11 anos. Quase 11!

- Tudo bem, isso não interessa. Existem coisas mais importantes para nos preocuparmos. Você precisa me ajudar a voltar para a casa.

- Eu? Do que você está falando? Eu nem conheço você, criatura.


- Agora conhece! Eu estou preso aqui e preciso que me ajude a voltar para casa.

Benício ainda estava muito confuso, mas tentava entender tudo o que aquele gnomo estava falando.

- Como você ficou preso aqui? Como saiu de dentro desse livro?

O gnomo começou a lhe explicar:

- Nós nem sempre vivemos em livros. Em um tempo distante, nós dividíamos a terra com vocês, seres humanos, e era muito agradável, até que a caixa de Pandora foi aberta e escaparam todos os males que assombram o mundo. Depois que isso aconteceu, os humanos nunca mais foram os mesmos, a mentira e a ganância tornaram o mundo um lugar hostil e nosso mestre determinou que ficassemos morando em livros. Acontece que algum intrometido descobriu onde nos escondíamos e com a intenção de lucrar com a nossa existência, roubou vários livros da biblioteca municipal da cidade, lugar em que maior parte da minha família estava abrigada. Sorte a minha ter caído pelo caminho e ter encontrado você.



- E o que você quer que eu faça? Essa cidade não é grande, mas mesmo assim não é possível saber quem são todas as pessoas que passam na biblioteca da cidade. E também eu não tenho nada a ver com essa história.

- Eu tenho um plano! - exclamou entusiasmado o gnomo. - Você está de castigo, ouvi sua mãe falando com você, mas, se você mostrar que usará seu tempo de forma útil, ela bem que poderá repensar sobre seu castigo.

Benício começou a se interessar por esse plano que poderia tirá-lo do castigo e indagou:

- E o que eu devo fazer?

O gnomo explicou detalhes do plano que consistia em pedir para sua mãe para ir à biblioteca ler nos dias que estava de castigo e aproveitar que estava dentro da biblioteca para pesquisar sobre quem roubou os livros. Isabel ficou espantada com a proposta do filho. Nunca o viu lendo por vontade própria, mas achou conveniente aceitar.

- Está bem, você pode ir à biblioteca de bicicleta durante o castigo, mas só se me prometer que não mudará a rota. De casa para a biblioteca e da biblioteca para casa. Se não cumprir o prometido, o castigo será dobrado.


- Eu prometo! - disse o menino sem pestanejar.

Nos dias que se sucederam, o menino foi alegre com sua bicicleta e com o gnomo escondido em seu casaco até a biblioteca. Adorava sentir o vento em seu rosto, mesmo que por alguns minutos.

Na biblioteca, o menino fez o que havia combinado com o gnomo e os dois pesquisaram sem parar de todas as formas possíveis. O menino abordava frequentadores da biblioteca, funcionários e até conseguiu acesso às câmeras de segurança do local, mas todo o esforço resultava em nada. Durante esses dias, Benício até começou a gostar do gnomo. Ele era engraçado e contava coisas que Benício nunca ouviu falar. Quando estavam trancados no quarto, comiam pipocas e assistiam a filmes. Benício lia junto com o novo amigo procurando pistas sobre sua família e notou que a leitura podia ser prazerosa e interessante.

Havia se passado cinco dias, o castigo de Benício já havia acabado, mas o garoto continuava dedicando grande parte do seu dia para ajudar seu amigo, até que à noite o gnomo sentou-se na cama de Benício com um semblante sério.

- Está com saudade de casa? - perguntou o menino.

- 
- Estou. E é por isso que preciso voltar.
 - Eu sei, nós vamos encontrar o ladrão de livros.
 - Não, você não entendeu! Eu volto hoje!
 - Mas, como? Nós não encontramos nenhuma pista.
 - Meu amigo, lembra da caixa de pandora?
 - Sim, eu lembro! Desde que os males foram soltos, nunca mais os humanos foram os mesmos...

O gnomo interrompeu:

- Nunca mais foram os mesmos, mas alguns se tornaram melhores, assim como você. Você se dedicou a ajudar um ser que nunca havia visto, mesmo quando isso não tinha mais benefícios para você. Isso significa que a missão dos gnomos deve continuar. Nós perseguimos os males soltos por Pandora e neutralizamos os impactos, porém nosso mestre estava desistindo de lutar pelos humanos, havia decretado que viveríamos apenas em nosso mundo paralelo. Eu não aceitei, eu acredito na humanidade e resolvi provar que estava certo e encontrei você!

Neste momento muitos outros gnomos apareceram em seu quarto, inclusive o mestre. Benício estava tão encantado que não conseguia falar nada. O mestre aproximou-se dele e fez um gesto de agradecimento.

- Obrigado, amigo! Encontro-te nos livros! - disse o gnomo.

Atividades

Elaboradoras: Joinete Rodrigues dos Santos / Márcia Daiane Tavares Borges

1. Analisando a situação vivida pelo personagem Benício, o que você achou da atitude dele com relação a um ser estranho?
2. Para você, a amizade de Benício e o gnomo foi positiva ou negativa? Justifique.
3. Você já viveu alguma experiência parecida com a de Benício? Descreva-a e relate para a turma.



Benicio y los duendes

Gabriel Pasqualotto Gama

Paula Regina Dobrecoستا Freitas

Traducción: Juliana Marques da Gama

Los vecinos ya se habían acostumbrado a esa bicicleta en gran velocidad por la calle. Era el 6 de junio, la última hora de la tarde, y el frío era intenso. Uno de los vecinos vio a Benicio caminando por la calle y aparto use del niño.


- ¡Lo siento, señor! - Gritó el niño que casi se topa con el hombre en la acera.

-Vete a casa, se espera una fuerte tormenta hoy. Advirtió el vecino. El niño asintió y siguió con su bicicleta sin prestar atención a la advertencia que acabara de recibir.

Benicio tenía un mundo muy privado, no se sentía parte de un grupo, no le aceptaban bien en su familia, tenía pocos amigos y los otros niños a menudo lo llamaban raro. Le gustaba montar en bici solo en su pequeño vecindario, tanto tiempo que ni siquiera podía ver el tiempo pasar.

Estaba pedaleando en una de sus plazas favoritas cuando comenzó a llover. “Maldita sea, mi madre me va a matar”, pensó el chico que decidió irse a casa lo antes posible.

La lluvia fue realmente fuerte y Benicio se asustó por el atronador relámpago que cayó sobre la tierra. Quería llegar pronto a casa, pero la lluvia empeoraba y no podía ver sin gafas y tampoco ayudaba pues estaban empapados. Todavía estaba pedaleando a casa y pensando en lo feo que sería el castigo cuando se sintió que estaba perdiendo el control de la bicicleta y se lanzó unos cuantos metros más adelante. La caída dio lugar a un dolor repentino. Lentamente, el niño se levantó y caminó hacia la bicicleta, curioso por saber qué lo había derrumbado. Junto a la bicicleta había un gran paquete similar a un metal que contenía una cinta brillante. Benicio trató de desatarla, pero él no pudo. Puso el paquete dentro de su abrigo y caminó empujando su bicicleta por un par de calles hasta que finalmente llegó a su casa.



Doña Isabel abrió la puerta de la casa con el rostro de una madre preocupada:

– Te dije, Benicio, que no te quiero fuera de casa después de las cinco, hijo mío. Especialmente con semejante tormenta, ¿qué podría haberte pasado? A la ducha y después hablamos.


Subiendo las escaleras, recordó que tenía el paquete que había encontrado, luego escondió el paquete debajo de la cama y fue a hacer lo que su madre le había pedido. Después de la cena, Isabel habló con su hijo y determinó que el castigo era de tres días sin andar en bicicleta. Eso fue peor que el dolor de la caída de Benicio. El ciclismo era su pasatiempo y no podía imaginar otra forma de tomar su tiempo si no pedaleaba.

Acostado en la cama, el niño no podía dejar de pensar en lo aburrido que sería no poder caminar por el vecindario hasta que finalmente se durmió. Como si fuera un sueño, Benicio escuchó una voz graciosa y graciosa que lo llamaba. “Abre aquí, Benicio”, “Abre pronto”. Pensó que estaba soñando, y se dio la vuelta para sacar la voz de su mente, pero ahora las llamadas parecían más fuertes y Benicio se levantó de la cama, alarmado. Encendió la luz y comenzó a buscar el sonido. Se dio cuenta de que no había monstruos en su habitación y se rió de sí mismo por la idea. Se sentó en la cama y recordó el paquete. Él lo recogió y lo puso en su cama. Ahora se veía mucho más guapo que antes. Tiró de la cinta y la desató con inusitada facilidad. Benicio no entendía por qué no había podido abrirlo antes y dedujo que debía de ser porque ambos estaban mojados. Cuando miró dentro del paquete, vio que era un libro. Al chico no le gustaba leer, pero encontraba mejor abrirlo y ver si podía encontrar pistas para localizar al verdadero propietario y devolverlo.

Ahora, con el paquete abierto, Benicio estaba asombrado, porque no había una sola palabra escrita. “¿Cómo puede un libro no tener palabras?” Y continuó hojeando, cuando se dio cuenta de que el libro todavía estaba mojado, dejó el libro en la cama y buscó un paño para limpiarlo. En el que estaba mirando: un gnomo estaba sentado allí mismo en su cama, su piel verde y una capucha roja era bastante pequeña, y cuando el gnomo dijo “Hola”, el niño gritó con todas sus fuerzas, un grito. Pero el sonido no salió de su boca.

– Silenció su grito. El duende explicó. “¡Ustedes los humanos son muy predecibles!”

El niño abrió y cerró los ojos muchas veces, tratando de despertarse del



sueño que creía que estaba teniendo. Cada vez que cerraba los ojos, contaba lentamente hasta tres y abría de nuevo, pero el gnomo seguía allí, sonriéndole.

- No soy parte de tu sueño, tonto. Estoy aquí, tócame si lo deseas. Dijo el duende.

- Benicio extendió un dedo hasta que se apoyó contra la piel terciopelo de ese ser, pensó por un momento, perplejo, hasta que preguntó:

- Si no estoy soñando y tú existes, ¿qué haces aquí? ¿De dónde vienes y qué quieres conmigo?

- Bueno, ¿de dónde vengo?” dijo el duende ofendido. “Nosotros los duendes, siempre existimos, nuestra morada está en los libros. ¿Nunca has oído hablar de nosotros?

- Bueno, lo he oído, pero no lo creí. Son historias para los niños.

-¿Y el señorito cuántos años tienes? dijo el duende con ironía.

- 11 años. ¡Casi 11!

- Está bien, eso no importa. Hay cosas más importantes que preocuparse. Necesitas ayudarme a volver a la casa.

- ¿yo? ¿De qué estás hablando? Ni siquiera te conozco, criatura.


- ¡Ya lo sabes! Estoy atrapado aquí y necesito que me ayudes a volver a casa.

Benicio todavía estaba muy confundido, pero trató de entender todo lo que el duende estaba hablando.

-¿Cómo te quedaste atrapado aquí? ¿Cómo saliste de este libro?

El gnomo comenzó a explicar:

- Nosotros siempre vivimos en los libros. En un tiempo distante, dividimos la tierra con ustedes, humanos, y fue muy agradable, hasta que se abrió la caja de Pandora y se escaparon todos los males que perseguían al mundo. Una vez que eso sucedió, los humanos nunca fueron lo mismo, la mentira y la codicia hicieron del mundo un lugar hostil, y nuestro maestro determinó que debíamos habitar en los libros. Resulta que una persona entrometida descubrió dónde nos escondíamos y, con la intención de aprovechar nuestra existencia, robó varios libros de la biblioteca municipal de la ciudad, donde estaba protegida la



mayor parte de mi familia. Suerte que me haya quedado en el camino y te haya encontrado.

-¿Y qué quieres que haga?” Esta ciudad no es grande, pero aun así no es posible saber quiénes son todas las personas que pasan en la biblioteca de la ciudad. Y yo tampoco tengo nada que ver con esta historia.

Benicio comenzó a interesarse en este plan que podría sacarlo del castigo y le preguntó:

-¿Y qué debo hacer?

- ¡Tengo un plan! exclamó el duende con entusiasmo. -Estás castigado, escuché a tu madre hablar contigo, pero si demuestras que usarás tu tiempo de una manera útil, es posible que reconsidere tu castigo.

El duende explicó los detalles del plan que consistía en pedirle a su madre que fuera a la biblioteca para leer los días en que estaba castigado y disfrutar que estaba dentro de la biblioteca para buscar quién había robado los libros. Isabel estaba asombrada por la propuesta de su hijo. Nunca lo había visto leer por su propia voluntad, pero pensó que debería aceptarlo.


“Está bien, puedes ir a la biblioteca con la bicicleta durante el castigo, pero solo si prometes no cambiar la ruta. Desde el hogar a la biblioteca y la biblioteca del hogar. Si no cumples tu promesa, tu castigo se duplicará.

- ¡Yo prometo! dijo el niño sin parpadear.

En los días que siguieron, el niño estaba feliz con su bicicleta y con el duende escondido en su abrigo a camino de la biblioteca. Le encantaba sentir el viento en su cara, mismo que por unos minutos.

En la biblioteca, el chico hizo lo que había acordado con el duende y los dos buscaron sin detenerse de todas las formas posibles. El niño se acercó a los asistentes de la biblioteca, al personal e incluso tuvo acceso a las cámaras de seguridad del lugar, pero todo el esfuerzo no resultó de nada. Durante esos días, a Benicio incluso le empezó a gustar el duende. Era gracioso y contaba cosas de las que Benicio nunca había oído hablar. Cuando estaban encerrados en el dormitorio, comían palomitas de maíz y miraban películas. Benicio leyó junto con su nuevo amigo, buscando pistas sobre su familia, y observó que la lectura podría ser agradable e interesante.

Habían pasado cinco días, el castigo de Benicio había terminado, pero el




niño continuó dedicando gran parte de su día a ayudar a su amigo, hasta que por la noche el duende se sentó en la cama de Benicio con un rostro serio.

- ¿Extrañas tu casa? preguntó el niño.
- Sí. Por eso que necesito volver.
- Lo sé, vamos a encontrar al ladrón de libros.
- No, ¡no entiendes! ¡Volveré hoy!
- ¿Pero cómo? No encontramos ninguna pista.
- Mi amigo, ¿recuerdas la caja de Pandora?

- ¡Sí, lo recuerdo! Desde que los males fueron liberados, los humanos nunca fueron los mismos...

El duende interrumpió:



- Nunca fueron los mismos, pero algunos se han vuelto mejores, como tú. Tú te dedicaste a ayudar a un ser que nunca había visto, incluso cuando no tenía beneficios para ti. Esto significa que la misión de los duendes debe continuar. Perseguimos los males de Pandora y neutralizamos los impactos, pero nuestro maestro estaba renunciando a luchar por los humanos, había decretado que solo viviríamos en nuestro mundo paralelo. ¡No lo acepté, creo en la humanidad y decidí probar que era lo correcto y te encontré!

En este momento muchos otros duendes aparecieron en su habitación, incluido el maestro. Benicio estaba tan encantado que no podía hablar. El maestro se le acercó y le dio las gracias.

- ¡Gracias amigo! ¡Te encontraré en los libros! dijo el duende.



Benício and the Gnomes

Gabriel Pasqualotto Gama

Paula Regina Dobrecoستا Freitas

Translated by Laura Salmoria de Almeida

and Nathalia Teixeira Possenatto

The neighbors had already got used to that bike going down the street at a high speed. It was evening, June 6th, and the cold was intense. One of the neighbors saw Benício going down the street and deviated from the boy.

“Sorry, sir,” shouted the boy who almost bumped in the man that was on the sidewalk.


“Go home, a big storm is expected this afternoon,” warned the neighbor.

The boy nodded and continue to ride his bike not giving much importance to the warning he had just received.

Benício had a very particular world. He neither felt part of a group nor very accepted by his family. He had few friends and the other kids frequently called him weird. He liked to ride his own bike alone in the small neighborhood where he lived for so long that he did not even see the time go by.

He was biking in one of his favorite squares when the rain started.

“Damn, my mom is going to kill me,” thought the boy, who decided to go home as fast as he could. The rain was heavy and Benício was scared with the thunderous rays that were striking in the ground. He wanted to be home soon, but the rain was heavier and heavier and he could barely see anything without his glasses, though wearing them did not prove to be useful either because they were soaked. He was riding home thinking about the big his punishment would take, when he lost control of his bike and was thrown some meters ahead. The fall resulted in a sudden pain. Slowly, he got up and walked towards the bike, curious to see what had happened. Near the bike, he found a heavy package, a color close to metal, with a shining ribbon. Benício tried to untie it but he did not manage it.



He put the package inside his coat and walked pushing his bike for some blocks, until he finally got home.


Benício's mother, Isabel, opened the door looking worried:

"I've already warned you, Benício, I don't want you outside after 5 PM, son, especially in a storm like this. Have you thought what could have happened to you? Take a shower and let's talk later."

As he was going up the stairs, he realized he still had the package he had found, so he hid it under his bed and followed his mother's orders. After dinner, Isabel talked to her son and told him that his punishment would be not riding his bike for three days. To Benício, that was worse than the pain of falling down. Riding was his hobby and he could not imagine another way to have fun other than cycling.

Lying on his bed, the boy could not stop thinking about how boring his days would be not riding around the neighborhood, until he fell asleep. As if it were a dream, Benício heard a delicate and funny voice calling his name.


"Open it, Benício," "Open it soon".



He thought he was dreaming and he turned to the other side of the bed to move that voice away from his mind, but the voice was louder, so Benício got up scared. He turned on the light and started to search where the noise was coming from. He saw there was no monster in his room and laughed at himself for thinking about it. He sat on the bed and remembered the package. He took it and put it in his bed. It looked prettier now. He pulled the ribbon and it untied easily. Benício did not understand why he could not open it before and thought that it should be because they were both wet. When he looked inside, he saw a book. The boy did not like to read, but he thought it would be better to open the book and try to find clues that led to the owner, so he could returned it.

With the package opened, Benício was astonished, because there was not a single word written in it. "How can a book not have words?" he thought. He kept flipping through the book, when he realized the book was still wet. He left it in his bed and went to get some cloth to dry it. He turned to his bed and could not believe his eyes. A gnome was sitting, right there, on his bed. His skin was green; he had a red hood and he was very little. When the gnome said "Hello", and the boy shouted with all his might but no sound came out of his mouth.

"I silenced your scream," said the gnome. "You, humans, are very predictable."



The boy opened and closed his eyes many times; trying to wake up from this dream, he thought he was having. Each time he closed his eyes he slowly counted to three and opened his eyes again, but the gnome still was there, smiling at him.

“I am not part of you dream, silly boy. I am here, you can touch me if you want to,” said the gnome.

Benício extended his finger slowly until it touched the velvety skin of that being. He thought for a moment, puzzled, until he asked:

“If I’m not dreaming and you do exist, what are you doing here? Where do you come from and what do you want from me?”

“What do you mean ‘where I come from?’” said the gnome, offended. “We gnomes, we have always existed. Our home is inside the books. Have you ever heard about us?”

“Well, I’ve heard about it, but I did not believe it. It’s children’s story.”

“And how old are you, Mister Adult?” the gnome said ironically.

“I am eleven. Almost eleven!”

“All right. It does not matter. You should worry about things that are more important. You need to help me to get back to my house.”

“Me? What are you talking about? I do not even know you, creature.”


“Now you do! I am stuck here and I need your help to get back home.”

Benício was still very confused, but he was trying to understand what the gnome was saying.

“How did you get stuck here? How did you get out of the book?”

The gnome began to explain:

“We do not always live in books. A long time ago, we shared the earth with you humans, and it was very pleasant, until the day Pandora’s Box was opened and all the evils that haunted the world escaped. After that, humans were never the same, lies and greed made the world a hostile place, so our Master told us to make the books our home. The problem is that a nosy person discovered where we hid and to profit from our existence, this person stole several books from the



city's municipal library, where most of my family was sheltered. I was lucky to have fallen and to have found you.

“And what do you want from me?” This is not a big town, but it is also not possible to know everyone who goes to the library. And I have nothing to do with that.”

“I have a plan,” exclaimed the gnome enthusiastically. “You are grounded. I heard your mother saying that to you, but if you show you will use your time in a useful way, she may rethink about your punishment.

Benício became interested in the plan that could take him out of his punishment and asked the gnome:

“What should I do?”

The gnome explained the details of the plan that consisted of asking his mother to go to the library to read on the days he was going to be grounded and to use this time to search who had stolen the books. Isabel was amazed at her son's proposal. She had never seen him reading of his own free will, but she thought she should accept it.

“Okay, you can ride to the library during the punishment, but only if you promise not to change the route. You have to go from our home to the library and from the library to our home. If you do not keep your promise, your punishment will be doubled.”

“I promise,” said the boy.

On the following days, the boy rode happily to the library with the gnome hidden in his coat. He loved to feel the wind on his face, even for a few minutes.

In the library, the boy did what he had agreed to, and both of them researched nonstop, in many different ways. The boy approached people in the library, talked to the staff and even got access to the security cameras of the place, but all the effort was useless. During those days, Benício began to like the gnome. He was funny and told things that Benício had never heard of. When they were locked in the bedroom, they ate popcorn and watched movies together. Benício read along with his new friend, looking for clues about his family, and noticed that reading could be both enjoyable and interesting. After five days, Benício's punishment was over, but the boy continued to dedicate most of his day to help his friend, until the night when the gnome sat on Benício's bed with a serious look in his face.



“Do you miss home?” the boy asked.

“I do. That is why I need to go back.”

“I know. We’re going to find the book thief.”


“No, you do not understand! I will go back home today!”

“Why? We still haven’t found any clue.”


“My friend, do you remember Pandora’s box?”

“Yes, I do remember! Ever since the evils were released, humans were never the same ...”

The gnome interrupted:



“They were never the same, but some have become better, just like you. You dedicated to help a being you had never seen before, even when it did not have any benefits for you. That means that the gnome’s mission must continue. We pursue the evils released from Pandora’s Box and neutralize their impacts, but our master was giving up fighting for humans and had declared we would live only in our parallel world. I did not accept it. I believe in humanity and I decided to prove I was right and I found you!”



At this moment, many other gnomes showed up in his room, including the master. Benício was so amazed that he could not speak. The master approached him and thanked him.

“Thank you my friend! I’ll find you in the books,” said the gnome.



Ilustração de Daniela Botelho




Borboletas

Rafael Lissarassa de Oliveira

Uma jovem garota, que não possuía mais interesse nas coisas ao seu redor, permanecia a olhar, sozinha e com olhos sem vida, o céu noturno em sua cidade com escassos habitantes. Toda essa apatia à vida se dava, por grande parte, devido às crenças da família e das pessoas ao seu redor. Muitas vezes se sentia deslocada em seus grupos sociais em virtude de seus sentimentos e pensamentos que não seguiam o padrão ao qual o povo de seu município seguia. Sua resolução de assistir ao céu, tão escuro quanto sua alma neste exato momento, era seu único escape. Por causa disso, ela vivia seus dias em meio a tristezas e angústias sem ter como se expressar genuinamente com alguém, e não conseguir encontrar aquela pessoa especial com quem ela poderia confiar seus problemas, ou pelo menos, abrir levemente seu coração ensanguentado devido a seus ferimentos internos que nunca saravam. Pelo menos, não até aquela fatídica noite.

Vanessa se encontrava sentada em meio ao parque, seu Shangri-la secreto em meio a um inferno vivente, localizado a poucos quarteirões de sua casa. Nesse dia, a lua cheia parecia brilhar mais intensamente junto ao céu noturno e estrelado do que ela jamais havia visto ao longo de sua vida. Era uma lua possuindo uma tonalidade alaranjada que era encantadora aos olhos da jovem, e tão imensa que parecia querer engoli-la. A jovem garota, de pele pálida e brilhante, adorava permanecer várias horas naquele seu local secreto antes de dormir, encarando o céu noturno. Ato que poderia acarretar adversidades por ser algo estritamente proibido por seus pais devido às restrições de horário.

Costumeiramente, ela permanecia sozinha naquele local ermo, admirando o breu estrelado. Sempre acariciando seus próprios braços para que pudesse sentir as falhas não naturais de sua pele, que, até então, ninguém teria de haver reparado devido a sua cor de pele não salientar o resultado cravado em si mesma, para conseguir se sentir levemente viva em seu dia a dia sem cor ou vivacidade. Algo que vinha acontecendo mais frequentemente a cada dia que se passava. Mas - naquela noite de lua cheia - ela notou algo diferente em seu ambiente tão familiar. Ela reparou que, em um canto, escorada em uma árvore, existia uma silhueta feminina encarando fixamente a mesma lua que a jovem encarava. Em volta da



mulher, circulavam inúmeras borboletas. Cada qual possuindo uma cor única. Pareciam até não possuir o mesmo formato. De um jeito misterioso e encantador, a jovem garota se sentiu atraída para ir ao encontro com a sombra repousante.

Ao aproximar da menina, a mulher vira o corpo lentamente, mostrando seu lindo e exuberante rosto, fazendo com que Vanessa parasse bruscamente, encantada com o que estava a sua frente. Sua pele era de uma cor de amêndoa, porém levemente pálida. Quase como se estivesse adoecida. Seus olhos possuíam a mesma cor amêndoa de sua pele, contudo, no lugar da palidez, ela possuía uma cor avermelhada em seus olhos. Amêndoas avermelhadas. Ao notar a garota parada em sua frente, a mulher misteriosa solta um leve riso e pergunta, de uma forma charmosa e encantadora, quase hipnótica, à Vanessa, se ela gostaria de lhe fazer companhia, pois, como a misteriosa mulher disse “Observar a lua é sempre melhor com a companhia de alguém”. Sem conseguir discordar das palavras possuindo uma tonalidade musical, Vanessa resolve sentar-se ao lado dessa nova conhecida que parecia, aos olhos dela, a pessoa mais linda que ela já tinha visto em toda sua vida.

Após Vanessa se apresentar da maneira mais polida que poderia fazer, ela pergunta sobre a misteriosa moça, que responde de uma maneira completamente sedutora.

“Meu nome? Hm... Bem, como eu gostei de você, tu podes me chamar por... – Começou dizendo a moça, com um largo e brilhante sorriso que fez o coração de Vanessa acelerar incontrolavelmente. – “Nana”.


“Então, Nana, você se mudou recentemente para cá? Pois não me recordo de ver alguém tão encantadora como você uma única vez aqui na cidade.” – pergunta Vanessa, finalmente, após gaguejar levemente.

Após rir levemente sobre a constatação da jovem garota, a misteriosa mulher chamada responde.

“Eu não me mudei para esta cidade, estou apenas de passagem. Minha estada aqui será de poucos dias.”

Em meio a sua fala, uma pequena borboleta de cor branca pousa em sua mão esquerda, que permanecia estendida em frente a sua face.

Levemente chateada pela descoberta, Vanessa pergunta a respeito do que mais chamava atenção ao redor da moça ao seu lado. As múltiplas borboletas.




“Minhas pequenas crianças?” – diz Nana. “São lindas, não são? Você sabia que cada uma delas representa algo diferente de acordo com as suas cores? Por exemplo, essa pequena em minhas mãos. Ela pode significar calma, pureza ou até mesmo renúncia.” – finaliza Nana, apontando para a borboleta branca repousando, agora, em sua mão direita.

Após escutar o som de entendimento saindo da boca da jovem garota, Nana continuou sua fala.


“Os seres humanos também possuem cores dentro de si mesmos. É uma pena que, por meios comuns, é impossível vê-las.” – a mulher faz uma pequena pausa. – “Mas eu consigo vê-las nitidamente.” – ela finaliza, com um tom misterioso em sua voz.

“Então, você consegue ver a minha também?” – pergunta a jovem, interessada.

“Claro!” – responde Nana – “Você possui um lindo azul dentro de si. Quando falamos de borboletas, a cor azul significa transformação e crescimento, tanto físico quanto espiritual.”




Ao saber sobre sua cor interior, Vanessa mostra em seu rosto um sorriso que há muito tempo não aparecia nela e termina por alisar seus braços, mania que era praticamente automática para ela.



Ao notar isso, a mulher das borboletas faz um leve movimento com sua mão esquerda, agarrando o braço que a jovem permanecia alisando. Ao perceber, surpresa, a ação da mulher, Vanessa nota que o braço ao qual ela estava por acariciar, retinha um leve fio vermelho e brilhante ao longo dele. Então, ela finalmente nota que aquele era o braço ao qual ela fez nascer uma de suas marcas há não muito tempo. Com seus olhos mostrando um vermelho rubi e uma voz possuindo um som angelical, Nana pergunta, com o tom mais doce que a jovem já havia escutado na vida, “Está tudo bem?”. Três palavras. Com apenas essas três palavras, que ela nunca escutou na vida, ela desaba aos braços da mulher e, pela primeira vez, tem certeza de que encontrou alguém em quem poderia confiar.

Com a promessa de encontrar a misteriosa mulher novamente no próximo dia, Vanessa volta para sua casa e adormece alegremente em sua cama, escutando a melodia do bater das asas de borboletas. Porém essa alegria não dura até o final da noite.

Antes do amanhecer, a jovem já se encontrava acordada. Porém, em



um estado lastimável. Pálida e com seu corpo banhado em suor frio e olhos vidrados encarando o nada. Tocando seu pescoço, na região onde havia duas novas marcas, pequenas e arredondadas, onde antes existia apenas sua pele lisa e branca. Tudo isso devido a um sonho. Nele, ela estava cercada de borboletas, as mesmas que ela havia visto ao redor de Nana. Entretanto, ao virar o rosto, ela nota outra coisa junto às borboletas. Pairando com os olhos fixos na jovem havia uma imensa borboleta negra, com desenhos de um vermelho sangue em suas asas, que pareciam iluminar o quarto escuro. Ao se aproximar da jovem, a borboleta se metamorfoseia em uma bizarra mariposa. Muito maior que a pobre menina. A monstruosidade a restringe na cama, atacando seu pescoço com suas presas que pareciam lâminas minúsculas e afiadas, e rasgando sua pele. Sem ser capaz de produzir som algum, Vanessa permanecia imóvel enquanto sentia o líquido avermelhado e pegajoso escorrendo de seu pescoço até sua consciência desaparecer por completo.

Enfraquecida, Vanessa estende sua mão e pega um espelho portátil que repousava em sua cômoda para verificar os pontos minúsculos em seu pescoço. Essa foi a única ação que a jovem fez durante todo o dia até a chegada da noite, quando ela foi ao encontro de sua única amiga. A única pessoa que entenderia e ouviria tudo o que ela dissesse sem considerá-la uma aberração, como os outros.


Após relatar seu bizarro pesadelo à Nana, ela recebe da mulher um pequeno pingente em forma de borboleta, que é posto ao redor de seu pequeno pescoço.

“Isto servirá para afugentar seus sonhos negativos.”

Levando essas palavras e um leve beijo de despedida, Vanessa se despede amargamente de sua amiga especial naquela noite, porém se sentindo mais tranquila por conseguir falar com alguém. Contudo, os pesadelos continuaram.

A cada dia que passava, Vanessa se sentia mais debilitada do que no dia anterior. E embora sua condição apenas piorasse, ela sempre conseguia encontrar um jeito de ver sua única amiga, que, no momento, se tornou sua única razão de viver. Sua única felicidade em sua existência corpórea e espiritual.

Porém, ao amanhecer do terceiro dia, após o início de seus pesadelos, a pobre garota não conseguia erguer-se de sua própria cama. Enfraquecida ao extremo de não ter forças para comer a refeição deixada ao lado de sua cama, seu único arrependimento seria não conseguir encontrar sua amada amiga naquela noite. Sua única oportunidade de melhora seria a espera de seu pai, o único



médico da cidade, retornar da cidade vizinha. Algo que a jovem não possuía expectativa alguma já que seu pai sempre desaparecia por alguns dias ao fazer suas visitas noturnas naquela cidade.

Com sua consciência desvanecendo e ressurgindo, logo a jovem percebe a opacidade da noite.


De sua janela, Vanessa escuta uma voz doce e familiar. Uma voz que ela ansiava por escutar.

“É chegada a hora, minha preferida...”

Sem conseguir enxergar a proprietária da voz, a jovem sente em sua pele o toque frio, porém ao mesmo tempo terno, da nova pessoa dentro do quarto.

“Tudo terminará bem...” – disse a voz com um tom melancólico – “Sem mais dores, sem tristezas, sem arrependimentos e sem angústias... Você finalmente se tornará livre de seu casulo mundano.”

Após essas palavras, apenas o silêncio frio da noite resta no quarto. E, após um leve momento de repouso na janela, uma pequena e humilde borboleta azul ascende ao breu da noite, ao encontro de uma sombra que paira perante a lua.



Atividades

Elaboradoras: Camila Silveira Moraes / Thayná Lemos Fortes


1. No início do texto, o autor cita várias características marcantes de Vanessa. Como você define a personalidade dessa personagem?
2. Qual rumo a história poderia ter tomado se Vanessa não tivesse desrespeitado o horário para olhar a lua?
3. Na sua opinião, de que forma a falta da presença do pai da garota contribuiu para o sofrimento da filha?




Mariposas

Rafael Lissarassa de Oliveira

Traducido por: João Diogo dos Anjos Trindade




Una joven niña, que no tenía ningún interés en las cosas que la rodeaban, seguía mirando, solita y con ojos sin vida, al cielo nocturno en su ciudad con pocos habitantes. Toda esa apatía a la vida sucede debido a las creencias de la familia y de las personas en su alrededor. Muchas veces se sentía desplazada en sus grupos sociales por sus sentimientos y pensamientos que no seguían el padrón a lo cual el pueblo de su ciudad seguía. Su resolución de mirar al cielo, tan oscuro cuanto su alma en ese momento exacto era su única forma de escaparse. Por causa de eso, ella vivía sus días en medio a tristezas y angustias sin tener como expresarse genialmente con alguien, no ha conseguido encontrar aquella persona especial en que ella podría confirmar sus problemas, o por lo menos, abrir levemente su corazón sangriento debido a sus heridas internas que nunca se sanaban. Al menos no hasta esa fatídica noche.



Vanessa estaba sentada al medio del parque, su paraíso secreto en medio de un infierno vivido, ubicado a pocas cuerdas de su casa. Ese día, la luna llena parecía brillar más brillante al lado del cielo estrellado que nunca había visto en su vida. Era una luna con un tono naranja que era adorable a los ojos de la joven, y tan inmensa que parecía querer tragarse. A la joven, de piel pálida y brillante, le encantaba pasar varias horas en ese lugar secreto antes de acostarse, mirando el cielo nocturno. Un acto que podría llevar a la adversidad porque estaba estrictamente prohibido por sus padres debido a restricciones de tiempo.

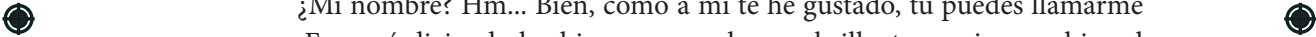
Por lo general, ella se quedó sola en ese lugar, admirando la oscuridad estrellada. Siempre acariciando sus propios brazos para que ella pudiera sentir las fallas no naturales de su piel, que, hasta entonces, nadie había reparado porque el color de su piel no enfatizaba el resultado pinchado en sí misma. Para conseguir sentir la ligereza de la vida en su día a día sin el color y la vivacidad. Algo que ocurría con más frecuencia cada día que pasaba. Pero – en aquella noche de luna llena – ella percibió algo distinto en su ambiente tan familiar. Ella notó que, en un rincón, anclado en un árbol. Tenía una silueta femenina mirando la misma luna que la joven miraba. Cerca de la mujer, circulaban muchas mariposas.



Cada una tiene un color único. Ni siquiera parecían con el mismo formato. De un modo misterioso y encantador, la joven fue atraída para encontrarse con la sombra tranquila.

Al acercarse a la niña, la mujer gira el cuerpo despacito, mostrando su rostro guapo y exuberante. Haciendo que Vanessa parara bruscamente, encantada con lo que estaba delante de ella. Su piel era de un color de almendra, pero levemente pálida. Casi como si estuviera enferma. Sus ojos tenían el mismo color encarnado en sus ojos. Almendras rojas. Al ver la niña parada delante, la mujer misteriosa se ríe un poco y le pregunta, de un modo hermoso y encantador, casi hipnótico, a la Vanessa, si a ella le gustaría hacer compañía, pues, como la misteriosa mujer dice “Mirar la luna es siempre mejor con la compañía de alguien.” Sin conseguir descordar de las palabras teniendo un tono musical, Vanessa decide sentarse al lado de esa nueva conocida, que parecía, a los ojos de ella, la persona más bella que ya había visto en toda su vida.

Después de Vanessa presentarse de modo más pulido que podría hacer, ella le preguntó sobre la misteriosa chica, que contesta de un modo totalmente seductora.



“¿Mi nombre? Hm... Bien, como a mí te he gustado, tú puedes llamarme por...– Empezó diciendo la chica, con una larga y brillante sonrisa que hizo el corazón de Vanessa latir rápidamente. – “Nana.”

“Entonces, Nana, ¿usted se mudó hace poco? Pues no me recuerdo de mirar alguien tan encantadora como usted una única vez acá en la ciudad,” – pregunta Vanessa, finalmente, después de tartamudear ligeramente.


Después de reírse ligeramente sobre la constatación de la joven niña, la misteriosa mujer contesta.

“Yo no me mudé para esta ciudad, estoy apenas de pasaje. Mi estadía aquí será de pocos días.”

Al medio de su charla, una pequeña mariposa de color blanco, para en su mano izquierda, que seguía extendida delante de su rostro.

Ligeramente aburrida por la descubierta, Vanessa pregunta sobre lo que más llamaba la atención alrededor de la chica a su lado. Las tantas mariposas.

“¿Mis pequeñas hijas?” – Dijo Nana. “¿Son guapas, no son? ¿Usted sabía que cada una de ellas representa algo distinto de acuerdo con sus colores? Por



ejemplo, esa pequeña en mis manos. Ella puede significar calma, pureza o hasta mismo rendición.” – Encierra Nana, mostrando la mariposa blanca, pasando ahora para su mano derecha.

Después de escuchar el sonido de la boca de la joven niña, Nana siguió su charla.

“Los seres humanos también tienen colores dentro de sí mismos. Es una lástima que, por medio comunes, es imposible verlos.” – la mujer hace una pequeña pausa. – “Pero yo consigo verlos claramente.” – ella encierra, con un tono misterioso en su voz.

“¿Entonces, usted consigue mirar mi color también?” – pregunta la joven, interesada.


“¡Por supuesto!” – contesta Nana – “Usted tiene un lindo azul dentro de sí. Cuando charlamos de mariposas, el color azul significa transformación y crecimiento, tanto físico como espiritual.”

Al saber sobre su color interior, Vanessa muestra en su rostro una sonrisa que hace mucho tiempo no aparecía en ella y termina por alisar los brazos, lo que hacía automático para ella.

Al percibir eso, la mujer de las mariposas hace un leve movimiento con su mano izquierda, agarrando el brazo que la joven permeancia alisando. Al percibir, sorpresa, la acción de la mujer, Vanessa nota que el brazo al cual ella estaba por acariciar retenía un leve hilo rojo y brillante al largo de él. Entonces, ella finalmente nota que aquel era el brazo a lo cual ella hizo nacer una de sus marcas hace poco tiempo. Con sus ojos mostrando un rubí rojo y una voz teniendo un sonido angelical, Nana pregunta con un tono más dulce que la joven ya había escuchado en la vida, “¿Está todo bien?”. Tres palabras. Con apenas esas tres palabras, que ella nunca escuchó en la vida, ella se lanza en los brazos de la mujer y, por la primera vez, está segura que encontró a alguien en quien podría confiar.

Con la promesa de encontrar la misteriosa mujer nuevamente en el próximo día, Vanessa vuelve para su casa y se queda durmiendo alegremente en su cama, escuchando la melodía del batir de las alas de una mariposa. Sin embargo, esa alegría no dura hasta el final de la noche.

Antes del amanecer, la joven ya se encontraba despierta. Todavía, en un estado lamentable. Pálida y con su cuerpo bañado en sudor frío y ojos fijados



mirando la nada. Tocando su cuello, en la región donde dos nuevas marcas, pequeñas y arredondeadas, donde antes tenía solo su piel lisa y blanca. Todo eso debido a un sueño. En él ella estaba cercada de mariposas, las mismas que ella había visto alrededor de Nana. Así, al virar el rostro ella nota otra cosa junto a las mariposas. Flotando con los ojos fijos en la joven había una gran mariposa negra, con dibujos de una sangre roja en sus alas, a los cuales parecían iluminar la habitación oscura al acercarse de la joven, la mariposa hace la metamorfosis, transformándose en una extraña mariposa. Mucho mayor que la 'pobre chica. La monstruosidad la restringe presa en la cama, atacando su cuello con sus presas que parecían láminas pequeñas y afiladas, y rasgando su piel. Sin ser capaz de producir ningún sonido, Vanessa permanecía inmóvil mientras sentía el líquido encarnado y pegajoso escurriendo de su cuello hasta su conciencia desaparecer por completo.

Débil, Vanessa extiende su mano y agarra un espejo pequeño que estaba en una cómoda para verificar los pequeños puntos en su cuello. Esa fue la única acción que la joven hizo durante todo el día hasta la llegada de la noche, donde ella fue al encuentro de su única amiga. La única persona que entendería y escucharía todo lo que ella dijera sin considerarla un monstruo, como los otros.


Después de relatar su terrible y distinto sueño malo a Nana, ella recibe de la mujer un pequeño collar en forma de mariposa, que es puesto alrededor de su cuello.

“Eso servirá para espantar sus sueños negativos.”

Llevando esas palabras y un leve beso de despedida, Vanessa se despide amargamente de sus amigas especiales en aquella noche, todavía sintiéndose más tranquila por conseguir hablar con alguien. Mismo así, los sueños malos continuaron.

A cada día que pasaba Vanessa se sentía más enferma que el día anterior. Y sin embargo, su condición apenas quedaba peor, ella siempre conseguía encontrar un modo de ver su única amiga, que, en el momento, se tornó su única razón de vivir. Su única felicidad en la existencia del cuerpo y del espíritu.

Sin embargo, al amanecer del tercer día, después del inicio de sus sueños malos, la pobre niña no conseguía levantarse de su propia cama. Muy débil, no tenía fuerzas para comer la comida dejada al lado de su cama y su único arrepentimiento sería no conseguir encontrar su amada amiga en aquella noche. Su única oportunidad de mejorar sería la espera de su padre, el único médico



de la ciudad, ha retornado de la ciudad vecina. Algo que la joven no tendría expectativa, ya que su padre siempre desaparecía por unos días al hacer sus visitas nocturnas en aquella ciudad.

Con su conciencia yéndose y resurgiéndose, pronto la joven parece la opacidad de la noche.


De su ventana, Vanessa escucha una voz dulce y familiar. Una voz que ella tenía gana de escuchar.

“Es llegada la hora, mi preferida...”

Sin conseguir mirar la propietaria de la voz, la joven en su piel siente el toque helado, sin embargo, a lo mismo tiempo tierno, de la nueva persona dentro de la habitación.

“Todo terminará bien...” – dijo la voz con un tono melancólico – “Sin más dolores, sin tristezas, sin arrepentimientos y sin angustias... Usted finalmente se volverá libre de su capullo mundano.”

Después de esas palabras, apenas el silencio helado de la noche resta en la habitación. Y, después de un leve momento de reposo en la ventana la humilde mariposa azul brilla en la oscuridad de la noche, de encuentro a una sombra que se queda delante la luna.





Butterflies

Rafael Lissarassa de Oliveira

Translated by Adriel Fernandes and Francielly Marafon

A young girl who was no longer interested in the things around her, stared, alone and with lifeless eyes, at the night sky in her city of few habitants. All this apathy to life was mostly due to the family's beliefs and the beliefs of people around her. She often felt out of place in her social groups because of her feelings and thoughts, which did not match the ones the townspeople had. Her decision to watch the sky, as dark as her soul at that moment, was the young girl's only escape. Because of that, she lived her days amidst sorrow and anguish and was not able to genuinely express herself to anyone. As her injuries never healed, she was not able to find that special person to whom she could entrust her problems, or someone to whom she could lightly open her bloody heart. At least not until that fateful night.

Vanessa was sitting in the middle of the park. Her secret Shangri-La in the midst of a living hell, placed a few blocks from her house. In that starry night, the full moon seemed to shine even brighter than she had ever seen in her life. The orange moon was delightful to the eyes of that teenager and so immense that it seemed it wanted to swallow her. The pale-skinned young girl loved to spend several hours staring at the night sky in her secret place before going to bed. This attitude could get her in trouble because her strict parents had prohibited her to do it due to time restrictions.

She usually stayed alone in that desolate place admiring the starry pitch-dark sky. She was always caressing her own arms to be able to feel the unnatural imperfections of her skin, which, until then, nobody had noticed. The color of her skin did not emphasize the marks in her arms. Having stuck something in her skin made her feel slightly alive on her lifeless and colorless everyday routine, which was happening more frequently each day. However, on that full moon night, she noticed something different in her so familiar environment. She saw that, at a corner, there was a female silhouette leaning on a tree and staring at the same moon to which the girl stared. Around the woman, there were many



butterflies. Each one had a different color. They even seemed not to have the same shape. The girl felt mysteriously and charmingly drawn to meeting the resting silhouette.

As she approached the girl, the woman slowly turned her body, showing her beautiful and exuberant face, making Vanessa stop sharply for she was delighted with what she was looking at. The woman's skin was almond-colored, but slightly pale, almost as if she was sick. Her eyes were the same almond color as her skin. Yet, although she had that pale skin, her eyes were reddish, like reddish almonds. As she noticed the girl standing in front of her, the mysterious woman let out a slight laughter and asked, in a charming and almost hypnotic way, Vanessa if she would like to be with her. As the mysterious woman said, "watching the moon is always better with someone else's company." Without being able to disagree with those words, which had a musical tone, Vanessa decided to sit next to her new friend, who, seemed to be the most beautiful person she had ever seen in her life.

After introducing herself in the most polite way possible, Vanessa asked the mysterious woman what her name was. She answered seductively:

"My name? Hmm, well, considering that I liked you, you can call me..." she started, with a large bright smile on her face, which made Vanessa's heart beat faster and faster.

"Nana."

"So, Nana, did you move here recently? Because I do not remember seeing anyone as lovely as you in this city," said Vanessa, stuttering a little.

After laughing lightly at the young girl's observation, the mysterious woman answered.

"I have not moved here, I am just passing through. I will stay here just for a few days."

In the midst of her speech, a small white butterfly landed on her left hand and kept still in front of her face.

Slightly upset about the answer, the teenager asked the woman about what had caught her attention the most around the woman: the multiple butterflies.

"My little kids?" said Nana. "They are beautiful, aren't they? Do you know that each one of them represents something different according to their colors? For instance, this little one in my hands. It means tranquility, purity or even



surrender,” said Nana, indicating the white butterfly resting on her right hand.

After hearing the sound of understanding coming out of the teenager’s mouth, Nana continued her speech.

“Human beings also have colors inside themselves. It is a pity that by ordinary means it is impossible to see them. The woman paused briefly. “But I can see them clearly,” she finished with a mysterious tone in her voice.

“So can you see mine, too?” asked the young girl, interestedly.

“Of course,” Nana replied. “You have a beautiful blue inside of you. When talking about butterflies, blue means transformation and growth, both physical and spiritual.”


When Vanessa found out about her inner color, she showed a beautiful smile on her face, something she had not shown for a long time and she touched her own arms, an automatic habit for her.

Noticing this, the butterflies’ woman made a slight movement with her left hand and grabbed the arm Vanessa kept smoothing. Surprised by the woman’s reaction, Vanessa noticed that the arm she was about to caress, had a slight red and bright thread along it. She finally noticed it was the arm where she had body cut marks. With her eyes that looked like a red ruby and with an angelic voice, Nana asked, in the sweetest tone the girl had ever heard in her life:

“Is everything all right?” Four words. With only those four words, which she had never heard in her life, Vanessa fell into the woman’s arms and, for the first time, was sure she had found someone she could trust.

With the promise to see the mysterious woman again the following day, Vanessa went back home and happily fell asleep in her bed, listening to the melody of the wings of the butterflies. However, this feeling of joy did not last by the end of the night.

Before dawn, the teenager was already awake. However, in a pitiful way. Pale and with her body covered in cold sweat and glassy eyes staring at nothing. She touched her neck in the area where there were now two new, small, round body cut marks where once there was only her smooth and white skin. It all happened because of a dream. In her dream, she was surrounded by the same butterflies she had seen flying around Nana. However, when she turned her face, she noticed something else among the butterflies. Hovering with fixed



eyes on her, there was a huge black butterfly, which had a red blood pattern, which seemed to brighten the dark room. When it got closer to the teenager, the butterfly became a bizarre moth. It was much bigger than the poor girl was. The monstrosity held her in the bed, attacking her neck with its fangs that seemed like sharp blades, tearing her skin apart. Incapable of making a sound, Vanessa kept still while she felt the red sticky liquid dripped down her neck until the loss consciousness.

Weakened, Vanessa reached out and picked up a portable mirror that laid on her dresser to check the tiny fang marks on her neck. This was the only thing she did all day long until the evening came, when she went to meet her only friend. Nana was the only person who would understand and listen to everything she said without considering her a freak, as the others did.

After reporting her bizarre nightmare to Nana, the woman gave her a small butterfly-shaped pendant, which she put around her small neck.

“This will scare away your bad dreams.”

Considering those words and with a brief kiss goodbye, Vanessa bitterly said goodbye to her special friend that night, but felt more peaceful about being able to talk to someone. The nightmares continued, however.

As the days went by, Vanessa felt more weakened than before. Although her condition was getting worse, she always found a way to see her only friend, who became her only reason to live at the time. She was her only happiness in her bodily and spiritual existence.

However, at dawn, on the third day, after the nightmares had started, the poor girl could not get up from her own bed. Weakened to the point of not having the strength to eat the meal left beside her bed, her only regret was not being able to meet her beloved friend that night. Her only chance to get better would be to wait for her father, the only doctor in town, to return from the nearby city. The girl had no expectations whatsoever that this could happen since her father always disappeared for a few days when he went to night visits in that city.



Ilustração de Jordana Quevedo





Dom ou Maldição

William Barreto


Vicente Gomes

Vicente não é apenas um jovem nessa história. Algo o fazia inigualável. Uma maldição! Um dom, talvez. Um simples contato com seu sangue podia revelar em uma pessoa suas pretensões mais profundas. O sangue dá vida a um sentimento que transforma o receptor em um monstro, com força e agilidade incomparáveis.

Certa vez, Mário Barreto, um médico conceituado na cidade, tocou o sangue do jovem. A partir de então, teve o amor por Wanessa, sua noiva, aflorado de tal forma, que era capaz de fazer pela moça coisas que ultrapassam quaisquer limites da humanidade. Um amor patológico. Mesmo com o casamento marcado, ele sabe que a noiva ainda tem sentimentos pelo ex-namorado, Wagner, o detetive. O ciúme de Mário aumenta quando vê Wanessa e Wagner conversando. A partir daí, ele inicia o seu plano. A grande ideia do médico não é matar Wagner, mas fazer com que o detetive seja desacreditado por todos e odiado justamente pela pessoa que ama.

Todos já sabiam da existência do “vírus” e suas causas pelo contato com o sangue. Mesmo assim, Mário consegue enganar a quase todos, fingindo que não está envenenado. Porém, José, um enfermeiro, constata atitudes estranhas em seu superior. O médico percebe a desconfiança, e para esconder a verdade e conseguir concluir seu plano, resolve matar José. Feito isso, o corpo do jovem é encontrado próximo ao hospital. Wagner é o encarregado de desvendar a morte.

O detetive costuma ser muito bom em seu trabalho. E como sempre, ao analisar minuciosamente o caso, descobre que o médico pode ser autor do crime e a possibilidade de estar contaminado com o sangue. A intuição aguçada de Wagner o faz acreditar nesse fato. Wagner prende o doutor, mas por falta de provas concretas não consegue que fique nessa situação por muito tempo. Mário afirma não ter matado ninguém e que pode muito bem se casar com Wanessa, ainda acrescenta que a atitude do detetive é para acabar com o casamento, por também gostar da moça.



O único que consegue enxergar a verdade nua e crua é Wagner, mas depois de ser taxado como ciumento e doido, ninguém acredita nele. Infelizmente o casamento acontece, mas antes de dizer o famoso e tão esperado “sim”, momentos antes de ir para a igreja. Wanessa coloca para fora tudo o que vem sentindo para Wagner. Ela afirma não gostar dele. Disse isso, por acreditar que ele estava louco como Mário dizia e, que estava querendo acabar com o casamento - no momento em que o detetive revela ainda estar apaixonado por ela.

Mesmo com o fato consumado, Wagner não desiste em desvendar esse mistério.

Anteriormente, quando Mário foi preso, Wagner pediu que fosse feito um exame do sangue do suspeito. O resultado chegou atrasado, mas mostra que o assassino está contaminado.

Juntamente com a polícia, Wagner sai, desesperadamente, à procura da amada. O casal está em uma casa de praia perto da cidade.

Mário, obcecado, acreditando ter completado seu plano e ainda tomado pela maldição, resolve tirar sua vida e a de sua esposa. Apanha, então, uma faca e sai em direção à moça, distraída.

Enquanto isso, Wagner se aproxima rapidamente do local.



Mário se aproxima sutilmente, sem que a moça perceba. Estando prestes a cortar sua garganta, ouve-se um disparo.

Sim, o detetive. Ele acerta a cabeça do assassino. Wanessa se vê coberta pelo sangue de Mário. O sangue dele também trazia a maldição. O desespero toma conta da mulher.

O vírus, rapidamente, toma conta da jovem. A reação faz com que o amor por Mário se intensifique extraordinariamente. No entanto, ele está morto. Desmotivada, ela tira a própria vida.

Atividades

Elaboradores: Jéssica Brasil dos Santos / Elvin Matheus Estran Pinheiro

- 
1. Como é visto o comportamento de Mário Barreto diante dos sentimentos de sua noiva? Você o considera um noivo/ marido abusivo?
 2. Para você, o que é um amor patológico?
 3. Após a descoberta da contaminação, quem foi a primeira vítima de Mário Barreto?
- 



Don o Maldición

William Barreto

Vicente Gomes


Traducido por Mabel Nunes Moraes

Vicente no es solo un joven en esta historia. Algo lo hizo inigualable. ¡Una maldición! Un don, tal vez. Un simple contacto con su sangre podría revelar en una persona sus más profundas pretensiones. La sangre da vida a un sentimiento que transforma al receptor en un monstruo, con fuerza y agilidad incomparables.

Una vez, Mário Barreto, un médico respetado en la ciudad, tocó la sangre del joven. A partir de ese momento, tuvo el amor por Wanessa, su novia, que se había vuelto tan fuerte que podía hacer cosas por la niña que iba más allá de los límites de la humanidad. Un amor patológico. Incluso con la boda marcada, él sabe que la novia aún siente algo por el ex novio, Wagner, el detective. Los celos de Mario aumentan cuando ve a Wanessa y Wagner hablando. A partir de ahí, inicia su plan. La gran idea del médico es no matar a Wagner, sino hacer que el detective sea desacreditado por todos y odiado precisamente por la persona que ama.


Todos ya sabían sobre la existencia del “virus” y sus causas a través del contacto con la sangre. Mismo así, Mário logra engañar a casi todos, fingiendo que no está envenenado. Sin embargo, Joseph, una enfermera, encuentra actitudes extrañas en su superior. El médico percibe la desconfianza y para ocultar la verdad y lograr completar su plan, decide matar a José. Después de eso, el cuerpo del joven se encuentra cerca del hospital. Wagner se encarga de desentrañar la muerte.

El detective es muy bueno en su trabajo. Y como siempre, al analizar el caso a fondo, descubre que el médico puede ser el autor del crimen y la posibilidad de estar contaminado con sangre. La intuición aguda de Wagner le hace creer ese hecho. Wagner arrestó al médico, pero por falta de evidencia concreta no hace que permanezca en esta situación por mucho tiempo. Mario afirma que no mató a nadie y que puede casarse con Wanessa, pero agrega que la actitud del detective es terminar el matrimonio, porque también le gusta la chica.



El único que puede ver la verdad desnuda es Wagner, pero después de ser etiquetado como celoso y loco, nadie le cree. Desafortunadamente, el matrimonio sucede, pero antes de decir el famoso y tan esperado “sí”, momentos antes de ir a la iglesia. Wanessa saca todo lo que se siente a Wagner. Ella dice que no le gusta. Dijo esto, creyendo que estaba loco como se lo dijo Mario y que quería terminar el matrimonio, en el momento en que el detective revela que todavía está enamorado de ella.

Incluso con el hecho consumado, Wagner no se da por vencido en desentrañar este misterio. Anteriormente, cuando Mario fue arrestado, Wagner pidió que se examinara la sangre del sospechoso. El resultado es tarde, pero muestra que el asesino está contaminado. Junto con la policía, Wagner se va, desesperado, buscando a su amada. La pareja está en una casa de playa cerca del pueblo. Mario, obsesionado, creyendo que ha completado su plan y todavía tomado por la maldición, decide quitarse la vida y la de su esposa. Consigue un cuchillo y se acerca a la chica, distraído.



Mientras tanto, Wagner se acerca rápidamente del lugar. Mário se acerca sutilmente, sin que la chica se dé cuenta. Cuando están a punto de cortarse la garganta, se escucha un disparo. Sí, el detective. Él golpea la cabeza del asesino. Wanessa se encuentra cubierta en la sangre de Mario. Su sangre también llevó la maldición. La desesperación cuida a la mujer. El virus rápidamente se encarga de la joven. La reacción hace que el amor por Mario se intensifique extraordinariamente. Sin embargo, él está muerto. Desmotivada, se quita la vida.



A Gift or a Curse

William Barreto

Vicente Gomes


Translated by Lucas Feijó e Thaís Zadorozny

Vicente was not an ordinary young man in this story. Something made him unparalleled. A curse or, maybe, a gift. The smallest contact with his blood could reveal a person's deepest pretensions. Blood gives life to a feeling that transforms the receiver into a monster with incomparable strength and agility.

One day, Mario Barreto, a very prestigious doctor in town, touched the young man's blood. Since then, his love for his fiancée, Wanessa, intensified in such a way that, for her, he dared to do things that exceeded the limits of humanity. Pathological love. Though their wedding date had already been set, he knew his fiancée still had feelings for her ex-boyfriend, detective Wagner. Mario's jealousy increased when he saw Wanessa and Wagner talking. That day, he began his plan. The doctor's great idea was not to kill Wagner, but to make the detective be discredited in front of everyone and also hated by the person he loved.

Everyone knew about the "virus" and its causes due to the contact with blood. Nevertheless, Mario was able to fool almost everyone, pretending he was not poisoned. However, José, a nurse, was suspicious of his boss Mario's strange attitudes. Noticing José's suspicion, the doctor decided to kill José to hide the truth and to be able to finish his plan. By doing so, the young man's body was found near the hospital. Wagner was the detective in charge of unraveling the cause of the death.

The detective was, usually, very good at his job. As usual, after analyzing the case, he found out that the doctor could be the offender and found out that Mario could be infected with the blood of the deceased. Wagner's sharpened intuition made him believe that. Wagner arrested the doctor, but because of the lack of evidence, Mario did not stay behind bars for a long time. He denied having killed anyone and said that he could marry Wanessa. Mario also said that the detective was arresting him because he also liked her.



The only one who saw the naked truth was Wagner, but after people labeled him as jealous and crazy, nobody believed him. Unfortunately, the marriage happened, but before saying the famous and so expected “I do” and just before going to church, Wanessa told Wagner everything she felt. She said she did not like him. She said this, because she believed he was as crazy as Mario had said, and that he wanted to put an end to the wedding – at that moment, the detective revealed to her that he was in love with her.

Even after the accomplished fact, Wagner did not give up solving the mystery.

Previously, when Mario had been arrested, Wagner asked for a blood exam of the suspect. The results came late, but showed that the murderer was contaminated.

Together with the police, Wagner desperately went out in search of his lover. The couple was in a beach house near the town.

Obsessed, and believing that he had completed his plan and still under the influence of the curse, Mario decided to kill his wife and himself. So, he picked up a knife and went towards the distracted woman.

Meanwhile, Wagner quickly approached the place.

Mario approached her subtly, without her noticing. When he was about to cut her throat, a gunshot was heard.

It was the detective. He shot the murderer’s head. Wanessa was covered by Mario’s blood. It was also cursed. Despair took over her.

The virus quickly took over the young woman. Her love for Mario got extraordinarily intensified because of the reaction. But he was dead. Discouraged, she took her own life.





Ilustração de Mariana Szupszynsky



Eles estão chegando

Elvin Matheus Estran Pinheiro


A densa neblina não cegou os olhos de Belac naquela noite invernososa. Ele sabia que eles estavam chegando. Milhares de cidadãos, de camponeses a soldados, marchavam com tochas, espadas e tridentes. A entidade perdia sua empatia na humanidade na mesma frequência em que olhos piscavam, e seus atos cruzavam a linha tênue do justificável para o justo, no mesmo ritmo. O tirano sabia o que faria ao chegarem a sua fortaleza, e seus resquícios de mortalidade já não o assombravam como outrora fizeram.



Caleb Vonamor, como era conhecido anteriormente, nasceu cinco anos depois da segunda explosão, catástrofe que matou dois terços da população. Teve seus pais dados como mortos quando ele tinha apenas dez anos. Seus progenitores, cientistas renomados, foram dados como mortos enquanto trabalhavam em um projeto para salvar a população da tragédia, voltando no tempo onde a primeira explosão, ligada diretamente à segunda, aconteceu, no século XV, e procurando entender e neutralizar o evento. Desde então, Caleb dedicou sua vida à criação de uma máquina de viagem temporal efetiva, visando realizar o sonho de seus pais.

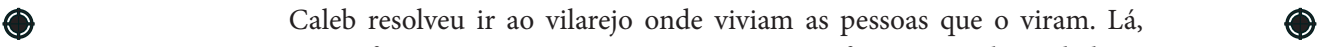
Aos vinte e oito anos, o cientista conseguiu terminar sua máquina, então a ligou. Houve um apagão e o rapaz sentiu uma tontura enorme e desmaiou. Quando abriu os olhos, Caleb não acreditou no que viu. O fim de tarde escurecido que era se tornou uma manhã ensolarada. As ruas de concreto que eram se tornaram gramado. Os prédios altos sumiram, assim como os carros, placas e tecnologias. Seu corpo, que estava cansado, tenso e dolorido, não havia mais dor. Não havia mais a forma anterior também. A pele em que Caleb habitava estava mudada, ou não existia mais. Seu corpo virou um misto de carne e luz. Aparentemente a experiência foi um fracasso, mas não totalmente. O cientista estava no passado, mas não como planejava.

Estava cercado de pessoas que o observavam, chocados, sem entender o que estava acontecendo. Para o azar da população, Caleb também não estava compreendendo nada, achando que era um sonho. Conforme seu corpo




despertava, sua forma original voltava gradualmente, até que voltou a ser somente carne. O homem estava desnudo, como veio ao mundo, e quando se levantou, as mulheres e crianças cobriram seus rostos para certificarem que não estavam olhando. Um homem então, em uma mistura de medo e desespero, foi em direção a Caleb, com um punhal nas mãos. O cientista apenas se cobriu para o ataque não acertar alguns pontos vitais, mas algo impressionante aconteceu: o ataque do homem falhou, assim como o braço inteiro passou pelo corpo do viajante. A população esboçou uma uniforme reação de pavor quando perceberam que o forasteiro estava intacto, intangível. A viagem temporal mudou a estrutura de Caleb, tornando o cientista algo além das capacidades humanas. O atacante recuou, então o homem intangível aproveitou para fugir para um bosque.

Os primeiros dias foram complicados para o viajante, pois não só tinha problemas ao controlar sua intangibilidade, mas também estava sem seus equipamentos, vivendo em um bosque, e descobrindo outras habilidades como mudar a matéria ou gerar pequenos campos de energia. O homem teria tornado algo similar aos super-heróis que acompanhava quando criança, então começou a pensar o que faria para consertar a situação a que veio para o passado, que aparentemente não havia acontecido ainda.





Caleb resolveu ir ao vilarejo onde viviam as pessoas que o viram. Lá, com certo esforço, conseguiu comunicar-se e então foi aceito pelos cidadãos. Como não tinha os equipamentos para neutralizar a primeira explosão e não tinha domínio de viagens temporais, Caleb viveu no povoado por três anos. A comunidade avançou muito e conquistou autossustento, usando dos poderes do viajante, que os dominava bem e usava-os para o bem de seu povo, para produzir. O cientista viajava ao redor do continente para ajudar povos necessitados, assim como para investigar presságios da misteriosa catástrofe que chegaria em breve. Por outro lado, a fama do viajante se espalhou conforme suas jornadas, e isso fez com que as dúvidas sobre a origem de seus poderes viessem a se tornar preocupação de governos teocráticos que ganhavam mais poder a cada dia. Boatos como envolvimento com bruxaria ou entidades malignas eram cada vez mais frequentes, então a igreja ordenou a captura do cientista.

Caleb era difícil de ser encontrado, estava sempre em uma nova jornada para melhorar a vida das pessoas, principalmente do povo que o acolheu. Porém, a entidade tinha um povo para zelar e os governantes já sabiam disso. Era o necessário para atacar. O clero mandou uma tropa para o vilarejo que residia Caleb, então atacaram o lugar, que era pacífico, e dizimaram a população, que jurava não saber onde estava seu líder. Por ironia do destino, ou puro azar, o



homem procurado pela igreja chegou de viagem enquanto os soldados ainda empilhavam as centenas de corpos que massacraram. A partir daquele momento, nada mais foi o mesmo. O sobre-humano urrou de tristeza e pavor.


O grito foi ouvido a quilômetros de distância. Em um piscar de olhos, Caleb já não estava mais em sua forma humana, assim como seus inimigos não estavam mais respirando. A entidade matou todos os soldados enviados com seu grito que rajou energia tão forte que incinerou qualquer coisa com vida que tocou. Desde aí, o ser, que outrora foi homem, enlouqueceu. O ser, que cria ter vindo para salvar a humanidade das explosões, desejou que elas fossem mais dolorosas ainda. O ser, que amava ao próximo, concluiu que o ser humano não merecia sua compaixão e que era melhor que todos os demais seres que respiravam. Todos, que Caleb amara um dia, estavam mortos. Ele não tinha nada a perder. Desde então, chamou-se Belac.



Belac destruiu, primeiramente, o regime teocrata que enviou os cavaleiros de forma sanguinária contra seu povo. Matou e torturou não somente os governantes, mas qualquer viva alma que morava onde a igreja governara. Então a entidade usou de seus poderes para reanimar a matéria, ressuscitando humanos e animais, para dizimar quem estava, de fato, vivo, independente de quem fosse. Pilhas de corpos foram feitas. Cidades foram destruídas e roubadas, e, então, uma fortaleza foi construída, da noite para o dia, sobre o local que um dia fora o vilarejo do viajante superpoderoso. A população, então, começou a tentar reagir, lutando com garra contra o exército do tirano que um dia foi aclamado como salvador.

Após meses de batalha, Belac planejava dar sua cartada final para adiantar a primeira explosão, assim como potencializá-la. O poderoso vilão depositava parte de sua energia em uma cúpula gigante, para assim invocar a explosão. O povo, que agora estava unido contra uma ameaça maior, estava, em contrapartida, conseguindo derrotar as tropas da entidade sombria, e planejavam um ataque para cortar o mal pela raiz, matando o viajante do tempo.

A noite fatídica chegou. Eles estavam chegando. Em uma tentativa de ataque surpresa, a população foi vítima da falta de conhecimento dos reais poderes de Belac, que cresciam a cada dia que passava. A entidade, com facilidade e rapidez, gerou um campo de energia que cobria e imobilizava cada um dos homens que tentavam invadir a fortaleza. Milhares de pessoas gritavam de pavor e dor enquanto sentiam algo sendo retirado de si. A entidade estava prestes a concluir seu plano para adiantar a catástrofe mundial – roubava, naquele



momento, a energia vital de todos que estavam na área. A energia vital daqueles milhares era equivalente a sua energia total, e sugar toda ela, de uma vez, faria a cúpula lotar e iniciaria a explosão. Após a explosão, iniciaria um ciclo infinito catástrofes a cada vez que a cúpula se lotasse novamente, roubando sutilmente a energia humana todos os dias, e para isso esconderia o artefato criado por ele no manto terrestre.

Todos os humanos tinham a vida roubada na mesma frequência, e todos estavam à beira da morte quando algo inesperado aconteceu: o tirano caiu. A surpresa foi de todos, mas Belac, que estava no topo de sua fortaleza, foi fatalmente golpeado por uma energia púrpura e outra de cor carmim, vinda de dois outros seres misteriosos. Ao se aproximarem, a entidade golpeada grita de pavor – o rosto dos seres era familiar – literalmente familiar. Seus pais, que supostamente estavam mortos, acabavam de descarregar energia em seu peito, que o acertou em cheio.



O pai de Belac, com olhar de reprovação, chega perto do que há algum tempo era seu filho. Ao certificar que não havia perigo da parte da entidade ferida, sai correndo para onde sua esposa estava, neutralizando a cúpula que, no fim das contas, sempre foi a causadora da explosão. A energia volta para as pessoas, e a alva energia do tirano sobe para a estratosfera, gerando uma inesperada chuva. Belac, por fim, foi uma vítima de seus próprios erros temporais. Aparentemente, a viagem de seus pais foi um sucesso nunca descoberto, e o casal Vonamor sempre esteve ciente que o perigo era personificado, também sabia das possibilidades de mudança de forma ao ultrapassar a velocidade da luz.

Belac – ou Caleb, como o tempo preferir – faleceu ali, sem esboçar reação nenhuma além de compreensão de tudo que havia acontecido. As explosões nunca existiram. Caleb viveu uma longa vida, com sua família, amigos e os demais bilhões de pessoas, que contabilizavam a população mundial, no futuro.

Atividades

Elaboradores: Grazielle Roman Menezes / André Mendes Coelho

1. Quais são os motivos que levam Caleb a desenvolver uma máquina capaz de realizar viagens no tempo?

- 
2. O que levou o personagem a efetuar uma mudança no seu nome, escrevendo-o de forma espelhada? Retire do texto o trecho que justifica sua resposta.
 3. Viajar no tempo sempre foi algo almejado pela humanidade. Se você pudesse voltar ao passado e alterar o presente, o que você modificaria?
- 



Ellos están llegando

Elvin Matheus Estran Pinheiro


Traducido por Mabel Nunes Moraes

La niebla no cegó los ojos de Belac en aquella noche invernal. Él sabía que ellos iban a venir. Millones de ciudadanos, de los campesinos a los soldados, marcharon con antorchas, espadas y tridentes. La entidad perdía su empatía en la humanidad en la misma frecuencia en que ojos pizcaban, y sus actos cruzaban la línea fina del justificable para el justo, en el mismo ritmo. El tirano sabía lo que haría al llegar a su fortaleza, y sus resquicios de mortalidad ya no lo perseguían como antes hacían.

Caleb Vonamor, como se llamaba anteriormente, nació cinco años después de la segunda explosión, catástrofe que mató dos tercios de la población. Tuvo sus padres como muertos cuando él tenía apenas diez años. Sus progenitores, científicos de renombre, fueron dados como muertos mientras trabajaban en un proyecto para salvar la población de la tragedia, volviendo en el tiempo donde la primera explosión, unida directamente a la segunda, aconteció, en el siglo XV, y procurando entender y neutralizar el evento. Desde entonces, Caleb dedicó su vida a la creación de una máquina de viaje temporal efectiva, con el objetivo de realizar el sueño de sus padres.

A los veintiocho años, el científico consiguió terminar su máquina, entonces la conectó. Hubo un apagón y el muchacho sintió un mareo enorme y desmayó. Cuando abrió los ojos, Caleb no creyó lo que veía. El fin de tarde oscureció y se convirtió en una mañana soleada. Las calles de concreto se convirtieron en césped. Los altos edificios desaparecieron, así como los coches, tablas y tecnologías. Su cuerpo, que estaba cansado, tenso y dolorido, no había más dolor. No había más la forma anterior también. La piel en que Caleb tenía estaba cambiada, o no existía más. Su cuerpo se volvió un misto de carne y luz. Aparentemente la experiencia fue un fracaso, pero no al total. El científico estaba en el pasado, pero no como planeaba.

Estaba rodeado de personas que lo observaban, sorprendidos, sin entender lo que estaba sucediendo. Por la mala suerte de la población, Caleb también no estaba entendiendo nadie, pensando que era un sueño.




Cuando su cuerpo despertó, su forma original regresó gradualmente, hasta que volvió a ser solo carne. El hombre estaba desnudo, como vino al mundo, y cuando se puso de pie, las mujeres y niños cubrieron sus caras para certificarse que no estaban mirando. Un hombre entonces, en una mezcla de miedo y desesperación, fue en dirección a Caleb, con una daga en las manos. El científico apenas se cubrió para el ataque no acertar algunos puntos vitales, pero sucedió algo impresionante: el ataque del hombre falló, así como el brazo todo atravesó el cuerpo del viajero. La población esbozó una uniforme reacción de temor cuando se dieron cuenta de que el extraño estaba intacto, intangible. El viaje temporal cambió la estructura de Caleb, haciendo al científico algo más allá de las capacidades humanas. El atacante dio un paso atrás, entonces el hombre intangible aprovechó la oportunidad para escapar hacia un bosque.

Los primeros días fueron complicados para el viajero, porque no solo tenía problemas para controlar su intangibilidad, sino también estaba sin su equipo, viviendo en un bosque y descubriendo otras habilidades como: cambiar la materia o generar pequeños campos de energía. El hombre se habría convertido en algo similar a los superhéroes que acompañaba cuando era un niño, entonces comenzó a pensar lo qué haría para solucionar la situación que ha traído para el pasado, que aparentemente aún no había sucedido.

Caleb decidió ir al pueblo donde vivían las personas que lo vieron. Allí, con un poco de esfuerzo, logró comunicarse y luego fue aceptado por los ciudadanos. Como no tenía el equipo para neutralizar la primera explosión y no tenía dominio sobre los viajes en el tiempo, Caleb vivió en la aldea durante tres años. La comunidad avanzó mucho y ganó la autosuficiencia, utilizando los poderes del viajero, que los dominó bien y los usaba para el bien de su gente, para producir. El científico viajó por todo el continente para ayudar a las personas necesitadas, así como para investigar los presagios de la misteriosa catástrofe que pronto llegaría. Por otro lado, la fama del viajero se extendió de acuerdo con sus viajes, y esto hizo que las dudas sobre el origen de sus poderes se convirtieran en la preocupación de los gobiernos teocráticos que ganaban más poder cada día. Los rumores como la participación con brujería o entidades malvadas eran cada vez más frecuentes, entonces la iglesia ordenó que se capturara al científico.

Caleb era difícil de encontrar, siempre estaba en un nuevo viaje para mejorar la vida de las personas, especialmente de las personas que lo recibían. Sin embargo, la entidad tenía un pueblo que vigilar y los gobernantes ya lo sabían. Era lo necesario para atacar. El clero envió una tropa a la aldea que




residía Caleb, entonces atacó el lugar, que era pacífico, y diezmó a la población, que juraba no saber dónde estaba su líder. Por ironía del destino, o pura desgracia, el hombre buscado por la iglesia llegó de viaje mientras los soldados seguían amontonando los cientos de cuerpos que mataron. A partir de ese momento, nada más fue lo mismo. El sobrehumano rugió de tristeza y temor.

El grito se oyó a kilómetros de distancia. En un abrir y cerrar de ojos, Caleb ya no estaba en su forma humana, así como sus enemigos ya no estaban más respirando. La entidad mató a todos los soldados enviados con su grito que rompió una energía tan fuerte que incineró cualquier cosa con la vida que tocó. Desde entonces, el ser, que una vez fue hombre, se ha vuelto loco. El ser, que cree que vino para salvar la humanidad de las explosiones, deseó que fueran aún más dolorosas. El ser, que amaba a su prójimo, concluyó que el ser humano no merecía su compasión y que era mejor que todos los demás seres que respiraban. Todos, a quienes Caleb había amado una vez, estaban muertos. Él no tenía nada a perder. A partir de entonces, se llamaba Belac.

Belac destruyó, primero, el régimen teocrático que envió a los caballeros de una manera sangrienta contra su gente. Mató y torturó no solo a los gobernantes, sino a cualquier otra persona que viviera donde gobernaba la iglesia. Luego, la entidad utilizó sus poderes para reanimar la materia, resucitando humanos y animales, para diezmar quién estaba, de hecho, vivo, sin importar quién era. Se hicieron pilas de cuerpos. Las ciudades fueron destruidas y robadas, y luego se construyó una fortaleza, durante la noche, en el sitio que una vez fue el pueblo del viajero abrumador. La población, entonces, comenzó a tratar de reaccionar, luchando con garra contra el ejército del tirano que un día fue aclamado como salvador.

Después de meses de batalla, Belac planeó dar su última carta para adelantar la primera explosión, así como para potencializarla. El poderoso villano depositó parte de su energía en una cúpula gigante, para invocar la explosión. Las personas, que ahora estaban unidas contra una amenaza mayor, estaban, por otra parte, logrando derrotar a las tropas de la entidad sombría, y planearon un ataque para cortar el mal en la raíz, matando el viajero del tiempo.

La fatídica noche ha llegado. Ellos venían. En un intento de ataque sorpresa, la población fue víctima de la falta de conocimiento de los poderes reales de Belac, que creció con cada día que pasó. La entidad con facilidad y rápidamente, generó un campo de energía que cubrió e inmovilizó a cada uno



de los hombres que intentaron invadir la fortaleza. Miles de personas gritaron de terror y dolor al sentir que algo les era arrebatado.

La entidad estaba a punto de concluir su plan para hacer avanzar la catástrofe mundial -estaba robando, en ese momento, la energía vital de todos en el área. La energía vital de aquellos miles era equivalente a su energía total, y succionarla toda al mismo tiempo, causaría que el domo explotara y comenzara la explosión. Después de la explosión, comenzaría un ciclo interminable de catástrofes cada vez que la cúpula se llenara nuevamente, robando sutilmente la energía humana todos los días, y para eso ocultaría el artefacto creado por él en el manto terrenal.

Todos los humanos tenían la vida robada a la misma frecuencia, y todos estaban al borde de la muerte cuando sucedió algo inesperado: el tirano cayó. La sorpresa fue de todos, pero Belac, que estaba en la cima de su fortaleza, fue golpeado fatalmente por una energía púrpura y otra de color carmín, proveniente de otros dos seres misteriosos. A medida que se acercan, la entidad golpeada grita de terror - las caras de los seres eran familiares, literalmente familiares. Sus padres, que estaban muertos, acababan de agotar la energía en su pecho, que lo golpeó de lleno.

El padre de Belac, con una mirada de reproche, se acerca a lo que una vez fue su hijo. Al darse cuenta de que no había peligro por parte de la entidad herida, corrió a donde estaba su esposa, neutralizando la cúpula que, después de todo, siempre había sido la causa de la explosión. La energía regresa a la gente, y la energía blanca del tirano se eleva hacia la estratosfera, generando una lluvia inesperada. Belac, por fin, fue víctima de sus propios errores temporales. Aparentemente, el viaje de sus padres fue un éxito nunca descubierto, y la pareja Vonamor siempre fue consciente de que el peligro estaba personificado, y también conocía las posibilidades de cambio de forma al superar la velocidad de la luz.


Belac - o Caleb, como prefiere el tiempo - murió allí, sin dibujar ninguna reacción más allá de la comprensión de todo lo que había sucedido. Las explosiones nunca existieron. Caleb vivió una larga vida, con su familia, amigos y otros millones de personas, que contaron a la población mundial, en el futuro.




They are Coming

Elvin Matheus Estran Pinheiro

Translated by: Nicolas Blauth de Mattos




The thick mist did not blind Belac's eyes in that winter night. He knew they were coming. Thousands of citizens, from peasants to soldiers, all of them marching with torches, swords and tridents. The entity was slowly losing its empathy in humanity as often as the eyes blinked and its deeds crossed the tenuous line from justifiable to fair at the same pace. The tyrant knew what he would do when they reached his fortress. His remnants of mortality no longer haunted him as it used to in the past. Caleb Vonamor, as he was once known, was born five years after the second explosion, a catastrophe that killed two-thirds of the population. His parents were reported dead when he was only ten. They Renowned scientists, they were reported dead while they were working in a project designed to save the population from the tragedy of the first explosion, directly connected to the second, in the XV century. This calamity happened when they were trying to understand and neutralize the event. Since then, Caleb has dedicated his entire life to build an effective time travel machine, all to the sake of achieving his parent's dreams.



When he turned 28, the scientist managed to finish his long-awaited machine, and then, he turned it on. There was a blackout and Caleb felt really dizzy, and passed out as a consequence. When he opened his eyes, he did not believe on what he saw. That darkened late afternoon turned into a sunny morning. In the place where once there were paved roads, now there was only lawn. The tall buildings had vanished, just as the cars, the traffic signs and all the technology. His body was tired, tense and painful. There was no more suffering from those negative effects. His body did not hold the same shape as it once did in the past. Caleb's skin had been changed, or, it no longer existed. His entire body turned into a mix of flesh and light. Apparently, the experience had been a failure, but not completely. The scientist was indeed in the past; however, not in the way he had planned to.



Caleb was surrounded by people who were watching him. They were shocked for they could not understand what was going on. To the misfortune



of the population, he did not understand what was happening either. He believed everything was nothing but a dream.


Meanwhile, as his body was awakening, his original form was slowly returning to its original form, until he became only flesh again. The man was naked, as he was born, and when he stood up, both women and children covered their eyes to make sure they were not watching him.

Among them, and in a mix of fear and despair, a man walked towards Caleb with a dagger in his hands. The scientist just covered himself so that the stabs did not hurt any of vital points, but then, something astonishing happened: the attack of the man failed and his hand had entirely passed through the traveler's body. The population reacted dreadfully when they noticed that the outsider was unharmed and intangible. The time travel had changed Caleb's molecular structure, turning the scientist into something beyond the capacity of human beings. The attacker retreated, and the intangible man took that opportunity to escape towards to the woods.



The first days were complicated for the traveler, because he not only had difficulties to control his intangibility, but he also did not have his equipment with him. By living in the woods, he started to discover other abilities, such as; changing the molecular forms of the materials or creating small fields of energy. The man had become something similar to those super heroes he used to watch when he was a kid. So, he started to think what he would do to fix that situation and put it into work the real meaning behind his time travel to the past, which seemed to have not occurred yet.

Caleb decided to return to the small village where the villagers had first seen him. There, he faced many difficulties, but he managed to communicate with a lot of effort, and then, he was soon accepted by the citizens. As he did not have his equipment with him to neutralize the first explosion, and he did not have any experience with time travel either, Caleb decided to live in that area for three years. The community prospered a lot and reached its self-support with the help of the traveler's powers that now were under control and were being used to help the villagers. The scientist was often traveling around the continent to help other peoples in need. In his travels, he also tried to foresee possible explanations to investigate the mysterious catastrophe that was about to happen. On the other hand, because the traveler's fame spread among the peoples during his travels, it triggered doubts about the origins of his powers, turning into a concern for the theocratic government problem, which got powerful every day.



Rumors that the traveler was involved with witchcraft or with evil entities were more and more frequent. So, the church ordered to capture the scientist. It was not hard to find Caleb, for he was always on a new journey in order to help other people's lives, especially the lives of those who had welcomed him. However, the entity had a nation to take care of and the rulers already knew that. This statement was reason enough to start to attack. The clergy sent a troop towards to the village where Caleb resided. So, they attacked the peaceful place and decimated the population, who swore not to know the leader's whereabouts. And, as fate would have it, or just for back luck, the man wanted by the church arrived from his travel when the soldiers were still piling up the hundreds of corpses they had slaughtered in the meantime. From then on, nothing else was like before. The superhuman roared of sadness and dread.


The scream was heard kilometers away. In the blink of an eye, Caleb no longer had his human form and his enemies no longer breathed. The entity had killed all the warriors with its roar that generated such powerful energy that it incinerated any life forms that it touched. Since then, the creature that was once a man got crazy. The creature that had once believed to have come to save the humanity from the explosions, now wished they were even more painful than before. The creature, who loved its fellow citizens, came to the conclusion that human beings did not deserve his compassion and that he was better than all other life forms that breathed. Everyone Caleb once loved was now dead. He had nothing else to lose. From then on, he started to call himself, Belac.

Firstly, Belac destroyed the theocratic regime that had sent the knights in a bloodthirsty way against his people. He killed and tortured not only the governors but also all living beings who inhabited the area the church ruled over.

Then, the entity used its powers to reanimate the physical matter by resurrecting both humans and animals in order to decimate those who were alive, independently on who they were. His actions resulted in piles of corpses. Cities were robbed and destroyed, and then, from night to day, a fortress was constructed on the place where once was the village where the super powerful traveler had lived. The population began to react, fighting back against the army of the tyrant, who was once acclaimed as a savior.

After months of battle, Belac planned to play his trump card to speed up the first explosion, as well as to increase its destructive powers.

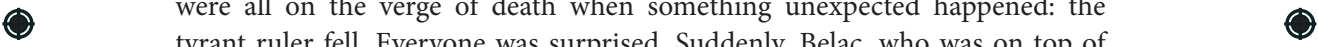
The powerful villain deposited part of his powers in a giant dome to trigger the explosion. The people, who were now united against a greater threat, were



managing to defeat the troops sent by the dreadful entity and were planning an attack to nip it in the bud, by killing the time traveler.

The long awaited fateful night had finally come. They were coming. In an attempt of a surprise attack, the population was victim of a lack of knowledge about Belac's real powers that seemed increase day by day.

The entity quickly and easily generated an energy field that covered and immobilized anyone who tried to invade his fortress. Thousands of people screamed in pain and in terror as they felt something was being removed from their bodies. The entity was about to finish its plan to speed up the worldwide catastrophe. In that moment, he was draining the life force from everyone who was in that area. The life force from those thousands of people was equivalent to the its own full power and sucking it all at once, would fill up the entire dome and cause it to burst. After the explosion, an infinite cycle of catastrophes would start each time the dome got filled up again, subtly draining the human energy every day and, for that to occur, he would hide an artifact he had created in the Earth's mantle.



Every human being had their lives stolen in the same frequency. They were all on the verge of death when something unexpected happened: the tyrant ruler fell. Everyone was surprised. Suddenly, Belac, who was on top of the fortress was fatally hit by a purple energy and crimson energy, which came from two mysterious creatures. When they got closer, the entity who had been hit started to roar in dread – the creature's faces were familiar – literally familiar. His parents, who were supposedly dead, has just launched and energy beam on his chest that fully hit him.

Belac's father got closer to that creature that was once his son with a reproachful look upon his face. When he managed to confirm that there were no signs of danger coming from the wounded entity, he ran to where his wife was and neutralized the dome, which had always been the main source of the explosion.

The energy that was taken from the people now returned to them, and the tyrant's white energy rose to the stratosphere soon after, generating an unexpected rain. In the end, Belac was a victim of his own time travel mistakes. Apparently, his parents' time travel had been a complete success that had never been known, and the Vonamor couple always knew that the real danger laid on something personified. They also knew about possible shape change if someone managed to exceed the speed of light.



Belac - or Caleb – as time prefers – died right there. He passed away with no reaction, only the comprehension that all that had happened. The explosions had never happened.

Caleb lived a long life with his family, friends and the other billions of people that accounted for the entire world population in that future time line.





Ilustração de Gabriel Dorgan




Mulheres, malditas liberdades

Gabriela Rodrigues Vicente


“A humanidade sempre teve medo de mulheres que voam.

Sejam elas bruxas, sejam elas livres”.

Arthur Diogo



Nem todos os segredos do mundo devem ser revelados, a imortalidade, por exemplo, sempre foi encarada como um mito e é melhor que seja assim. Um povo que fecha os olhos para os fios pendurados em seus tendões, que controlam cada movimento, é um povo composto por marionetes, e isso é conveniente para os poderosos, creio ser essa a razão pela qual somos consideradas ameaçadoras, porque somos livres. Meu nome é Katarine e essa é a história de como eu me libertei.



Naquele dia, o relógio da torre soou diferente, como se o tempo fosse dotado de consciência e soubesse o que estava destinado a acontecer.

Os gritos dos soldados nos corredores anunciavam a chegada de mais uma prisioneira, não levantei os olhos quando gritaram “bruxa” diversas vezes. Também não ousei encarar a porta da cela quando ouvi as correntes sendo afastadas ou quando o baque de um corpo caiu próximo aos meus pés. Mais uma mulher estaria condenada à fogueira e isso não era nenhuma novidade. Um tempo atrás, eu enxergaria esperança naquilo tudo, na oportunidade de ter uma irmã com quem elaborar um plano. Mas tudo aquilo era esmagadoramente maior do que eu, por isso ignorei o fato de que agora eu teria alguém para dividir a cela fria do porão da igreja, não existia beleza em nada daquilo, minha fé estava abalada e eu já tinha aceitado meu fado.

Acordei com um choro particularmente irritante, soluços fortes e pedidos de ajuda a alguma santidade. Irritada por não conseguir desfrutar de meus pesadelos, esbravejei:

“Qual o seu nome?”



“Nat. Natala.”

“Os deuses não vão lhe ajudar a sair daqui, Natala, pare de ser tola e aceite seu destino!”

“É injusto...” - tentou responder, em meio aos soluços.

“Sim, a vida é muito injusta, às vezes precisamos aceitar isso e tentar respeitar aqueles que querem dormir.” - virei-me para o outro lado e fechei os olhos novamente.

“Não, eu quero dizer que nunca cometi nenhum ato suspeito para estar aqui, eu tenho essa marca de nascença e eles... Eles simplesmente arrancaram meu filho dos meus braços e alegaram que eu era uma bruxa devoradora de crianças. É tão injusto... além de injusto é cruel.”

Diante do meu silêncio, ela continuou:

“Eu nunca teria coragem de cometer os atos perversos dos quais as bruxas são acusadas, eu não sou um monstro”

“Elas também não são.”

“Como pode dizer isso?”

“Porque sou uma delas e sei que nenhuma de nós é responsável pelos ataques à vila”.


Nesse momento ela se encolheu, encarou-me apreensiva e sua voz refletia um ódio acentuado:

“Meu pai foi morto por bruxas, ele era um caçador de bruxas e tenho convicção de que o clero nunca mentiria para os fiéis. Eu confiei na santíssima igreja durante a vida inteira.”

“E olhe onde você está agora.” - debochei com um riso de escárnio.

Ela me encarou silenciosa, pude enxergar a luta em seus olhos, o sentimento de traição e dúvida tomando conta de suas pupilas. Contornando os tijolos da cela com uma unha, acrescentei:

“As bruxas são mal interpretadas, nossa maior dedicação sempre foi proteger a natureza que o homem a todo momento pareceu determinado a tentar destruir. Quando começaram a explorar as florestas e derrubar árvores, houve resistência,



então decidiram nos crucificar, eles decidiram que éramos más, temeram nossos dons e condenaram nossa existência. Quando negamos submissão, eles começaram com toda a perseguição e disseminaram a ideia de que somos vilãs. Desde então nossa existência se resume em fugir ou servir de lenha para as fogueiras deles.”

“E quem são os responsáveis pelos ataques à vila?”

“Indiretamente eu diria que é o próprio homem. Quando você mexe com a natureza, ela tende a se defender, não devemos subestimá-la.”

Ela permaneceu calada por uns instantes.

“Como você foi presa?”

Resgatei as memórias daquele dia, então contei:

“Encontrei uma criança perdida no meio da floresta, trouxe-a de volta e, quando estava voltando, caí em uma armadilha com essas correntes que supostamente anulam minhas habilidades feéricas.”

“Supostamente?”

“Não funcionam.”

“Bem, então por que você não usou... sabe, os seus... seus poderes para se defender?” - ela parecia particularmente curiosa e um tanto revoltada com a minha prisão.

“Minhas habilidades feéricas são de cura, os feitiços que conheço necessitam de objetos específicos. Não somos perigosas como eles nos fazem parecer.” - respondi.


“E por que você ainda não foi condenada?”

“Já fui, tentaram me queimar três vezes. Sou abençoada pelo Poder da Fênix, todas que ainda estão aqui são imunes ao fogo.” - expliquei.

Ela me encarou por alguns instantes e pude ver algo mudando em seus olhos quando disse:

“Acredito em você.”

Naquele instante, irrompeu um barulho ensurdecido e as paredes começaram a desmoronar, instintivamente protegi a mortal e carreguei-a para



o fundo da cela. Em poucos minutos, boa parte das paredes estavam no chão. Encarei o corpo inconsciente de Natala e mesmo acorrentada, coloquei-a em minhas costas em busca de uma saída.

Tatei os muros das celas, mas com toda fumaça era difícil de enxergar uma direção. Notei que a mortal ainda respirava. Ótimo, pelo menos não estava morta.

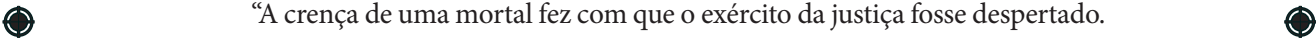
“Eu ajudo você”.

Levantei meus olhos e a vi. Elfa Marielle, líder dos seres feéricos, sorrindo, empunhou sua espada e cortou minhas correntes, tomando a mortal de meus braços, saiu voando e iluminando o caminho que indicava a saída.

O fogo começou assim que saímos da igreja, distraindo os guardas de nossa fuga. Seguimos em direção à floresta e eu mal lembrava da sensação de estar livre. No interior da floresta, quis perguntar à Elfa como tudo aquilo tinha acontecido. Chegamos a um local seguro e depositamos a mortal no chão.

Virei-me para a Elfa Marielle e questionei:

“Não entendo, o que aconteceu?”



“A crença de uma mortal fez com que o exército da justiça fosse despertado. A guerra começará em breve.”

“Então, fui eu?”

“Foram as suas palavras.” - ela sorriu.

Notando minha expressão fixa de dúvida, continuou:


“As palavras são as armas mais poderosas que existem, querida, têm poder de condenar e também de libertar.”

“Por que demorou tanto tempo para isso acontecer?”

“Com o passar do tempo, nosso povo desenvolveu um rancor muito grande pelos mortais, nenhuma bruxa sabia da tradição e tampouco estava disposta a se explicar para um povo que as queriam mortas.”

“E eu..”


“Você fez com que ela acreditasse em nós, isso mostrou aos deuses que ainda existe possibilidade de uma convivência pacífica. Eu preciso ir, querida, muitas ainda precisam ser libertadas.”



E virou-se, adentrando a floresta e desaparecendo em meio às árvores. Encarei o escuro com a repleta certeza de que não foram as fogueiras, nem os homens, nem as correntes que me fizeram um dia desacreditar, somente eu tinha o poder de me manter prisioneira, sem querer eu tinha libertado muitas outras bruxas e isso trazia um sentimento oposto à solidão que eu sempre sentira. Segui o caminho da liberdade, mesmo sem saber onde iria chegar, mas com uma única certeza: eu não estava sozinha.

Atividades

Elaboradora: Flávia da Silva Fagundes

1. Identifique o tema central do conto e relacione-a com a atualidade, expondo a temática encontrada.
 2. Natala, ao ser aprisionada, manifesta a injustiça que sofreu. Por qual motivo ela foi enclausurada?
 3. As bruxas são criticadas pelo povo descrito no texto, Katarine revela que o próprio homem se determinou a destruir a natureza e isso causou consequências. Por que a bruxa explica isso para Natala?
- 



Mujeres, malditas libertades


Gabriela Rodrigues Vicente

Traducido por: Magda de Souza Motta


“La humanidad siempre tuvo miedo de mujeres que vuelan.

Sea ellas brujas, sean ellas libres. “

Arthur Diogo




Ni todos los secretos del mundo deben ser revelados, la inmortalidad, por ejemplo, siempre fue encarada como un mito y es mejor que sea así. Un pueblo que cierra los ojos para los hilos colgados en sus tendones, que controlan cada movimiento, es un pueblo compuesto por marionetas, y eso es conveniente para los poderosos, creo ser esa la razón por la cual somos consideradas amenazadoras, porque somos libres. Mi nombre es Katarine y esa es la historia de cómo yo me liberté.



Aquel día, el reloj de la torre sonó diferente, como si el tiempo fuera dotado de conciencia y supiera lo que estaba destinado a acontecer.

Los gritos de los soldados en los pasillos anunciaban la llegada de más una prisionera, no levanté los ojos cuando gritaron “bruja” diversas veces. Tampoco pensé encarar la puerta de la celda cuando oí las corrientes siendo alejadas o cuando el batacazo de un cuerpo cayó próximo a mis pies. Más una mujer estaría condenada a la hoguera y eso no era ninguna novedad. Un tiempo atrás, yo veía la esperanza en aquello todo, en la oportunidad de tener una hermana con quién elaborar un plan. Pero todo aquello era abrumadoramente mayor del que yo, por eso ignoré el hecho de que ahora yo tendría alguien para dividir la celda fría de él pondrán de la iglesia, no existía belleza en nada de aquello, mi fe estaba sacudida y yo ya había aceptado mi fado.

Me desperté con un lloro particularmente irritante, sollozos fuertes y pedidos de ayuda a alguna santidad. Enojada por no conseguir disfrutar de mis pesadillas, me enfurecí:



“Cuál su nombre?”

“Nat. Natala.”

“Los dioses no van a ayudarle a salir de aquí, Natala, pare de ser tola y endoso su destino!”

“Es injusto...” - intentó responder, en medio a los sollozos.

“Sí, la vida es muy injusta, a veces necesitamos aceptar eso e intentar respetar aquellos que quieren dormir.” - me volqué para el otro lado y cerré los ojos nuevamente.

“No, yo quiero decir que nunca cometí ningún acto sospechoso para estar aquí, yo tengo esa marca de nacimiento y ellos... Ellos simplemente arrancaron mi hijo de mis brazos y alegaron que yo era una bruja devoradora de niños. Es tan injusto... además de injusto es cruel.”

Delante de mi silencio, ella continuó:

“Yo nunca tendría coraje de cometer los actos perversos de los cuales las brujas son acusadas, yo no soy un monstruo”

“Ellas tampoco son.”

“ ¿Cómo puede decir eso?”

“Porque soy una de ellas y sé que ninguna de nosotras es responsable por los ataques a la villa”.


En ese momento ella se encogió, me encaró aprensiva y su voz reflejaba un odio acentuado:

“Mi padre fue muerto por brujas, él era un cazador de brujas y tengo convicción de que el clero nunca mentiría para los fieles. Yo confíé en la santísima iglesia durante la vida toda.”

“Y aseste donde usted está ahora.” - burlé con una risa de escarnio.

Ella me encaró silenciosa, pude ver la lucha en sus ojos, el sentimiento de traición y duda tomando cuenta de sus pupilas. Contornando los ladrillos de la celda con una uña, añadió:

“Las brujas son apenas interpretadas, nuestra mayor dedicación siempre



fue proteger la naturaleza que el hombre a todo momento pareció determinado a intentar destruir. Cuando comenzaron a explorar las florestas y derribar árboles, hubo resistencia, entonces decidieron en crucificarlos, ellos decidieron que éramos malas, temieron nuestros dones y condenaron nuestra existencia. Cuando negamos sometimiento, ellos comenzaron con toda la persecución y diseminar la idea de que somos malvadas. Desde entonces nuestra existencia se resume en huir o servir de leña para las hogueras de ellos.”

“ ¿Y quién son los responsables por los ataques a la villa ?”

“Indirectamente yo diría que es el propio hombre. Cuando usted menea con la naturaleza, ella tiende a defenderse, no debemos subestimarla.”

Ella permaneció callada por unos instantes.

“ ¿Cómo usted fue prendida?” Rescaté las memorias de aquel día, entonces conté:

“Encontré un niño perdido en medio de la floresta, la traje de vuelta y, cuando estaba volviendo, caí en una trampa con esas corrientes que supuestamente anulan mis habilidades feéricas.”

“ ¿Supuestamente?”

“No funcionan.” “Bien, entonces ¿por qué usted no usó... sabe, los suyos... sus poderes para defenderse?” - ella parecía particularmente curiosa y un tanto revoltosa con mi prisión.

“Mis habilidades feéricas son de cura, los hechizos que conozco necesitan de objetos específicos. No somos peligrosas cómo ellos nos hacen parecer.” - respondí.


“Y por qué usted aún no fue condenada?”

“Ya fui, intentaron me quemar tres veces. Soy bendecida por el Poder de la Fênix, todas que aún están aquí son inmunes al fuego.” - expliqué.

Ella me encaró por algunos instantes y pude ver algo cambiando en sus ojos cuando dijo:

“Creo en usted.”

En aquel instante, irrumpió una confusión ensordecedora y las paredes comenzaron a desmoronarse, instintivamente protegí la mortal y la cargué para el fondo de la celda. En pocos minutos, buena parte de las paredes estaban en el



suelo. Encaré el cuerpo inconsciente de Natala y mismo encadenada, la coloqué en mi espalda en búsqueda de una salida.

Toqué los muros de las celdas, pero con todo humo era difícil de ver una dirección. Noté que la mortal aún respiraba. Óptimo, por lo menos no estaba muerta.

“Yo ayudo usted”.

Levanté mis ojos y la vi. Elfa Marielle, líder de los seres feéricos, sonriendo, empuñó su espada y cortó mis corrientes, tomando la mortal de mis brazos, salió volando e iluminando el camino que indicaba la salida.

El fuego comenzó así que salimos de la iglesia, distrayendo los guardias de nuestra fuga. Seguimos en dirección a la floresta y yo apenas acordaba de la sensación de estar libre. En el interior de la floresta, quiso preguntar a Elfa cómo todo aquello había acontecido. Llegamos a un local seguro y depositamos la mortal en el suelo.

Me volqué para Elfa Marielle y le pregunté:

“No entiendo, lo que aconteció?”

“La creencia de una mortal hizo con que el ejército de la justicia fuera despertado. La guerra comienza en breve.”

“Entonces, ¿fui yo?” “Fueron sus palabras.” - ella sonrió.

Notando mi expresión fija de duda, continuó:


“Las palabras son las armas más poderosas que existen, querida, tienen poder de condenar y también de liberar.”

« ¿Por qué tardó tanto tiempo para eso acontecer? »

« Con el pasar del tiempo, nuestro pueblo desarrolló un rencor muy grande por los mortales, ninguna bruja sabía de la tradición y tampoco estaba dispuesta a explicarse para un pueblo que las querían muertas. »

« Y yo.. »

« Usted hizo que ella creyera en nosotros, eso mostró a los dioses que aún existe posibilidad de una convivencia pacífica. Yo necesito ir, querida, muchas aún necesitan ser liberadas. »



Y se volcó, adentrando la floresta y desapareciendo en medio a los árboles. Encaré el oscuro con la repleta certeza de que no fueron las hogueras, ni los hombres, ni las corrientes que me hicieron un día desacreditar, solamente yo tenía el poder de mantenerme prisionera, sin querer yo había liberado muchas otras brujas y eso traía un sentimiento opuesto a la soledad que yo siempre he sentido. Seguí el camino de la libertad, aún sin saber dónde iría a llegar, pero con una única certeza: yo no estaba sola.



Women, Damn Freedom

Gabriela Rodrigues Vicente

Translated by Emerson Mateus Tavares and Mônica Donin dos Santos

“Mankind has always been afraid of women who fly, be they witches or free.”

Arthur Diogo

Not all the secrets of the world should be revealed. Immortality, for example, has always been regarded as a myth and it is better that way. A people who close their eyes to the strings hanging from their fingerprints, which control every movement, is a people composed of puppets and this is convenient for the powerful people. I believe that is the reason why we are considered threats, because we are free. My name is Katarine and this is the story of how I got free.


On that day, the tower clock struck differently, as if time were endowed with consciousness and knew what was meant to happen.

The soldiers' cries in the corridors announced the arrival of another prisoner. I did not raise my eyes when they screamed “witch” several times. I didn't dare to stare at the cell door when I heard the chains being removed or when I heard the thud of a body falling near my feet. Another woman would be doomed to the bonfire and that was nothing new. Some time ago, I would see hope in all this, in the chance of having a sister to draw up a plan with. However, everything was overwhelmingly greater than I was. Therefore, I ignored the fact that now I would have someone to share the cold cell with in the church basement. There wasn't beauty in it. My faith was shaken and I had already accepted my fate.

I woke up with a particularly annoying cry, harsh sobs and cries for help to some sanctity. Annoyed about not being able to enjoy my nightmares, I yelled:

“What's your name?” “Nat .. Natala.”

“The gods are not going to help you get out of here, Natala. Stop being silly and accept your fate!”



“It’s unfair ...” she tried to reply, in the midst of sobs.

“Yes, life is very unfair. Sometimes we have to accept it and try to respect those who want to sleep.” I turned around and closed my eyes again.

“No, I mean I have never committed any suspicious act to be here. I have that birthmark and they ... They just ripped my son out of my arms and claimed that I was a child-eating witch. It’s so unfair... Besides being unfair, it is so cruel.

“In the face of my silence, she continued:

“I would never dare to commit the wicked deeds witches are accused of. I am not a monster.”

“They are not either.”

“How can you say that?”

“Because I am one of them and I know that neither of us is responsible for the attacks in the village.”

At that moment, she cringed and looked at me uneasily. Her voice sounded like a sharp hatred:


“My father was killed by witches. He was a witch hunter and I am convinced that the clergy would never lie to the congregation. I have trusted the holy church all my life.”

“And see where you are now,” I teased her with mocking laughter.

She stared at me silently. I could see the struggle in her eyes, the feeling of betrayal and doubt taking over her pupils. Touching the bricks of the cell with a fingernail, I added:

“Witches are misunderstood. Our greatest dedication has always been to protect nature which man has always been determined to destroy. When they began to exploit forests and tear down trees, there was resistance. Then, they decided to crucify us. They decided we were bad and feared our gifts. They condemned our existence. When we refused to submit, they began with all the persecution and spread the idea that we are villains. Since then, our existence has reduced to fleeing or serving as fuel for their bonfires. “

“And who is responsible for the attacks on the village?”



“Indirectly, I would say that it is mankind. When you mess up with nature, it usually defends itself. We should not underestimate it”.

She was silent for a moment.

“How did you get arrested?”

I rescued the memories of that day, and told her:

“I found a lost child in the middle of the forest and brought it back. When I was coming back, I fell into a trap with those chains that apparently neutralize my fairy skills.”

“Apparently?”

“They do not work.”

“Well, then why did not you... you know, use your powers to defend yourself?” - She seemed particularly curious and somewhat outraged with my arrest.

“My fairy skills are healing ones. The spells I know need specific objects. We are not as dangerous as they make us look like”, I replied.

“And why haven’t you been condemned yet?”

“I’ve been. They tried to burn me three times. I am blessed by the Power of the Phoenix. All of us who are still here are immune to fire”, I explained.


She stared at me for a moment and I could see something changing in her eyes as she said:

“I believe in you.”

At that instant, a deafening sound burst and the walls began to crumble. Instinctively I protected the mortal, carrying her to the end of the cell. In a few minutes, most of the walls were on the floor. I stared at Natalia’s unconscious body and though she was in chains, I put her on my back for a way out.

I groped along the walls of the cells, but with all that smoke it was difficult to find a way out. I noticed that the mortal was still breathing. Great! At least she was not dead.

“I’ll help you”.



I raised my eyes and saw her smiling. Elf Marielle, the leader of the fey, took her sword and cut my chains, taking the mortal from my arms. She flew away and lit the path that indicated the exit.

The fire started as soon as we left the church, distracting the guards while we escaped. We headed toward the forest and I could barely remember the feeling of being free. Inside the forest, I wanted to ask Elf how everything had happened. We arrived at a safe place and laid the mortal on the ground.

I turned to Elf Marielle and asked her:

“I do not understand, what happened?”

“The belief of a mortal made the army of justice awake. The war will begin soon.”

“So was it me?”

“It was your words”, she smiled. Noticing my puzzled expression, she continued:

“Darling, words are the most powerful weapons. They have the power to condemn and also to free.”

“Why did it take so long to happen?”

“As time went by, our people developed a very strong grudge against mortals. No witch knew about the tradition, nor were they willing to explain themselves to a people who wanted them dead.”

“And I..”

“You made her believe in us. That showed to gods that peaceful coexistence is still possible. I must go, my dear, many still need to be freed.”

She turned, entering the forest and disappearing among the trees. I stared the darkness sure that it was not the fires, nor was humankind, or the chains that one day had made me disbelieve. I was the only one who had the power to keep myself imprisoned. Unintentionally, I had freed many other witches and that brought the opposite feeling to the loneliness I had always felt. I followed the path of freedom, not knowing where I would go, but sure of one thing: I was not alone.



Ilustração de Julia Gomes





Naquele domingo

Jeisiane Silva

Aline Ávila de Oliveira


Daniela da Silva Garcia

Fazia dois meses da partida do Matheus...dois meses de saudade e silêncio. Ninguém ao certo entendia o que acontecera com aquele menino alegre e sadio, cheio de vida e de esperanças. Em um domingo, ele estava na nossa casa e dois dias depois foi acometido de febre e dor de garganta, e, ao ser levado ao hospital, faleceu no outro dia. Melhor amigo do meu filho, cresceu em nossa casa desde que, praticamente, aprendera a andar. Todos ficaram desolados e perguntavam a Deus o porquê de uma criança de onze anos ter partido tão cedo.

Minha filha do meio, Lívia, com cinco anos na época, estranhamente se fechou, não falava com ninguém, sabíamos que era a maneira dela expressar a dor que sentia. Até que, certo dia, ela me chamou e pediu para ajudá-lo a parar de chorar. Eu perguntei quem estava chorando, e ela me respondeu que era o Matheus, que ele não conseguia chegar na casa dele. Naquele momento, eu sentei e chorei, não pude evitar tal reação. Ela, na maior calma que se possa imaginar, me consolou e disse que tínhamos de ajudá-lo.

Eu realmente não sabia o que fazer, era um misto de dor e dúvidas. Então eu disse a ela que o Matheus não estava chorando e nem pedindo ajuda e que ela havia sonhado com ele. A menina não entrou em discussão comigo, apenas virou-se e foi brincar. Durante o jantar, Lívia saiu para a rua e disse que precisava pegar a boneca que havia esquecido no pátio. Como ela não voltava, fui procurá-la e a encontrei em cima da cerca olhando para a casa que era do Matheus, dizendo que ele estava chorando novamente, que era para eu ouvir, porém eu não ouvia nada.

Esses episódios aconteceram por muitas vezes, até que resolvi conversar com Sandra, a mãe do Matheus, mesmo temendo que ela ficasse ofendida, fui adiante. Mas Sandra foi acolhedora e gentil, ao ouvir a história, chorou muito. Nesse momento, ela me explicou que talvez fosse ela quem estivesse fazendo o Matheus chorar e ficar perdido, pois ela o chamava o tempo todo. Não conseguia



deixar de sentir saudade do filho, ela queria um último abraço. Voltei para casa, me sentei em uma espreguiçadeira e fiquei a olhar para o quintal, estava exausta emocional e fisicamente, não dormia bem há dias.

Ninguém, ao acordar, sabe como acabará seu dia ao certo. Ninguém, na verdade, nunca imagina quando sentirá certas emoções pela última vez. Quando estará vendo uma pessoa pela última vez. Ah, se a gente soubesse! Ah, se a gente imaginasse! Não sei ao certo como seria e nem se seriam as últimas. Eu ainda podia ver o último dia, a última brincadeira e o último sorriso. Estava aqui guardado no meu coração junto das melhores lembranças que carregarei na minha vida. O dia estava lindo, frio mas com sol. Estávamos no mês de maio, eles andavam de bicicleta, jogavam videogame e trocavam figurinhas. Quando chegou a hora do almoço, meu filho gritou: - Mãe, aumenta o arroz e o pão com alho que o Matheuzinho vai almoçar com nós! O dia foi assim calmo e tranquilo, como todos os outros domingos. Final do dia, cada um foi para suas casas para fazerem as lições, descansar e começar tudo de novo na segunda-feira. Na hora de ir embora, um beijo e um abraço, quase que mecânico, afinal de contas, durante a semana, as cenas se repetiam de maneira corriqueira.

-Tchau, tia! Amanhã, depois da aula, eu não venho, tá? Agora eu moro longe e só vou vim ver vocês de vez em quando.

- O quê?! Mora longe nada, guri... tu mora aqui no lado! Tá doido?

- Não, tia, a minha mãe mora aqui mas eu não... Agora eu posso ir porque ela disse que não vai mais chorar.

Desperto como que com um susto e com a sensação daquele abraço, daquele beijo... E a saudade vem mais forte do que qualquer outro dia, vem rasgando por dentro e a única coisa que eu penso em meio às lágrimas é naquele domingo... Ah, se naquele domingo eu soubesse o que estaria por vir! Ah, se naquele domingo imaginasse que seria o último de todos os domingos, com beijos e abraços mecânicos de despedida.

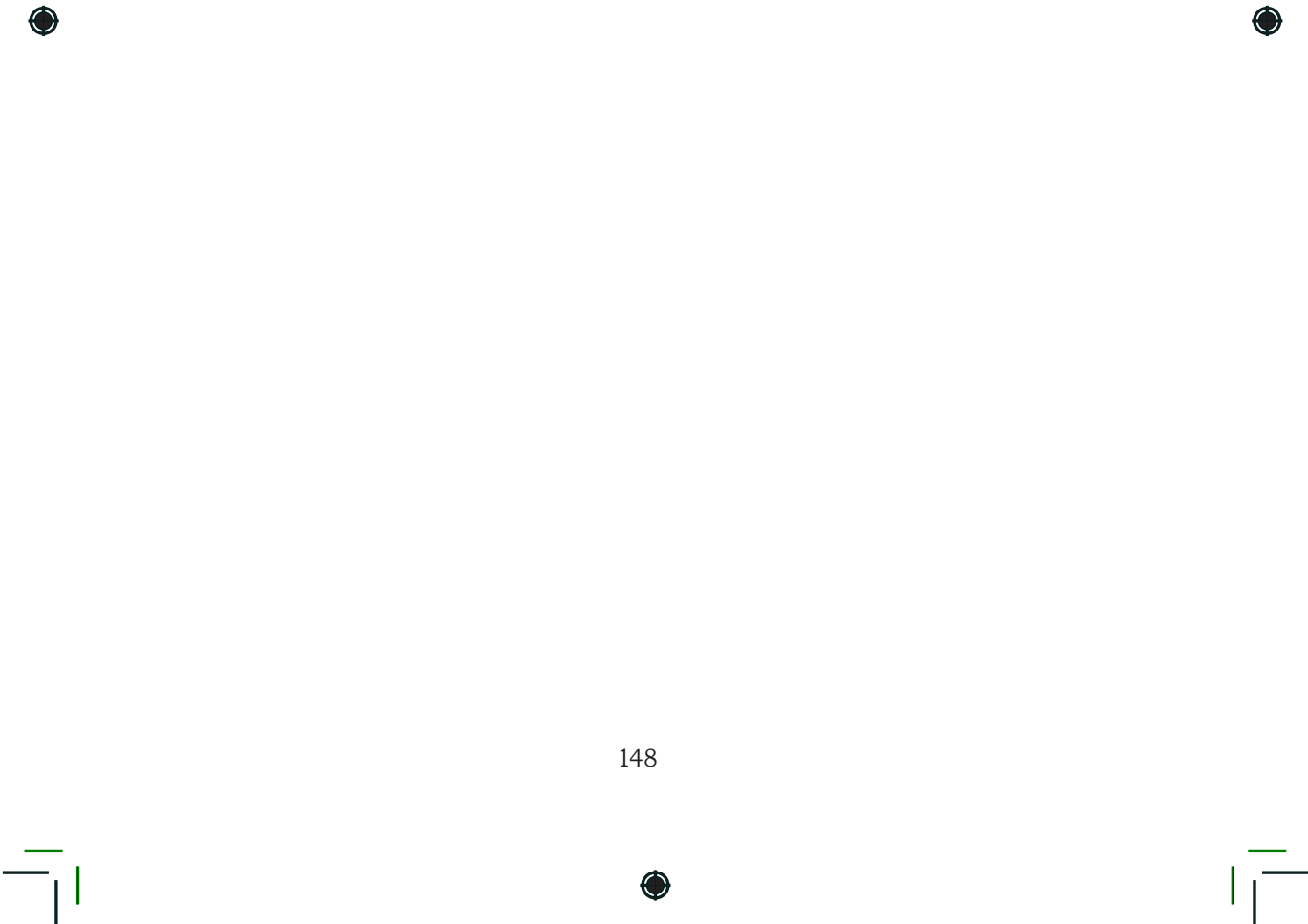
Durante a noite, enquanto eu lavava a louça, ouvi a Lívia dizer tchau, olhei para a rua e não havia ninguém. Ao questionar para quem ela estava dando tchau, ela, simplesmente, me disse que não era para ninguém, que estava brincando com a boneca. Depois disso, nunca mais a Lívia ouviu o choro, ela voltou a ser alegre e só o que ficou foram as lembranças boas e a saudade daquele menino que sempre foi sinônimo de alegria e de festa.



Em memória de Matheus Rodrigo Bruno Bogado, querido e amado por todos, saudades eternas!

Atividades

Elaboradores: Anderson Henrique / Denise Correa

1. De que forma Sandra, a mãe de Matheus, reagiu após a morte do filho?
 2. O que a morte de Matheus significou para as pessoas que conviviam com ele?
 3. Se as pessoas próximas a Matheus pudessem voltar no tempo, o que elas diriam a ele enquanto estava vivo?
- 



Aquel domingo

Jeisiane Silva

Aline Ávila de Oliveira

Daniela da Silva Garcia


Traducción: Juliana Marques da Gama.

Hacia dos meses desde que Mateos se fue... dos meses de silencio y que le echo de menos. Nadie realmente comprendió lo que le había pasado a ese niño alegre y saludable, lleno de vida y esperanzas. Un domingo estuvo en nuestra casa y dos días después tuvo fiebre y dolor de garganta, y cuando lo llevaron al hospital murió el otro día. El mejor amigo de mi hijo, creció en nuestra casa desde prácticamente había aprendido a caminar. Todos estaban desolados y le preguntaron a Dios por qué se había marchado tan temprano un niño de once años.

Mi hija mediana, Livia, que tenía cinco años entonces, extrañamente se cerró, no habló con nadie, sabíamos que esa era la forma en que expresaba el dolor que sentía. Hasta que un día ella me llamó y me pidió que lo ayudara a dejar de llorar. Pregunté quién lloraba, y ella me dijo que era Mateos, que no podía llegar a su casa. En ese momento, me senté y lloré, no pude evitarlo. Lo más cómodamente posible, ella me consoló y me dijo que teníamos que ayudarlo.

Realmente no sabía qué hacer, era una mezcla de dolor y duda. Entonces le dije que Mateos no estaba llorando y pidiendo ayuda, y que ella había soñado con él. La chica no se peleó conmigo, solo dio la vuelta y se fue a jugar. Durante la cena, Livia salió a la calle y dijo que necesitaba buscar la muñeca que había olvidado en el patio. Cuando ella no regresó, fui a buscarla y la encontré en la cerca mirando la casa que pertenecía a Mateos, diciendo que estaba llorando otra vez, que podía escuchar, pero no escuché nada.

Estos episodios ocurrieron muchas veces, hasta que decidí hablar con Sandra, la madre de Mateos, aunque temía que pudiera ofenderse, seguí adelante. Pero Sandra fue cálida y amable, al escuchar la historia, lloró mucho. En ese momento, me explicó que tal vez era ella quien estaba haciendo llorar a Mateos y no dejarle descansar, porque lo llamaba todo el tiempo. No puedo



evitar echar de menos a mi hijo, quería un último abrazo. Regresé a casa, me senté en una tumbona y miré el patio, estaba emocional y físicamente agotada, no había dormido bien durante días.

Nadie, cuando se despierta, sabe con seguridad cómo terminará su día. De hecho, nadie se imagina cuándo sentirás ciertas emociones por última vez. Cuando estarás viendo a una persona por última vez. ¡Oh, si tan solo lo supiéramos! ¡Oh, si tan solo pudiéramos imaginarlo! No estoy seguro de cómo sería, ni sería el último. Todavía podía ver el último día, la última broma y la última sonrisa. Se quedó aquí en mi corazón con los mejores recuerdos que llevaré en mi vida. El día era lindo, frío pero soleado. Era el mes de mayo, montaban sus bicicletas, jugaban videojuegos e intercambiaban tarjetas. Cuando llegó la hora de almorzar, mi hijo gritó: “¡Madre, aumenta el arroz y el pan de ajo que el pequeño Mateos almorzará con nosotros! El día fue muy tranquilo, como todos los domingos. Al final del día, todos fueron a sus hogares para tomar las lecciones, descansar y comenzar de nuevo el lunes. Cuando llegó el momento de partir, un beso y un abrazo, casi mecánico, después de todo, durante la semana, las escenas se repetían de una manera común.

- ¡Adiós tía! Mañana, después de clase, no vendré, ¿sí? Ahora vivo lejos y solo vine a verte de vez en cuando.

- ¡¿Qué?! Vive lejos nada, niño... ¡Vives aquí al lado! ¿Estás loco?

- No, tía, mi madre vive aquí, pero yo no... Ahora puedo irme porque ella dijo que ya no llorará.

Me desperté un poco asustada y con la sensación de ese abrazo, ese beso... Y la nostalgia llega más fuerte que cualquier otro día, se desgarran por dentro y lo único que pienso en medio de las lágrimas es que el domingo... Ah, ¡si ese domingo supiera lo que iba a venir! Oh, si el domingo si hubiera imaginado que sería el último de cada domingo, con besos y abrazos mecánicos de despedida.

Durante la noche, mientras estaba lavando los platos, oí a Livia decir adiós, miré a la calle y no había nadie. Al preguntarle a quién se estaba despidiendo, simplemente, me dijo que no era nadie, que estaba jugando con la muñeca. Después de eso, Livia nunca volvió a escuchar el llanto, estaba feliz otra vez y todo lo que quedaba eran los buenos recuerdos y el anhelo por ese niño que siempre fue sinónimo de alegría y celebración.

In memoria de Mateos Rodrigo Bruno Bogado, amado por todos, ¡eternos anhelos!



On that Sunday

Jeisiane Silva

Aline Ávila de Oliveira

Daniela da Silva Garcia

Translated by Gilmar da Silva Brasil Junior and Lucas da Costa Feijó

It had been two months since Matthew had passed away... two months of missing and silence. Nobody knew exactly what had happened to that happy and healthy boy who was full of life and hope. On a Sunday, Matthew was in our house and two days later, he came down with a fever and a sore throat. After being taken to hospital, he died the day after. He was my son's best friend and grew up in our house since he had learned how to walk. Everyone was devastated and asked God why an eleven-year-old child had to leave this world so early.

My middle daughter, Livia, who was five years old at that time, weirdly shut herself to the world. She did not speak with anyone, and we knew that it was her way of expressing the pain she was feeling. Then, one day, she asked me to help him stop crying. I asked her who was crying, and she told me that it was Matthew, and that he could not reach his house. At that moment, I sat and cried. I could not help it. As calmly as one can imagine, my daughter comforted me and told me we had to help him.

I did not know what to do; it was a turmoil of pain and doubts. Then, I told her Matthew was neither crying nor asking for help, and that she had just dreamt about him. She did not argue with me, she just turned around and went out to play. At dinner, Livia went out and said she had to fetch a doll she had forgotten in the yard. As she was taking too long to come back, I went looking for her and found her sitting on the fence looking at Matthew's former house, saying he was there crying again. She told me to listen to it, but I could not hear anything.

These events happened several times, until I decided to talk to Sandra, Matthew's mother. Even though I feared she could get offended, I told her all about it. She was supportive and kind. When she heard the story, she cried a lot. Then, she told me that perhaps it was she who was making him cry, because



she did not stop calling him. She could not stop missing her son deeply, and she wanted a last hug. I came back home, I sat in a lounge chair and kept looking at the yard. I was physically and emotionally exhausted; I had not slept well for several days.

When they wake up, nobody knows how their day will truly end up. In fact, nobody imagines when they will feel some emotions or meet someone for the last time. Oh, if only we knew! Oh, if we could only imagine! I do not know for sure how or if the last opportunities would take place. I could still see the last day, the last game and the last smile. They were inside of me, together with the best memories I will cherish all my life. The day was beautiful, cold but sunny. We were in May. The children rode their bicycles, played video games, and traded cards. At lunchtime, my son yelled, “Mom, prepare more rice and garlic bread, because Mathew is coming to have lunch with us!” They went on calmly and peacefully, like any other Sunday. At the end of the day, each one went back home to do their homework, get some rest and start all over again on Monday. When the children left, the hugs and kisses we exchanged were almost automatic, for after all, during the week, it would all take place again.

“Bye! Tomorrow after class, I am not coming, okay? Now I live far away from here, so I am just coming now and then.”

“What?! You don’t live far away, kid... you live across the street! Are you kidding?”

“No, my mom lives here, but I don’t... now I can go because she said she’s not going to cry anymore.”

I woke up with a start, still feeling that hug and kiss... The longing came stronger than ever, tearing me from inside out, and the only thing I could think of was that Sunday... Oh, if only I knew what was coming that day! Oh, if on that Sunday I could imagine it would be the last Sunday, the last day we would have those automatic goodbye hugs and kisses!

That night, while I was doing the dishes, I heard Livia saying goodbye. I looked outside, but there was no one. When I asked her who she was saying goodbye to, she just told me it was nobody, that she was playing with her doll. Afterwards, Livia never heard the crying again. She was happy again, and all that remained were good memories and longing for that boy who had always been a reason for happiness and celebration.



In loving memory of Matheus Rodrigo Bruno Bogado, cherished and beloved by everyone, eternal longing!





Ilustração de Lucas da Silva Matos



O anel da família Cooper

Aline Borges da Gama

Jéssica Brasil


Era verão do ano de 1970 e estávamos velando meu avô Scott Cooper na sua própria casa. Todos e, principalmente eu, estávamos muito tristes com a perda. Permanecia sentada ao lado de seu caixão o observando, confesso que essa não era a última imagem que gostaria de ter dele, quando sou surpreendida pela minha avó. Ela, com seus olhos marejados, retirou de sua bolsa uma pequena caixa, peguei e, ao abri-la, encontro um anel muito bonito, cor metálica e com uma pedra consideravelmente grande na cor verde. Com ele, havia um bilhete com a frase: “Agora você pode resolver seus próprios casos, minha pequena detetive! Com amor, Vovô.”

Meu avô foi um grande detetive da polícia na cidade grande. Ele me chamava de pequena detetive, pois sempre me interessei pelos seus casos. Éramos muito próximos e tenho certeza de que se ele estivesse aqui já teria resolvido um mistério que assombra a cidade nos últimos dois meses, o desaparecimento de Piter Backer. Piter era meu colega e sumiu misteriosamente sem deixar pistas e isso me deixava intrigada.

Voltei com a minha rotina, agora usando meu apetrecho favorito, o anel que vovô me deixou. Na escola, todos agiam normalmente e eu me perguntava como as pessoas conseguem não se importar com o desaparecimento de Piter?

Entrei na sala onde estudávamos juntos e, ao passar pela classe, toquei na sua cadeira a fim de desviá-la para chegar na minha mesa, foi quando comecei a enxergar uns borrões, me senti muito tonta e caí. Ao me levantar, minha cabeça doía muito e achei que fosse consequência do meu estômago vazio. A aula ocorreu normalmente e passei bem o resto do dia, mas sentia uma coisa estranha no ar.

À noite, tentei retirar o anel do meu dedo para dormir, mas ele não saiu, passei sabão, puxei com força, mas ele não se mexia, o que foi muito esquisito, pois o anel havia ficado até um pouco largo no meu dedo quando o coloquei na primeira vez e eu não o sentia apertado, foi como se ele mesmo não quisesse sair.



Novamente me veio a sensação estranha. Nessa noite, sonhei com o anel, com a cadeira de Piter que havia tocado e com meu avô.

No outro dia, tomei meu café da manhã e fui à aula, fiz os mesmos passos do dia anterior e toquei na cadeira novamente para tirá-la do meu caminho... foi quando tive uma visão, um pouco embaçada: vi Piter guardando seus materiais e levantando para ir embora com a mesma roupa que estava usando quando desapareceu, senti algo muito ruim e retirei a mão da cadeira. O que teria sido aquilo? Dali por diante, percebi que o anel não era uma simples joia.


Na saída da escola, comecei a tocar em bancos, mesas, quadros e era certo, via as últimas pessoas a tocá-las e o que faziam na hora. Então tive a certeza: era um anel místico e meu avô não me deu à toa! Meu primeiro caso seria saber o que de fato aconteceu com Piter Backer.

Saí da escola e fui direto para a casa de Piter e, ao tocar em sua bicicleta, tive visões dele correndo assustado, entrando no beco da livraria e pulando a cerca em direção ao velho bosque. Segui esta pista sem hesitar, pulei a cerca do beco indo em direção ao bosque, pelo caminho não tive mais visões, mas algo me dizia para seguir e assim fui. Adentro do bosque, avistei umas pequenas manchas escuras na grama, claro, as toquei. Nunca havia sentido algo como aquilo, era medo e muita dor! Vi Piter sendo machucado e arrastado do bosque! O medo tomou conta de mim, mas respirei fundo e me concentrei, pensei no meu avô e decidi ir até a delegacia contar o que achei.

Na delegacia, aguardando ser atendida, o policial Chris me alcançou uma xícara de café e, ao pegar o copo de sua mão, quase caí para trás! Senti raiva, sofrimento... tive uma visão de Piter sendo golpeado pelo policial e seu corpo sendo arrastado com ajuda de seu parceiro Ramon. Saí correndo da delegacia sem olhar para trás, pensei no que deveria fazer? Se simplesmente contasse o que vi, ninguém acreditaria.

Já era noite, mas como dormir com essa informação? Decidi ir até a casa do policial Chris para tentar encontrar alguma prova. Sabia que ele estaria de plantão, logo, não haveria ninguém em casa. Fui caminhando pelo seu pátio, me distraí, tropecei e caí; ao tocar no chão para me apoiar tive a pior visão de todas, a de Piter morto e ele estava ali, o seu corpo estava enterrado abaixo de onde eu estava!

Resolvi fazer uma denúncia anônima, quem atendeu foi o delegado Mike. O corpo de Piter foi encontrado, Chris achou que Ramon havia os entregado e ambos foram presos. Contaram que perseguiram Piter por achá-lo suspeito,





acredito eu pelo fato de ser negro, Piter correu e o policial Chris o golpeou na cabeça, ele morreu na hora e os policiais assustados com a possibilidade de serem descobertos, ocultaram o corpo.

Nesse dia, voltei para casa assustada, mas com a sensação de dever cumprido. Tive a certeza de que seguiria os passos de meu avô e, é claro, junto com o anel. Se ele é abençoado ou amaldiçoado ainda não sei dizer.

Atividades

Elaboradora: Ândrea Corrêa Maya

1. Qual era o poder do anel que Scott Cooper deixou para sua neta?
 2. Por que Piter foi assassinado? Extraia do conto uma passagem que justifique sua resposta.
 3. A neta de Scott encerra a história dizendo que não sabia se o anel era abençoado ou amaldiçoado. Qual a sua opinião sobre essa questão? Você gostaria de ter um anel assim? Justifique sua resposta.
- 



El anillo de la familia Cooper

Aline Borges da Gama

Jéssica Brasil

Traducido por Gisele Sodr  Rossales Lopes


Era verano de 1970 y estábamos velando a mi abuelo Scott Cooper en su propia casa. Todos, y especialmente yo, estábamos muy tristes por la pérdida. Estaba sentada junto a su ataud observndolo, confesando que esta no era la última imagen que tendría de él, cuando me sorprendió mi abuela. Ella, con ojos rojos de llorar, sacó una pequeña caja de su bolso, la recogí y, cuando la abrió, encontr un anillo muy hermoso, de color metlico y con una gran piedra de color verde. Con él, había una nota con la frase: “Ahora puedes resolver tus propios casos, mi pequeña detective! Con amor, abuelito”.

Mi abuelo era un gran detective de policía en la gran ciudad. Me llamó detective, porque siempre me interesaban sus casos. Estábamos muy unidos y estoy segura de que si estuviera aquí, habría resuelto un misterio que atormenta la ciudad en los últimos dos meses, la desaparición de Piter Backer. Piter fue mi colega y desapareció misteriosamente sin una pista y esto me desconcertó.

Regres con mi rutina, ahora usando mi equipo favorito, el anillo que me dejó el abuelo. En la escuela, todos actuaron normalmente y me pregunt cómo a las personas no les podría importar menos la desaparición de Piter.

Entr en la sala donde estudiábamos juntos, y cuando pas por la clase, toqué su silla para distraerla y llegar a mi mesa, entonces comencé a ver algunas cosas, me sentí muy mareada y me ca. Cuando me levant, me dolía mucho la cabeza y pens que era una consecuencia de mi estmago vacío. La clase tuvo lugar normalmente y me lo pas bien el resto del día, pero sent algo extraño en el aire.

En la noche, intent quitar el anillo de mi dedo para dormir, pero él no salía, pas jabón, agarr fuerte, pero no se movió, ha sido muy extraño, porque el anillo se había quedado un poco ancho en mi dedo cuando lo puse. La primera vez y no lo sent apretado, fue como si él mismo no quisiera irse. De nuevo me



vino la extraña sensación. Esa noche soñé con el anillo, la silla de Piter que había jugado y mi abuelo.

Al día siguiente, desayuné y fui a la clase, di los mismos pasos el día anterior y toqué la silla de nuevo para quitarme el camino ... cuando tuve una visión, un poco brumosa: vi a Piter vigilando sus materiales y me levanté para irme con la misma ropa que llevaba cuando desaparecí, sentí algo muy malo y quité la mano de la silla. ¿Qué ha sido eso? A partir de entonces, me di cuenta de que el anillo no era solo una joya.


En la salida de la escuela, comencé a jugar en bancos, mesas, fotos, y era verdad, vi a las últimas personas tocándolos y lo que estaban haciendo en ese momento. Así que estaba segura: ¡era un anillo místico y mi abuelo no me dio una oportunidad! Mi primer caso sería saber qué le sucedió realmente a Piter Backer.

Salí de la escuela y fui directamente a la casa de Piter, y cuando toqué su bicicleta, tuve visiones de él corriendo asustado, entrando en la librería y saltando la cerca hacia el viejo bosque. Seguí este rastro sin dudar, salté la verja del callejón hacia el bosque, en el camino no tenía visiones, pero algo me dijo que siguiera y así fui. A unos doscientos metros en el bosque, noté algunos puntos oscuros en la hierba, por supuesto, los toqué. Nunca había sentido nada igual, ¡era miedo y mucho dolor! ¡Vi a Piter estar magullado y arrastrado fuera del bosque! El miedo se apoderó de mí, pero respiré hondo y me concentré, pensé en mi abuelo y decidí ir a la estación de policía para decirme lo que encontré.

En la estación de policía, esperando la respuesta, el oficial Chris me ofreció una taza de café y, mientras tomaba el vaso de su mano, ¡casi me caigo! Sentí rabia, sufrimiento... Tuve la visión de que Piter fue golpeado por la policía y su cuerpo fue arrastrado con la ayuda de su compañero Ramón. Salí corriendo de la estación sin mirar atrás, pensé en qué debía hacer, si simplemente me dijera lo que vi, nadie me lo creería.

Ya estaba noche, pero ¿cómo dormir con esta información? Decidí ir en la casa del oficial de policía Chris para tratar de encontrar alguna evidencia. Sabía que él estaría de servicio, por lo que no habría nadie en casa. Caminé por su patio, me despisté, tropecé y caí; Cuando toqué el suelo para apoyarme, tuve la peor visión de todas: ¡Piter estaba muerto y él estaba allí, su cuerpo estaba enterrado debajo de donde estaba!

Decidí hacer un informe anónimo, y fue Mike quien respondió. El cuerpo de Piter fue encontrado, Chris pensó que Ramón los había entregado y ambos



fueron arrestados. Se les dijo que perseguían a Piter por sospechar de él, creo que porque él era negro, Piter corrió y el oficial Chris lo golpeó en la cabeza, murió instantáneamente y los policías, asustados por la posibilidad de ser descubiertos, escondieron el cadáver.

Ese día, llegué a casa asustada, pero con la sensación de haber hecho lo correcto. Estaba segura de que seguiría los pasos de mi abuelo y por supuesto, junto con el anillo. Si él es bendecido o maldecido todavía no puedo decir.




The Coopers' Ring


Aline Borges da Gama

Jéssica Brasil

*Translated by Fernanda Rodrigues Laux
and Franciele Figueiró da Silva*



It was the summer of 1970 and we were holding a wake over my grandpa Scott Cooper's body in his own house. Everyone was very sad about the loss, especially me. I confess that wasn't how I wanted to remember him. I remained sitting next to his coffin watching him, when my grandma took me aback. She had tears in her eyes and took a small box from her purse. I took it and opened it. There was a very beautiful ring inside, metallic and with a pretty big green stone. Along with it, there was a note saying: "Now, you can solve your own cases, my little detective! Love, Grandpa".




My grandfather had been a great police detective in a big city. He used to call me 'little detective', because I was always interested in his cases. We were very close and I am sure that if he were here he would have solved the mystery that has been haunting the city for the last two months: the disappearance of Piter Backer. Piter was my classmate and had mysteriously disappeared clueless, which puzzled me.

I got back to my routine now using my favorite gear: the ring that Grandpa had left me. At school, everyone acted normally and I wondered how people could not care about Piter's disappearance?

I walked into the classroom where we used to study together and, as I reached his desk, I touched his chair to swerve it and to reach mine. That was when I saw some blurs; I felt very dizzy and fell. When I got up my head hurt a lot, and I thought that was the consequence of my empty stomach. The class took place normally and I spent the rest of the day well but I there was a strange feeling in the air.

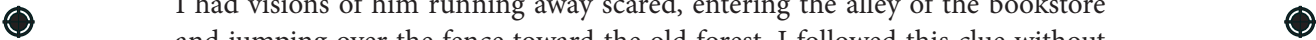
At night, I tried to remove the ring from my finger before going to bed, but I couldn't slide it off. Then, I used soap and pulled it hard but it was still stuck



on my finger, which was very strange because the ring had been a little bit wide on my finger when I put it for the first time and I did not feel it tight. It seemed that it wanted to be stuck there. I could feel the strange feeling in the air again. That night I dreamed about the ring, about Piter's chair that I had touched and about my grandpa.

The next day, I had breakfast and went to class. I did the same things as the day before and I touched the chair again to get it out of my way... It was then that I had a bit foggy vision: I saw Piter, wearing the same clothes he was wearing when he disappeared, storing his material and getting ready to leave. I felt something very bad and I took my hand off the chair. What could it have been? From then on, I realized that the ring was not just a simple jewel.

When I left school, I started touching benches, tables, pictures and I was able to see people that had touched them for the last time and what they had been doing at the time. Therefore, I was sure of something: it was a mystic ring and my grandpa hadn't given it to me without a reason. My first case would be to discover what had actually happened to Piter Backer.



I left school and went straight to Piter's house. As I touched his bicycle, I had visions of him running away scared, entering the alley of the bookstore and jumping over the fence toward the old forest. I followed this clue without hesitation. I jumped the fence of the alley toward the woods and on the way, I had no other visions, but something inside of me was telling me to go ahead and so I did. About two hundred meters into the woods, I saw a few dark spots on the grass and, of course I touched them. I had never felt anything like that. Fear and a lot of pain! I saw Piter being hurt and dragged out of the woods! Fear took over me, but I took a deep breath and concentrated. I thought about my grandpa and decided to go to the police station and tell them what I had found.

While I was waiting for their service at the police station, Officer Chris handed me a cup of coffee. When I took it from his hand, I almost fell back! I got angry, experienced pain ... I had a vision of Piter being beaten by the police officer and his body being dragged with the help of the officer's partner, Ramon. I ran away from the police station without looking back, and I thought, "What should I do?" If I simply told people what I had seen no one would believe me.



Ilustração de Mariana Szupszynsky



O Cemitério

Alex Ramiller de Oliveira Martins

Antonio da Conceição Melo Moreira


Diogo Mesquita de Andrade

- Olá! Hoje vou contar para vocês a história mais horripilante da minha vida. Moro em uma vila pequena com pouquíssimos moradores, todo mundo se conhece, lá sou o filho da Maria. Existe o lado positivo e o negativo em morar numa vila pequena: o bom são os momentos comunitários onde todos participam, como festas da igreja e um cafezinho na casa do seu Zé; e o negativo são as histórias de terror - lendas contadas pelos mais velhos que amedrontam as crianças.

Poderia contar várias dessas histórias aqui para vocês, mas tem uma em específico que mexeu comigo e com certeza, irá mexer com você também.

- Era quarta-feira, a lua já dominava o céu com seu manto negro brilhante. Os homens se juntavam ao redor de uma mesa, como era de costume, para jogar baralho à luz do lampião e contar histórias que supostamente tinham vivido. Depois de cortar o baralho e dar as cartas, seu Francisco foi o primeiro a contar sua aventura.

- Era noite de lua cheia, me entreti e acabei perdendo a hora, já era tarde e precisava voltar logo para casa, pois deviam estar preocupados comigo, então peguei meu carro e comecei a dirigir por aquela estrada de terra que parecia o rastro de uma enorme serpente que ia cortando a mata. Lembrei-me, então, que estava chegando perto de um cemitério que ali existia, já havia ouvido muitas histórias sobre ele. Ao me aproximar, já me veio uma sensação ruim, sentia que algo não estava certo. Evitei manter contato visual por muito tempo até que senti algo sentar do meu lado, no banco de carona. Não foi apenas uma sensação, era real, um corpo tinha sentado ali. Eu tremia em silêncio, sua voz grossa e dramática dava vida à história. Minha boca secou na hora, congelei, não tinha coragem de olhar para o lado, meu coração acelerou de uma forma impressionante. Naquele momento, não conseguia pensar em nada, apertava o volante como se fosse parti-lo ao meio. Isso durou alguns segundos, que me



pareceram uma eternidade, foi apenas o tempo que demorei para chegar de uma ponta a outra do cemitério. Logo depois que passei pelo cemitério, senti que a presença não estava mais ali, mas mesmo assim, não tive coragem de olhar para o lado. Depois desse dia, nunca mais passei por ali em noite de lua cheia.

Aquela noite foi diferente das anteriores, nunca tinha sentido tanto medo.


Pois é, depois de escutar aquelas histórias, voltei para casa bem assustado. Apesar de não ter acreditado, estava com muito medo. Nunca fui muito de acreditar nesse tipo de coisa. Para mim, isso eram só lorotas.

Um certo dia, meu pai me levou para pescar junto com ele. Eu não era fã de pescaria, mas fazer o quê diante da autoridade paterna, né? Nesse dia, saímos cedo de casa, por volta das 4 da tarde. O dia estava muito lindo. Pegamos a bike, arrumamos as varas e as iscas, colocamos no cofo e partimos, eram umas boas pernadas até o igarapé. Por isso, aceleramos. Meu pai, pedalando mais do que eu, me deixava para trás. Depois de uma boa pedalada, chegamos. O lugar era bem estranho. A mata era bem fechada. Tinha muita tiririca em volta do igarapé. Meu pai pegou o facão e preparou o local onde eu ia ficar fixo. Peguei minha vara de anzol, coloquei a minhoca e arremessei ao centro do igarapé. Não demorou muito após ter jogado, peguei um mandi grandão, fiquei tão animado que gritei ao pai que peguei um. Ele, na mesma hora, me deu um carão:

- Cala a boca, zé ruela! Vai assustar os peixes - eu deveria ficar em silêncio senão iria espantar os peixes que estavam ali perto. Calado, continuei a jogar o anzol na água, tive sucesso umas três vezes; nas outras, os peixes ganharam.

A noite se acomodava, as aves começaram a cantar estranho. Eu ficava amedrontado. Eu, sem esperança de fisgar mais um peixe, senti a linha mexendo, esperei o momento certo e puxei. Peguei! Mas não era um peixe comum, fiquei apavorado achando que era uma cobra, saí correndo e meu pai veio saber o que era. Foi até o local e verificou dando risadas sutis. Ele me explicou que era apenas uma espécie de peixe chamada muçum. Assim, rindo com ele, me tranquilizei.

Como já estava ficando muito escuro, arrumamos as tralhas e retornamos. No caminho de volta para casa, mal conseguia ver a piçarra que cobria a estrada como a cobertura de um bolo. Estava muito escuro. Apenas a luz do lampião não bastava. Mas seguimos assim mesmo. Já chegando perto da vila, nos aproximávamos do cemitério. Veio-me à mente as histórias contadas naquela noite sobre almas. Pensando se realmente acontecia o que eles me contavam. Quando passamos pela frente do cemitério, por volta das 8 da noite,




senti como se alguém ou algo estivesse sentado na garupa da bicicleta, estranhei, pois não carregava coisa alguma na garupa. Minhas pupilas dilataram, meus nervos travaram. Estava apavorado! Chamei meu pai que estava logo à frente, ele só disse: - Segue sem olhar pra trás - como se já soubesse o que estava acontecendo.

Fiz o que ele disse para eu fazer. E segui. Ao sair do cemitério, pelo travessão, senti que a presença me deixava, minha bicicleta ficou tão leve quanto carregar um punhado de maniva. Cheguei em casa, tomei banho, deitei na cama, ainda assustado, e fiquei pensando, como o meu pai parecia saber o que estava acontecendo. Achei melhor não perguntar para ele, tem verdades em que a melhor forma de saber é não sabendo.

Atividades

Elaboradoras: Jenifer Schnorr Simão e July Helen Valle da Silva

- 
1. Identifique no texto palavras que você desconheça e pesquise o significado de cada uma delas, relacionando-as com o contexto em que se encontram. Anote o resultado da pesquisa no caderno.
 2. Debata com os colegas e o professor sobre situações sobrenaturais que você ou alguém já tenha presenciado. Após o debate, escreva um texto narrativo sobre uma das histórias que ouviu.
 3. Retire do texto três expressões com sentido conotativo. Em seguida, explique seus significados a partir do contexto em que se encontram.



El Cementerio

Alex Ramiller de Oliveira Martins

Antonio da Conceição Melo Moreira

Diogo Mesquita de Andrade


Traducción: Juliana Marques da Gama

¡Hola! voy a contar a vosotros la historia más horripilante de mi vida. Vivo en un pequeño pueblo con muy pocos vecinos, todos se conocen, ahí soy conocido como “el hijo de María”. Existe el lado positivo y negativo de vivir en un pueblo pequeño: los buenos son los momentos en comunidad donde todos participan, como las fiestas de la iglesia y un café en la casa de José; y lo negativo son las historias de miedo, historias contadas por los ancianos que asustan a los niños.

Podría contarle muchas de estas historias aquí para ustedes, pero hay una que me tocó y que tocará también a ustedes.

“Era miércoles, la luna ya estaba en el cielo con su brillante túnica negra. Los hombres se reunieron alrededor de una mesa, como de costumbre, para jugar a las cartas a la luz de la lámpara y contar historias que supuestamente habían vivido. Después de cortar la baraja y dar las cartas, Francisco fue el primero en contar su aventura.

- Era una noche de luna llena, me despisté y perdí la hora, era tarde y necesitaba regresar a casa pronto, porque deberían estar preocupados por mí, así que cogí mi coche y empecé a conducir por el camino de tierra que parecía el rastro de una Serpiente enorme que estaba cortando por el bosque. Recordé, entonces, que me estaba acercando a un cementerio que existía allí, que había escuchado muchas historias sobre él. Cuando me acerqué, me vino un mal presentimiento, sentí que algo no estaba bien. Evité el contacto visual por mucho tiempo hasta que sentí algo sentado a mi lado en el coche. No era solo una sensación, era real, un cuerpo se había sentado allí. Temblé en silencio, su voz densa y dramática le dio vida a la historia. Mi boca estaba seca al instante, me congelé, no tuve coraje de mirar hacia otro lado, mi corazón se aceleró de una manera impresionante.



En ese momento, no podía pensar en nada, apretó el volante como si fuera a romperlo por la mitad. Esto duró unos segundos, lo que pareció una eternidad, fue justo el tiempo que me llevó a llegar de un extremo del cementerio al otro. Poco después de pasar el cementerio, sentí que la presencia ya no estaba allí, pero aún así, no tuve el valor de mirar hacia un lado. Después de ese día, nunca más pasé por allí en noche de luna llena.

Esa noche era diferente de las anteriores, nunca había tenido tanto miedo.

Sí, después de escuchar esas historias, llegué a casa bastante amedrantado. Aunque no lo creía, tenía mucho miedo. Nunca he sido tan creyente en este tipo de cosas. Para mí, eso era chorradas.


Un día mi padre me llevó a pescar con él. No era un aficionado a la pesca, pero delante de la autoridad de mi padre, ¿verdad? Ese día, salimos de casa temprano, alrededor de las 4 de la tarde. El día estaba espectacular. Cogimos la bicicleta, arreglamos las cañas y los gusanos, la metimos en él una caja y salimos, no tardo mucho hasta que llegamos el Garapé. Por eso aceleramos. Mi padre, pedaleando más que yo, me dejó atrás. Después de un buen pedaleo, llegamos. El lugar era bastante raro. Los bosques estaban bien cerrados. Había mucha jungla alrededor del arroyo. Mi padre cojeó un cuchillo grande y preparó el lugar donde me quedaría. Agarré mi gancho, puse el gusano y lo tiré al centro del arroyo. No pasó mucho tiempo después de que jugué, cogí un gran pez, estaba tan emocionado que le grité al padre que obtuve uno. Inmediatamente me dio una bronca:

- ¡Cállate, tonto! Asustará a los peces - Debería estar en silencio o asustaría a los peces que estaban cerca. Cállate, seguí tirando el anzuelo al agua, lo logré tres veces; En otros, los peces han ganado.

La noche se aproximara, los pájaros empezaron a cantar raro. Yo estaba asustado. Yo, sin la esperanza de atrapar otro pez, sentí que el anzuelo se movía, esperé el momento adecuado, y tiré. Lo tengo pero no era un pez común, estaba aterrorizado de que fuera una serpiente, huí y mi padre acudió a saber qué pasaba.

Mi padre se fue a ver lo que sucedía, entonces riendo sutilmente, me dijo que era solo un pez llamado “muçum” Así que, riendo con él, me calmé.

La noche se ponía muy oscura, cogemos nuestras cosas y regresamos. En el camino a casa, mal veíamos a la carretera que estaba como la tapa de



un pastel. Estaba muy oscuro. Solo la luz de la linterna no era suficiente. Pero seguimos de todos modos. Cuando nos acercamos al pueblo, nos acercamos al cementerio. Me vino a la mente las historias contadas esa noche sobre las almas. Tenía frío y pensaba si realmente sucedió lo que me dijeron. Cuando pasamos por el cementerio, alrededor de las 8 de la noche, me sentí como si alguien o algo estuviera sentado en la parte trasera de la bicicleta, me sorprendió, porque no llevaba nadie conmigo. Mis pupilas dilatadas, mis nervios atrapados. ¡Estaba asustado! Llamé a mi padre, que estaba justo delante y me dijo “sigue sin mirar atrás”, como si ya supiera lo que estaba sucediendo.

Hice lo que me dijo que hiciera. Y seguí. Cuando salí del cementerio, sentí que la presencia me había dejado, mi bicicleta era tan ligera como llevar un puñado de plumas. Llegué a casa, me bañé, me acosté, todavía asustado, y me pregunté cómo mi padre parecía saber lo que estaba pasando. Pensé que era mejor no preguntarle, hay verdades en las cuales la mejor manera de saber es no saber.



The Cemetery

Alex Ramiller de Oliveira Martins

Antonio da Conceição Melo Moreira

Diogo Mesquita de Andrade


Translated by Ana Paula Soares MacCarini and Rafael Gomes Rosa

Hello, today I'm going to tell you the most terrifying story of my life. I live in a small village with a few inhabitants where everybody knows one another. I am Maria's son there. There are a good and a bad side to living in a small village. The good part is the shared moments everybody is part of, such as church festivities and a coffee at Mr. Joe's. On the downside, there are the horror stories, legends told by the older people to scare the children.

I could tell you a lot of horror stories here. However, there's one specific story that made a strong impression on me. I believe it will do it to you, too, for sure!

It was on a Wednesday, and the moon had already taken over the sky with its dark sparkling mantle. Lit by a gas lamp, the men gathered around the table to play cards and tell stories about what they had supposedly experienced. After cutting the deck and dealing the cards, Mr. Francisco was the first one to tell his adventure:

"It was a night of full moon, I was having fun and ended up missing the time to go home. It was late and everybody must be worried about me. So, I got into my car and started driving along that dirt road which looked like a huge snake track crossing the wood. Then, I remembered I was getting close to a cemetery that was there. I'd already heard a lot about it. As I was coming closer, a bad feeling took over me, and I felt that something wasn't right. I avoided trying to make eye contact for a while until I felt something sitting by my side. It wasn't just a feeling, it was real, there was someone on the passenger seat." I silently shivered as Mr. Francisco's deep and dramatic voice gave life to the story. He went on, "My mouth was dry on the spot and I froze. I didn't have the courage to look, and my heart started to race really fast. At that moment, I couldn't think



of anything else. I clutched the steering wheel as if I were going to break it in half. It all lasted a few seconds, just enough time to reach from one side of the cemetery to the other, but it felt like an eternity. As soon as I had gone past the cemetery, I felt that the presence wasn't by my side anymore, but I still didn't have the courage to look. After that day, I never passed by that place under a full moon again."

That night was different from the others, I had never been so afraid.


After listening to those stories, I went back home really scared. Even though I did not believe the stories, I was really afraid. I never believed in this sort of thing. To me, it was all nonsense.

One day, my father took me to go fishing with him. I was not a fan of fishing, but what could I do against my father's authority, right? On that day, we left home early, around 4 pm. The day was beautiful. We picked up our bikes, organized the fishing rods and the baits, put them in the *cofo*, a basket where we keep the fish, and left. It was a long ride to the small stream, so we sped up. My father cycled faster than I did, so I rode behind him. After a good ride, we finally arrived. The place was quite weird. The wood was really thick. There were a lot weeds around the stream. My dad picked up a machete and cleared out the place where I was going to stay. I picked up my fishing rod and the hook, put a worm on it, and cast it into the middle of the stream. Not long after I had cast the bait, I caught a big *mandi* fish. I was so excited that I yelled to my dad saying I had caught one. He immediately scolded me:

"Shut up, you muppet! You'll scare the fish away." I should keep silent, otherwise I would scare the fish that were around. I quietly kept casting the fishing rod. I was successful another three times; on the others, the fish won.

Night was closing in, and the birds started to sing eerily. I began to be frightened. Hopeless of catching another fish, I felt the fishing line moving, waited until the right moment, and pulled. I got it! But it was not a normal fish. I was scared thinking it was a snake, so I ran away, and my father came to see what it was. He checked it out and giggled. He told me it was just a *muçum*, a kind of freshwater eel. So, laughing with my father, I calmed down.

As it was getting darker, we organized our stuff and left. On the way back home, I could hardly see the gravel that covered the road like cake frosting. It was really dark. The light from the oil lamp alone was not enough. But we kept riding anyway. At the skirt of the village, we came close to the cemetery.



The ghost stories told that Wednesday night came to my mind. I felt cold and wondered if what people had told could really happen. When we were in front of the cemetery, around 8 pm, I felt as if somebody or something was sitting at the back of my bike. It was strange, because I was not carrying anything with me. My pupils dilated and my nerves froze. I was scared! I called my father, who was right ahead of me, and he just said, "Ride on without looking back," as if he already knew what was happening.

I did as he told me. I rode on. As we went past the cemetery through the road, I felt the presence left me, and my bike was as light as if I were carrying a bunch of mandioc. I arrived home, took a shower and laid down, still scared, and thinking how my father seemed to know what had happened. I preferred not to ask him. There are some truths that the best way to know about is not knowing at all.






Ilustração de Mariana Szupszynsky




O espantalho está fora de si


Roberto Luiz Rachinas Gomes

Magali Regina Biffi


Pessoas relutam contra a extravagância e a fragilidade dos sentimentos, outras deixam levar-se como barco à deriva. Julguem esta alarmante história. Batam o martelo. Apresentem o remédio. Depois da doença instalada na alma, o que fazer? “Os olhos não se fartam de ver”. “Os ouvidos não se fartam de ouvir”. A ganância é um mal incontido. “Raiz de todos os males”. Que inferno terá acontecido a estes antagonistas anônimos, que tanto veneno esguicham, até serem engolidos pelo mal. “Olho por olho, dente por dente”. A outra face foi negada. A vingança foi macabra.



Manhã ensolarada de primavera, a jovem senhora estendia roupas no gramado da magnífica fazenda. Um santo anjo de Deus aparece a ela e diz: você também foi favorecida por Deus. Nove meses e você será mãe. A mulher reluta para acreditar no que vê e ouve. O anjo desaparece. Ela conta as boas novas a seu esposo. É dia de festa na fazenda dos Mendonças. Afinal, a alma vivia clamando por este milagre. Até o nome da fazenda é trocado, agora é Fazenda do milagre. As notícias chegam aos fazendeiros da vizinhança, juntos celebram a alegria do casal. Nove meses se passam, o novo membro da família nasce. Os médicos avisam os pais que o menino é especial, com certo distúrbio psíquico. Nada poderia conter a alegria de seus corações. O menino chama-se Francisco, conhecido como Chico. Ele cresce, supera todas as limitações, causando espanto a muitos. Em especial a três fazendeiros amargos e implacáveis; que há muito tempo queriam comprar a fazenda dos Mendonças, sem êxito. Domingo se reuniam para o futebol e jogo de bocha, quase sempre acompanhado de churrasco, bebidas e jogos de azar. O pai de Chico estava com sorte, ganhou verdadeira fortuna no jogo de truco. Foi a gota d'água. Combinaram algo macabro contra Chico e sua família. Após pagarem a dívida do jogo, esperaram o momento oportuno a fim de executar o maléfico plano.



Foi numa noite de sábado, chuvosa, parecia inverno. A Fazenda do milagre foi invadida pelos três maus elementos, logo amarraram o casal, pegaram Chico, vestiram uma roupa de espantalho, o amarraram em uma estaca no meio do




milharal, fizeram uma grande fogueira em sua volta, atearam fogo e fugiram zombando e rindo. Quando os pais de Chico conseguiram livrar-se das cordas, só restou cinza no milharal. O fogo só não atingiu o velho celeiro.

Sábado seguinte foi dia de festa na fazenda dos malfeitores. Após as comemorações, já noite avançada, os três avistaram o espantalho que, lentamente, caminhava ao encontro deles, que logo correram. Um foi para o celeiro e foi o primeiro que experimentou a fúria do espantalho, em meio ao som de uma motosserra, que cortou em pedaços o miserável. Carregado por um espírito de vingança, achou o outro escondido no açude da fazenda, atrás do bambuzal e lhe tortura nas águas do açude até a morte. Após essas duas mortes, dirige-se para a luxuosa casa da fazenda, onde o terceiro miserável covarde se escondia, pegou a chave da pick-up, e saiu apavorado, em alta velocidade. O espantalho pegou a chave do outro veículo, e começou uma perseguição do inferno em alta velocidade, o maldito capotou várias vezes e explodiu. O espantalho retornou, deixando o carro em seu lugar. Lentamente caminhou em direção à Fazenda do milagre, já na alva luz do dia raiar, entrou porta adentro, em meio a olhares apavorados, sentou-se. O silêncio identificou o pavor, cada minuto parecia uma eternidade. O fantasma, de forma sinistra, começou a tirar a fantasia, lágrimas escorreram pela face, uma voz calma disse: sou o Francisco. Os pais, já em pranto, nem acreditaram. O milagre de Deus voltou. Após os abraços, Chico contou a maneira como escapou das chamas, quase ileso: - o fogo custou a chegar no meio da fogueira, consegui me desamarrar e passar por entre as chamas, as roupas de espantalho que os três demônios me vestiram serviu para me proteger do fogo. Fiquei possuído de ira, me escondi no celeiro da fazenda deles, planejei três mortes horrendas e as executei. Me perdoem, não sei como fui capaz de ir tão longe, não foi isso que vocês me ensinaram a vida inteira. Me perdoem!

O pai de Chico o abraça, muito forte e diz: meu filho amado, alguém tinha que dar fim a tantas maldades, você é o nosso herói, é o milagre de Deus. Se o mal tivesse triunfado sobre sua vida, nós seríamos os próximos, pois não sabemos nos defender de tamanha maldade, você salvou minha vida e a vida de sua mãe. A inveja e a ganância destroem o corpo, a alma e o espírito, no entanto, a justiça permanece para sempre.



Atividades

1. Em grupo, faça um debate sobre os sentimentos mais marcantes do conto. Cada grupo analisa um sentimento diferente, procurando o significado, como ocorreu no texto em estudo e posicionamento do grupo; depois o debate continua no grande grupo com toda a turma. Sentimentos a serem debatidos: medo, inveja, traição, desunião, vingança, covardia, coragem, destemor (acrescente outros a partir de uma explosão de ideias com a turma antes de propor a atividade).
 2. Confronte os sentimentos da questão anterior com as seguintes atitudes: protagonismo, heroísmo, resiliência, acomodação, recriação...
 3. Pesquise sobre o significado do fogo e suas consequências – faça levantamento sobre situações em que o fogo tenha sido algo transformador na vida de alguém (sugestão: Bíblia (Apocalipse), filmes (Incêndios), músicas (Fogo), livros (O Ateneu). Após a pesquisa, realize uma exposição ou instalação na escola sobre aspectos marcantes e estabeleça relações com o conto.
- 





El Espantapájaros está loco

Roberto Luiz Rachinas Gomes


Magali Regina Biffi

Traducido por: Débora Ribeiro Ricardo

La gente lucha contra la extravagancia y la fragilidad de los sentimientos, otros se dejan tomar como un barco a la deriva. Juzga esta historia alarmante. Golpea el martillo. Presenta el remedio. Después de la enfermedad instalada en el alma, ¿qué hacer? “Los ojos no se cansan de ver.” “Los oídos no son suficientes para oír.” La codicia es un mal desenfrenado. “Raíz de todos los males.” Qué demonios ha ocurrido a estos antagonistas anónimos, que tanto veneno se apoderan de ellos, hasta que son tragados por el mal. “Ojo por ojo, diente por diente.” La otra cara fue denegada. La venganza fue macabra.



Mañana de primavera soleada, la joven estaba tendiendo ropa en el césped de la magnífica granja. Un santo ángel de Dios se le aparece y le dice: Tú también fuiste favorecido por Dios. Nueve meses y vas a ser madre. La mujer lucha para creer lo que ve y oye. El ángel desaparece. Ella le dice a su marido las buenas noticias. Es día de fiesta en la granja de los Mendonças. Después de todo, el alma siempre estaba pidiendo por este milagro. Incluso el nombre de la granja ha cambiado, ahora es la Granja de los Milagros. La noticia llega a los agricultores del barrio, juntos celebran la alegría de la pareja. Pasan nueve meses, nace el nuevo miembro de la familia. Los médicos advierten a los padres que el niño es especial, con cierto transtorno psíquico. Nada podría contener la alegría de sus corazones. El nombre del chico es Francisco, conocido como Chico. Él crece, supera todas las limitaciones, causando asombro a muchos. En particular a tres agricultores amargos y despiadados; hace mucho tiempo que querían comprar la Granja de los Mendonças, sin éxito. El domingo se reunieron para el fútbol y el partido de bochas, casi siempre acompañados de barbacoa, bebidas y juegos de azar. El padre de Chico tuvo suerte, ganó la verdadera fortuna en el juego de Truco. Fue la gota que colmó el vaso. Arreglaron algo macabro contra Chico y su familia. Después de pagar la deuda del juego, esperaron el momento oportuno para ejecutar el plan maligno.



Era un sábado lluvioso por la noche, parecía invierno. La Granja de los Milagros fue invadida por los tres elementos malos, pronto ataron a la pareja, atraparon a Chico, pusieron un traje de espantapájaros, lo ataron a una estaca en medio del campo de maíz, hizo una gran fogata a su alrededor, prendieron fuego y huyeron burlándose y riéndose. Cuando los padres de Chico pudieron deshacerse de las cuerdas, sólo quedaba cenizas en el campo de maíz. El fuego no golpeó el viejo granero.

El sábado siguiente fue el día de la fiesta en la granja de los malhechores. Después de las celebraciones, ya avanzadas de la noche, los tres vieron al espantapájaros que caminaba lentamente para encontrarse con ellos, que pronto corrió. Uno fue al granero y fue el primero que experimentó la furia del Espantapájaros, en medio del sonido de una motosierra, que cortó en pedazos el miserable. Llevado por un espíritu de venganza, encontró al otro escondido en el vertedero de la granja, detrás del árbol de bambú y lo torturó en las aguas del embalse hasta la muerte. Después de estas dos muertes, se dirigió a la lujosa granja, donde el tercer cobarde miserable se escondió, tomó la llave de la camioneta, y salió aterrorizado, en alta velocidad. El Espantapájaros tomó la llave del otro vehículo, y comenzó una persecución del infierno a gran velocidad, el condenado volcó varias veces y explotó. El Espantapájaros regresó, dejando el coche en su lugar. Poco a poco caminó hacia la granja del milagro, ya a la luz del amanecer, entró en la puerta, en medio de miradas aterrorizadas, se sentó. El fantasma, de una manera siniestra, comenzó a quitarse la fantasía, las lágrimas corrieron a través de la cara, una voz tranquila dijo: Yo soy Francisco. Los padres, ya llorando, ni siquiera lo creyeron. El milagro de Dios ha vuelto. Después de los abrazos, Chico contó la forma en que escapó de las llamas, casi ileso: -El fuego costó llegar en medio de la fogata, pude desatarme y pasar a través de las llamas, la ropa de Espantapájaros que los tres demonios me vistieron sirvió para protegerme del fuego. Estaba poseído de cólera, escondido en el granero de su granja, planeé tres horribles muertes y las ejecuté. Perdóname, no sé cómo he podido llegar tan lejos, eso no es lo que me enseñaste toda mi vida. ¡Perdóname!

El padre de Chico lo abraza, muy fuerte y dice: Mi amado hijo, alguien tuvo que poner fin a tantos males, tú eres nuestro héroe, es el milagro de Dios. Si el mal hubiera triunfado sobre tu vida, seríamos los siguientes, porque no sabemos cómo defendernos de tal mal, has salvado mi vida y la de tu madre. La envidia y la codicia destruyen el cuerpo, el alma y el espíritu, pero la justicia permanece para siempre.




The Scarecrow is Out of His Mind

Roberto Luiz Rachinas Gomes


Magali Regina Biffi

Translated by Gabriel Ribeiro Vargas


People are reluctant against extravagance and fragility of feelings, letting themselves drift like a boat. Judge this alarming story. Hit the hammer. Produce the remedy. After illness is installed in the soul, what can one do? “The eyes don’t see enough.” “The ears don’t hear enough.” Greed is an unrestrained evil, it is the “root of all evil.” What hell may have happened to those anonymous antagonists who squirt so much poison, until they are swallowed up by evil? “An eye for an eye, a tooth for a tooth.” The other face was denied. Revenge was macabre.



In a sunny spring morning, the young lady hung laundry over the lawn in the magnificent farm. A holy angel of God appeared to her and said, “You were also favored by God. In nine months’ time you will be a mother.” The woman was reluctant to believe what she saw and heard. The angel disappeared. She told her husband the good news. It was a feast day at the Mendonça’s farm. After all, the soul was crying out for that miracle. Even the farm name was changed. Now it was called Miracle Farm. The news reached the neighboring farmers, and together they celebrated the couple’s joy. Nine months passed, and the new family member was born. The doctors told the parents the boy was special, he had some psychic disturbance. However, nothing could prevent their heart’s joy. The boy was called Francisco, known as Chico. He grew up and overcame all his limitations, causing astonishment to many, especially to three bitter and ruthless farmers, who had long wanted to buy the Mendonça’s Farm without success. On Sundays they used to gather for football and bocce ball game, almost always accompanied by barbecue, drinks and gambling. Chico’s father was lucky that day: he made a real fortune in the trick-taking game. It was the last straw. The three farmers arranged something macabre against Chico and his family. After paying off their gambling debt, they waited for the right moment to put their evil plan into action.



It was a rainy Saturday night that felt like winter. The Miracle Farm was



invaded by the three evil characters. They quickly tied up the couple, seized Chico, put on a scarecrow suit on him, tied him to a stake in the middle of the cornfield, piled up a bunch of wood around him, set fire to it, and fled mocking and laughing. When Chico's parents were able to get rid of the ropes, only ashes remained in the cornfield. The fire just did not hit the old barn.

The following Saturday was a feast day at the evildoers' farm. After the celebrations, late in the evening, the three of them spotted a scarecrow that slowly walked towards them, so they ran away. One went to the barn and was the first to experience the fury of the scarecrow, amid the sound of a chainsaw, which cut the wretch into pieces. Drawn by a spirit of vengeance, the scarecrow found the other farmer hidden in the farm pond behind the bamboo trees and tortured him to death in the waters of the pond. After these two deaths, he headed for the luxurious farmhouse, where the third miserable coward was hiding, then picked up the pick-up key, and left terrified at high speed. The scarecrow fetched the key from another vehicle and started a hellish chase at high speed. The damned farmer's car overturned several times and burst into flames. The scarecrow came back, leaving the car in its place. He slowly walked toward the Miracle Farm at dawn, entered the door, amidst frightened glances, and sat down. Silence identified the dread, every minute felt like an eternity. The ghost eerily began to take off his costume, tears rolled down his face, and he said softly, "I am Francisco." His tearful parents could not believe it. God's miracle had returned. After all the hugging, Chico told them way he had escaped the flames almost unharmed, "The fire was slow to reach the bonfire, so I managed to untie myself and pass through the flames. The scarecrow suit that the three devils had dressed me in helped to protect me from the fire. I was filled in wrath! I hid in their ranch barn, planned three horrible deaths, and carried them out. Forgive me, I don't know how I was able to go that far. That's not what you taught me my whole life. Forgive me!"

Chico's father held him very tightly and said, "My beloved son, someone had to put an end to so much wickedness. You are our hero, it is God's miracle. If evil had triumphed over your life, we would be the next victims, because we don't know how to defend ourselves from such wickedness. You have saved my life and your mother's. Envy and greed destroy body, soul and spirit. However, justice remains forever."



Ilustração de Mariana Szupzinsky



O túnel misterioso

Letícia Pegoraro Alves


Quando eu era pequena, estudei em um colégio de freiras, onde somente meninas podiam estudar. No outro lado da rua, havia um outro colégio, onde estudavam somente meninos e era dirigido por padres. A educação era muito rígida e só podíamos sair nos finais de semana para ver nossos familiares. Minha família era bastante severa, se eu fizesse algo de errado, era drasticamente punida, em conjunto com as freiras de meu colégio.

Eu e minhas amigas tínhamos o costume de ir para o muro e espiar o que acontecia no mundo, tentar ver pessoas, pois nem isso era permitido que fizéssemos. A escola era dividida em prédios e cada um com seus dormitórios. Toda vez que tentávamos subir o muro, alguém nos pegava e tínhamos que ficar trancadas em um quarto escuro e sem contato algum. Era um quarto totalmente isolado e recebíamos as sobras das refeições.

Enfim, chegou a sexta-feira, um dia muito esperado, dia de Educação Física e o dia em que arrumamos nossas coisas para ir para casa. Estávamos no ginásio, dentro dele, nos fundos, havia um palco fechado com grades, mas nesse dia estava aberto. Minha professora foi apartar uma briga entre duas meninas e as levou para a coordenação. Enquanto isso, eu e minhas três melhores amigas fomos ver o que tinha atrás das grades no palco. Estava escuro, nem luz tinha, mas vimos uma porta na lateral direita totalmente fechada. Apenas enxergamos uma escada caracol de ferro. De repente, nossa professora chegou e voltamos para as nossas posições.

Passei o dia pensando nisso. “O que será que havia lá dentro? Para onde aquela escada nos levaria?” Fui para a casa e aquilo continuava martelando minha cabeça. Liguei para uma de minhas amigas e conversei com ela sobre isso. Ela disse que seu primo estudava na escola em frente, aquela que ficávamos tentando espiar pelo muro e não conseguíamos e ele sabia de um segredo. Combinamos de nos encontrar no sábado à tarde na praça para jogar vôlei e falarmos sobre isso.



Todos nós nos encontramos e jogamos a tarde inteira. O sol já estava se pondo, estávamos todos sentados na calçada e o assunto do segredo veio à tona.



O primo da minha amiga nos contou que havia um túnel que interligava as duas escolas, mas nunca ninguém se atreveu a ir lá. Diziam muitas coisas sobre ele e eu queria descobrir o que era.

O fim de semana passou e a segunda-feira chegou. Estávamos todas empolgadas para descobrir mais sobre o túnel. Eram mais ou menos 10:30 da manhã, hora do recreio. Chovia muito, a escola possuía uma parte coberta, mas normalmente ficávamos na sala de aula. Resolvemos ir até o ginásio novamente e ver a porta que estava dentro do palco. Para nossa sorte, estava aberta. Ao mesmo tempo em que ficamos empolgadas, estávamos com medo. E, se alguém nos pegasse?


Resolvemos entrar no palco e chegar mais perto. A porta estava um pouco aberta, apenas uma fresta e estava um pouco emperrada. Tentamos empurrar, sem sucesso, só ocorreu um barulho muito forte. Nós quatro empurramos ao mesmo tempo e a porta se abriu. Vimos a mesma escada caracol, mas tudo muito escuro, não era possível ver o que tinha no andar de baixo. Ouvimos apenas algumas vozes e uma luz, que mais parecia uma lanterna apontando para nós. O sinal bateu e corremos para a sala, antes que alguém nos pegasse.



Na escola, não era permitido fazer telefonemas, a não ser que fosse uma emergência, mas resolvemos enviar uma carta para o primo de minha amiga no outro colégio. O carteiro que entregava cartas no nosso colégio era o mesmo que entregava no colégio da frente. Fizemos a carta como se fosse o tio da minha amiga como remetente e enviamos para o primo dela. Contamos tudo o que vimos e pedimos a ele para verificar se havia algo parecido no colégio dele. Passou terça, quarta e somente na quinta-feira tivemos uma resposta. Ele achou algo estranho com seus amigos. Como a escola das meninas teria uma feira aberta ao público no sábado à tarde, resolvemos nos encontrar todos juntos.

No sábado à tarde, a feira já tinha bastante gente e nossas famílias finalmente chegaram. Somente avisamos as nossas mães que iríamos brincar nos arredores da escola. A feira estava ocorrendo dentro do ginásio e, por sorte, o palco estava coberto com um pano para não aparecer para o público. Corremos até lá e a porta de dentro do palco estava do mesmo jeito que deixamos na segunda-feira. Um dos nossos amigos estava com muito medo e não queria ir, mas um deles o empurrou para dentro e ele caiu na escada. Apenas ouvíamos a voz dele, resolvemos descer também, mas à medida que descíamos as escadas, os degraus iam sumindo, como se virassem um pó.

Chegamos ao chão e estava tudo escuro, porém, como eu era muito




prevenida, eu tinha uma lanterna bem pequena que iria nos guiar. Caminhamos por um bom tempo até que encontramos uma porta dourada. Já que estávamos ali, entramos assim mesmo. Quando abrimos a porta, vimos uma paisagem linda, parecia um campo todo florido, havia algumas pessoas idosas sentadas nesse jardim, todos muito tristes, sem conversar, apenas olhando para as flores e árvores. Chegamos perto de uma senhora, ela nos olhava com alegria, diferente dos outros. Ela somente nos avisou que estavam com fome e os padres e as freiras não davam comida para eles. A única alegria deles eram os bichinhos com quem eles falavam. Essa mesma senhora nos apresentou um esquilo e ele nos levou até a casa onde essas pessoas ficavam. Encontramos a madre superiora, o padre superior e os conselheiros de cada escola reunidos em volta de uma lareira.

O fogo dessa lareira parecia tomar uma forma diferente cada vez que a madre superiora falava, com isso, sentíamos que não era algo bom. De repente, uma raposa apareceu ao lado de uma amiga nossa e nos alertou que as pessoas estavam tentando fechar aquele lugar e iam transformando os moradores em animais, cada um conforme a sua personalidade, pois era mais fácil se livrar deles usando essa forma. Decidimos que isso não podia ficar assim, tínhamos que tomar alguma providência. Andando mais um pouco pela casa, vimos algumas freiras em volta de um caldeirão, a raposa nos falou que elas preparavam essa poção para misturar no suco nas “refeições” que os idosos faziam, mas não colocavam em todas as bebidas para que ninguém desconfiasse. Quando alguém perguntava sobre alguma pessoa que desapareceu, apenas diziam que ele ou ela tinham ido para o céu descansar.

Uma das freiras nos viu, ela nos conhecia, sabia que éramos as meninas daquele colégio. Tinha um semblante muito feio, triste e ruim. Disfarçando, perguntou se queríamos um copo de água, se estávamos com sede. Um dos meninos não percebeu e acabou tomando. Entretanto, essa freira, por mais que tivesse um semblante meio carrancudo, não concordava com as atitudes tomadas pelo conselho, no entanto, não viu que a água que ela ofereceu estava contaminada e nosso amigo se transformou em um lindo cachorro.

Perguntamos a ela como essa maldição podia ser quebrada para poder ajudar as pessoas daquele lugar. Ela disse que na floresta, em uma árvore muito antiga, era possível extrair uma poção para reverter o feitiço, porém havia muitas pessoas em volta da floresta, tínhamos que ter cuidado. Essa mesma freira pediu que esperássemos cinco minutos e nos deu um suco de uva. Ela disse que isso iria nos proteger de qualquer mal.





Então seguimos em frente, um dos padres nos viu, mas não fez nada, disfarçou. Só que ele pegou um telefone, e não ouvimos o que ele disse. No colégio dos nossos amigos, ele era muito legal, não iríamos suspeitar dele. Aceleramos o passo e a freira que estava na cozinha esqueceu de nos dar algo. Era uma espécie de faca e um vidrinho para que pudéssemos cortar a árvore e pegar a poção. E, caso alguém nos machucasse, estaríamos protegidos.

Fomos até a floresta em busca da árvore, mas tínhamos que tomar cuidado, muitos “guardas” estavam aos arredores dela. O nosso amigo que se transformou em um cachorro foi conosco para despistá-los. Demoramos muito para achar a árvore, pois eram todas iguais, e a que precisávamos era na beira de um riacho e possuía um brilho peculiar, toda dourada, muito linda.

Enfim, quando achamos, fomos direto extrair a poção e colocá-la em vários vidrinhos. Até esse momento, tudo estava fácil, conseguimos pegar oito potes da poção, mas um dos guardas nos viu e começou a correr atrás de nós. Nosso amigo, “o cachorro”, pulou em cima do guarda e conseguiu imobilizá-lo, mas havia muitos outros. Corremos muito até chegarmos na casa novamente. Demos rapidamente a poção para a freira boa e ela jogou a poção dentro do caldeirão e simplesmente o derramou pela casa. Um dos padres atacou a freira deixando-a com o braço machucado, mas o caldeirão já estava derrubado. Os animais todos atraídos pelo cheiro entraram na casa e começaram a lamber o líquido que estava no chão. À medida que os animais lambiam o líquido, eles voltavam ao normal. As freiras e os padres do conselho viraram animais e saíram correndo porta afora para muito longe daquele lugar. Tudo havia voltado à normalidade. Apenas algumas pessoas continuaram como estavam, pois eram pessoas boas.



Não vimos o tempo passar e precisávamos voltar, mas não sabíamos como. A freira boa nos levou até a porta que encontramos antes e conseguimos chegar. Perguntamos se podíamos voltar e ajudar e ela disse que sempre que quiséssemos.

Chegamos até o colégio novamente e já estava tudo escuro, já era noite. O colégio estava diferente, alguns padres e algumas freiras haviam desaparecido. Encontramos nossos pais que nem perceberam nossa ausência, pois não era tão tarde assim. Chamamos um dos padres e uma das freiras e contamos o que vimos e perguntamos se podíamos ajudar com nossos colegas. A partir desse dia, todos nós e nossos colegas íamos todos dias para o túnel, fazíamos comida, líamos histórias e fazíamos atividades para que os velhinhos daquele



lugar fossem felizes. Era um prazer ajudá-los. No final de semana era triste, pois voltávamos para casa, no entanto, as freiras faziam um bom trabalho com eles. Antes, ficávamos ansiosos pelo final de semana, agora, não queremos nunca ir embora da escola.

Atividades

1. Caracterize os alunos e alunas do conto, comparando-os com a sua turma. Como você reagiria se estivesse vivenciando essa história?
 2. Se você tivesse a oportunidade de ser transformado em algum animal, qual escolheria? Comente como seria sua vida.
 3. Escreva outra história em que exista um túnel secreto em uma escola. Quem o descobriria e para onde esse túnel levaria?
- 
- 

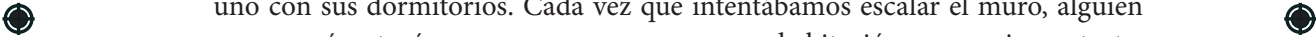


El túnel misterioso

Leticia Pegoraro Alves

Traducción: Juliana Marques da Gama


Cuando era pequeña, estudiaba en un colegio de monjas donde solo las niñas podían estudiar. Al otro lado de la calle había otra escuela, donde solo estudiaban niños y eran gestionados por curas. La educación era muy estricta y solo podíamos salir los fines de semana para ver a nuestras familias. Mi familia era bastante rígida y severa; si hacía algo malo, me castigaba severamente, junto con las monjas de mi escuela secundaria.



Mis amigos y yo teníamos la costumbre de ir al muro y espiar lo que sucedía en el mundo, tratar de ver a la gente, porque incluso esto no estaba permitido para nosotros hacerlo. La escuela estaba dividida en edificios y cada uno con sus dormitorios. Cada vez que intentábamos escalar el muro, alguien nos recogía y teníamos que encerrarnos en una habitación oscura sin contacto. Era una habitación totalmente aislada y recibimos las sobras de las comidas.

De todos modos, llegó el viernes, un día muy esperado, el día de la Educación Física y el día en que empaquetamos nuestras cosas para ir a casa. Estábamos en el gimnasio, dentro de él, en la parte de atrás, había un escenario cerrado con rejas, pero en ese día estaba abierto. Mi maestra fue a separar la pelea entre dos chicas y las llevó a la coordinación. Mientras tanto, mis tres mejores amigos y yo fuimos a ver qué había detrás de los barrotes en el escenario. Estaba oscuro, no había luz, pero vimos una puerta en el lado derecho completamente cerrada. Solo vemos una escalera de caracol de hierro. De repente, nuestro profesor llegó y volvimos a nuestras posiciones.

Me pasé el día pensando en ello. “¿Qué había allí? ¿Adónde nos llevaría esa escalera?” Entré en la casa y seguía golpeando mi cabeza. Llamé uno de mis amigas y hablé a respecto. Ella dijo que su primo estaba estudiando en la escuela de enfrente, la que estábamos tratando de mirar a través del muro y no conseguíamos y él sabía un secreto. Acordamos de reunirnos un sábado por la tarde en la plaza para jugar al voleibol y hablar sobre ello.




Nos encontramos y jugamos toda la tarde. El sol ya se estaba poniendo y todos estábamos sentados en la acera y el tema del secreto surgió. El primo de mi amigo nos dijo que había un túnel que unía las dos escuelas, pero nadie se atrevió a ir allí. Decían muchas cosas sobre él, pero yo quería descubrir qué pasaba.

El fin de semana ha pasado y el lunes ha llegado. Todos estábamos emocionados de saber más sobre el túnel. Eran como las 10:30 de la mañana, hora de recreo. Llovió mucho, la escuela tenía una parte cubierta, pero generalmente nos quedábamos en el aula. Decidimos ir al gimnasio nuevamente y ver la puerta que estaba dentro del escenario. Por suerte estaba abierta. Al mismo tiempo que estábamos emocionados, teníamos miedo. ¿Y si alguien nos atrapa?

Decidimos subir al escenario y acercarnos. La puerta estaba un poco abierta, solo una grieta y un poco atascada. Intentamos presionar, sin éxito, solo un ruido muy fuerte. Los cuatro empujamos al mismo tiempo y la puerta se abrió. Vimos la misma escalera de caracol, pero todo muy oscuro, no se podía ver lo que había abajo. Escuchamos solo unas pocas voces y una luz, que se parecía más a una linterna que nos apuntaba. La señal llegó y nos encontramos con la habitación antes de que alguien nos atrapara.

En la escuela, no se le permitía hacer llamadas a menos que fuera una emergencia, pero decidimos enviar una carta al primo de mi amiga en la otra escuela. El cartero que estaba entregando cartas en nuestra escuela secundaria era el mismo que entregaba en la otra escuela. Escribimos la carta como si fuera el tío de mi amigo como remitente y la enviamos a su primo. Le contamos todo lo que vimos y le pedimos que verificara si había algo parecido en su escuela secundaria. Pasado martes, miércoles y solo el jueves tuvimos una respuesta. Encontró algo extraño con sus amigos. Como la escuela de niñas tendría una feria abierta al público el sábado por la tarde, decidimos reunirnos.

El sábado por la tarde, la feria ya tenía suficiente gente y finalmente llegaron nuestras familias. Solo les dijimos a nuestras madres que íbamos a jugar en la escuela. La feria se estaba llevando a cabo dentro del gimnasio y, afortunadamente, el escenario estaba cubierto con un paño para que no apareciera al público. Corrimos hasta allí y la puerta dentro del escenario era la misma que salimos el lunes. Uno de nuestros amigos estaba muy asustado y no quería ir, pero uno de ellos lo empujó adentro y se cayó en las escaleras. Solo escuchamos su voz, decidimos bajar también, pero al bajar las escaleras, las escaleras desaparecieron, como si fueran un polvo.




Llegamos al suelo y todo estaba oscuro, pero como era muy cauteloso, tenía una linterna muy pequeña que nos guiaba. Caminamos por un largo tiempo hasta que encontramos una puerta dorada. Desde que estuvimos allí, entramos de todos modos. Cuando abrimos la puerta, vimos un hermoso paisaje, parecía un campo lleno de flores, había algunos ancianos sentados en este jardín, todos solo mirando las flores y los árboles. Nos acercamos a una dama, nos miró con alegría, diferente a los demás. Solo nos advirtió que tenían hambre y que los sacerdotes y las monjas no les dieron de comer. Su única alegría eran las pequeñas mascotas con las que estaban hablando. Esa misma señora nos presentó a una ardilla y ella nos llevó a la casa donde se alojaban estas personas. Encontramos a la Madre Superiora, al Sumo Sacerdote y a los asesores de cada escuela reunidos alrededor de una chimenea.

El fuego en esta chimenea parecía tomar una forma diferente cada vez que hablaba la Madre Superiora, por lo que sentimos que no era algo bueno. De repente, un zorro apareció junto a una amiga nuestra y nos advirtió que la gente estaba tratando de cerrar ese lugar y que estaban convirtiendo a los aldeanos en animales, cada uno según su personalidad, porque era más fácil deshacerse de ellos usando esa forma. Decidimos que esto no podía ser así, teníamos que tomar alguna acción.

Caminando por la casa, vimos algunas monjas alrededor de un caldero, el zorro nos dijo que prepararon esta poción para mezclar en el jugo de las “comidas” que hacían los ancianos, pero no pusieron todas las bebidas para que nadie desconfiara. Cuando alguien preguntó por alguien que desapareció, solo dijeron que él o ella habían ido al cielo a descansar.

Una de las monjas nos vio, y nos conoció, ella supo que éramos las chicas de la escuela donde estudiábamos. Tenía un rostro muy feo, triste y malo. Disfrazada, nos preguntó si queríamos un vaso de agua si teníamos sed. Uno de los chicos no se dio cuenta y terminó tomándolo. Sin embargo, esta monja, sin importar cuán hosca fuera su rostro, no estaba de acuerdo con la actitud adoptada por el consejo, sin embargo, ella no vio que el agua que ofrecía estaba contaminada y nuestra amiga se convirtió en un perro hermoso.

Le preguntamos cómo podría romperse esta maldición para ayudar a la gente de ese lugar. Ella dijo que en el bosque, en un árbol muy antiguo, era posible extraer una poción para revertir el hechizo, pero había mucha gente alrededor del bosque, teníamos que tener cuidado. Esta misma monja nos pidió que esperáramos cinco minutos y nos dio zumo de uva. Ella dijo que nos protegería



de cualquier daño. Así que continuamos, uno de los sacerdotes nos vio, pero no hizo nada, disfrazado. Solo él tomó el teléfono y no escuchamos lo que dijo. En la universidad de nuestros amigos, él era muy amable, no lo sospechábamos. Aceleramos el ritmo y la monja que estaba en la cocina se olvidó de darnos algo. Era una especie de cuchillo y un vaso para poder cortar el árbol y obtener la poción. Y si alguien nos hiciera daño, estaríamos protegidos. Fuimos al bosque por el árbol, pero teníamos que tener cuidado, muchos “guardias” estaban cerca de él. Nuestro amigo que se convirtió en perro nos acompañó para deshacernos de ellos. Nos tomó mucho tiempo encontrar el árbol, ya que todas eran iguales, y lo que necesitábamos estaba en el borde de un arroyo y tenía un brillo peculiar, todo dorado, muy hermoso. De todos modos, cuando lo encontramos, fuimos directamente a extraer la poción y la pusimos en varios vasos. Hasta ahora, todo fue fácil, logramos obtener ocho botes de la poción, pero uno de los guardias nos vio y comenzó a perseguirnos. Nuestro amigo, “el perro”, saltó sobre la guardia y logró inmovilizarlo, pero había muchos otros. Corrimos mucho hasta que llegamos a la casa de nuevo. Rápidamente le dimos la poción a la monja buena y ella la arrojó al caldero y simplemente la vertió en la casa. Uno de los sacerdotes atacó a la monja dejándola con un brazo herido, pero el caldero ya estaba volcado. Todos los animales atraídos por el olor entraron en la casa y comenzaron a lamer el líquido que estaba en el suelo. Cuando los animales lamieron el líquido, volvieron a la normalidad. Las monjas y los sacerdotes del concilio se convirtieron en animales y salieron corriendo por la puerta. Todo había vuelto a la normalidad. Sólo unas pocas personas permanecieron como eran, porque eran buenas personas.

Necesitábamos volver, pero no sabíamos cómo. La buena monja nos llevó a la puerta que encontramos antes y llegamos allí. Preguntamos si podíamos volver y ayudar, y ella dijo que siempre que quisiéramos podríamos ir.

Volvimos a la escuela y estaba oscuro, era de noche. La universidad era diferente, algunos sacerdotes y algunas monjas habían desaparecido. Encontramos a nuestros padres que ni siquiera notaron nuestra ausencia, porque no era tarde. Llamamos a uno de los sacerdotes y a una de las monjas, contamos lo que vimos y preguntamos si podíamos ayudar con nuestros colegas. A partir de ese día, nosotros y nuestros colegas íbamos al túnel todos los días, hacíamos comida, leíamos cuentos y hacíamos actividades para que los ancianos de ese lugar estuvieran felices. Fue un placer ayudarles. Al final de la semana, fue triste porque nos íbamos a casa, pero las monjas hicieron un buen trabajo con ellas. Antes, esperábamos el fin de semana, ahora, nunca queremos salir de la escuela.



The Mysterious Tunnel

Letícia Pegoraro Alves

Translated by Jordana Kopp de Almeida and Laura Salmoria de Almeida

When I was a little girl, I studied in a boarding school for girls that was run by nuns. On the other side of the street, there was a boarding school for boys that was managed by priests. Education there was very rigid, and we could only go out on weekends to see our relatives. My family was very rigid and severe. If I did something wrong, I was severely punished by them and by the school nuns.

My friends and I used to climb the school wall to spy what was happening in the world, trying to see people, because even that was forbidden to do. The school was divided into buildings, and each building had its own school dorm. Every time we have tried to climb the wall, somebody caught us and we had to stay locked in a dark room with no contact with anyone. It was a totally isolated room, and we received only the meal's leftovers.

Finally, Friday arrived. It was such an expected day! It was Physical Education day and the day we could pack our things to go home. We were in the gymnasium and inside of it, in the back, there was a stage locked with iron bars, but that day, it was open. My teacher separated a fight between two girls and took them to coordination. Meanwhile, my three best friends and I went to see what was there in the back of the stage. It was dark, there was no light, but we saw a lateral door firmly locked. We could only see a spiral iron staircase. Suddenly, our teacher arrived and we returned to our positions.

I spent the whole day thinking about it. What could there be in that room? Where would that staircase lead us? I went home and that thought kept knocking on my head. I called one of my friends and talked to her about it. She said that her cousin studied in the front school, the one which we were always trying to spy on and could not, and he knew a secret. We set up a date to meet on Saturday afternoon to play volleyball and talk about it.

We all met and played the whole afternoon. When the sun was setting, we all sat on the sidewalk, and the secret subject was mentioned. My friend's cousin



told us there was a tunnel that interconnected the two schools, but no one had ever dared to go there. They said a lot of things about it, but I wanted to find out what it was.


The weekend was over and Monday arrived. We were all excited to find out more about the tunnel. It was around ten thirty in the morning, break time. It rained a lot. The school had a sheltered area, but we usually stayed inside the classroom on rainy days. We decided to go to the gymnasium again to see the door that was in the stage. Luckily, it was open. While we were excited, we were also scared. What if someone caught us?

We decided to enter the stage and to come a little closer. The door was ajar and stuck. We tried to push, with no success; there was only a loud noise. All of us tried to push the door at the same time and it opened. We saw the same spiral staircase, but it was all very dark, we were not able to see what was there on the underneath floor. We could only hear some voices and see a light, which looked like a flashlight aiming at us. The school bell rang and we ran back to our classroom before somebody caught us.

We were not allowed to make phone calls in school, unless it was an emergency, but we decided to send a letter to my friend's cousin who attended the boys' school. The mailman who delivered mail in our school was the same who delivered mail there. We wrote the letter as if we were my friend's uncle and sent it to her cousin. We told him everything we saw and we asked him to check if there was something similar in his school. Tuesday and Wednesday went by, and only on Thursday did we receive an answer. My friend's cousin had found something strange with his friends. As our school would have an open fair on Saturday afternoon, we decided to meet then.

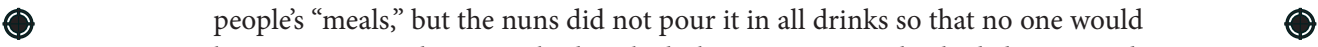
On Saturday afternoon, the fair was crowded when our families finally arrived. We told our mothers that we would play in the school's surroundings. The fair took place inside the gymnasium, and luckily, the stage curtain was down so the public would not see it. We ran towards the stage and the door inside of it was the same way we had left it on Monday. One of our friends was really scared and did not want to go, but the other boy pulled him inside and he fell off the staircase. We could only hear his voice, so we decided to go down too, but as we went down the stairs, they began to disappear, as if they turned into dust.

When we arrived at the ground floor, everything was dark, but since I was prepared, I had a tiny flashlight that could guide us. We walked for a long time until we found a golden door. Since we were there, we decided to walk



in. As we opened the door, we saw a beautiful landscape. It looked like a field covered with flowers. There were some old people sitting in this garden who were very sad. They were not talking, just looking at the flowers and the trees. We came near an old lady. Unlike the others, she looked at us with joy. She told us that they were all hungry and that the priests and nuns did not give them any food. Their only joy were the little animals that they talked to. This same lady introduced us to a squirrel who led us to the house where those people stayed. We saw the Mother Superior, the Father Superior and the counselors of each boarding school gathered around a fireplace.

The fire in that fireplace seemed to take on a different shape every time the Mother Superior spoke, so we felt it could not mean anything good. Suddenly, a fox showed up beside one of our friends and warned us that some people were trying to close the place, so the nuns and priests were turning the residents into animals according to each individual's personality, because it would be easier to get rid of them that way. We decided that that state of affairs could not go on and we had to do something about it.




As we walked inside the house, we saw some nuns around a cauldron. The fox told us the nuns prepared a potion to mix in the juice in the elderly people's "meals," but the nuns did not pour it in all drinks so that no one would be suspicious. When somebody asked about someone who had disappeared, they only said that he or she had gone to heaven in order to rest.

One of the nuns saw us from the kitchen. She knew we were the boarding school students. She had a very ugly, sad and evil countenance. She secretly asked us if we were thirsty and offered us a glass of water. One of the boys did not realize the danger and drank the water. Despite her grim face, that nun did not agree with the attitudes of the council; however, she did not realize the water she had given the boy was poisoned, and our friend was turned into a beautiful dog.

We asked her how that curse could be broken so that we could help the people at that place. She said that there was a very old tree in the forest from which we could extract a potion to remove the spell, but we needed to be careful, because there were many people in the forest. She also asked us to wait for five minutes and then she brought us some grape juice. She said it would protect us from any evil.


We walked on. One of the priests saw us but did tell on us. He just picked up a telephone and made a call, but we could not hear what he said. In our friends' school, he was a nice man, so we would not suspect of him. We started to



walk faster. The nun who was in the kitchen had forgotten to give us something. It was a kind of knife and some small glass flasks so that we could cut the tree and draw the potion from it. Besides, if anyone threatened us, we would be protected.

We went to the forest searching the tree, but we needed to be careful because there were many guards around it. The boy who had turned into a dog came with us to mislead the guards. It took us a long time to find the right tree, because they all looked alike. However, the one we needed was by a creek, and it had a peculiar golden shine. It was a beautiful tree.

When we finally found the tree, we started to draw the potion into several flasks. Until this moment, everything was going well. We took eight glasses of potion, but then one guard saw us and came running after us. Our friend, “the dog,” leaped onto the guard and held him, but there were many others. We ran a lot until we arrived at the house again. We gave the potion to the good nun, who poured it into the cauldron and toppled it, spilling its content all over the house. One of the priests attacked her and injured her arm, but the potion was already spread on the floor.



Attracted by the smell of the potion, the animals came into the house and started to lap the liquid on the floor. As soon as they drank it, they came back to their original human shapes. The nuns and priests of the council were turned into animals and ran far away from that place. Only a few people stayed the same, for they were good people. Everything went back to normal.

We did not see time pass and we needed to come back, but we did not know how. The good nun led us to the door we had found earlier. We asked her if we could come back to help them, and she answered that we could do so anytime we wanted.

When we arrived at the school, it was dusk. The school was different, for some priests and nuns had disappeared. We found our parents, who had not missed us, because it was not that late. We called one of the priests and one of the nuns and we told them everything we had seen, then we asked them if we could help our classmates. From that day on, we and our colleagues would go every day to the tunnel to cook, tell stories and to do some activities so that the old people who lived there could be happy. It was a pleasure to help them. Weekends were sad, because we had to go back home. However, the nuns did a good job with them. Before that adventure, we were anxious for the weekend, but now we never want to leave come out of it.



Ilustração de Isabella Moscatelli





O Velho Esquecimento

Gabriela Pisoni Minotti

Karine Isabel Schafer de Brum

Raniélen Furlanetto Gonçalves


Acordo. De repente sinto um frio estranho. Percebo que há neve no chão, porém não tem nada caindo do céu. Como está claro aqui! Até gosto assim, não há janelas de fato, somente vidro. Talvez, no futuro, coloque uma cortina. Será? É, vou pensar no assunto. UM TREMOR. Nossa! Fiquei tonto. Estranho. Olhando para fora, percebo que começou a nevar repentinamente.

Vejo pessoas passarem no lado de fora da minha casa. Como me olham... deve haver algo de errado, só pode. Preciso conferir. Pelo reflexo do vidro, consigo ver que meus olhos estão normais, pretos como sempre. Vejo também meu nariz, é, realmente, sempre achei ele meio pontudo, mas nada a que já não esteja habituado. Meus botões na barriga estão todos colocados da forma certa. Centralizados. Mas então?!

Olha, uma pessoa está vindo até mim. Tudo treme de novo. Novamente a tontura. A neve havia cessado, mas retornara. Como pode? Estranho. Esse aquecimento global está corrompendo nosso mundo mesmo. Neva. Para. Depois retorna a nevar. Perdi de vista aquele moço que havia se aproximado de mim. Vou ter de procurar um médico, só pode ser minha labirintite desregulada para me deixar tonto de tal maneira.

Mesmo com toda essa neve no chão e mais a que cai - mas só em alguns momentos - não sinto frio. Acho que meu corpo está acostumando-se já com o clima daqui. Não sei bem ao certo qual é. Já me esqueci. Estou meio velho. Pelo visto só pode ser *Polar*. As pessoas passam, me olham, só pode ser a minha casa diferente, sendo toda de vidro, devem achá-la estilosa.

Paro para pensar e vejo que tudo ao meu redor está parado, dentro da minha casa só estou eu e meu pinheiro de natal. Se neva é época de Natal, é claro. Será que vou ganhar presente esse ano?! Gosto tanto! Não me lembro o que ganhei no ano passado, será que veio alguém aqui? Pois é, terei que aguardar



e descobrir. As pessoas devem estar estranhando meu pinheiro. Só pode. Deve estar colorido demais. Está certo, vou mudá-lo. OH NÃO. Tudo estremece de novo. Não consigo me levantar. Perco minhas forças.

Vou deixar a árvore de natal de lado. Gostei dela. As pessoas não precisam fazer com que eu mude o que gosto. OLHA. Uma criança, como pode?! Ela gostou. Viu? Sabia! Espero que ela venha até mim, mas nada acontece, ela só observa, a mãe fala com ela e não permite que venha até mim. Então a chamo “Psiu, amiguinha, venha até mim, estou me sentindo sozinho”. A criança então se aproxima. Novamente tudo treme. Não consigo falar com ela.

Poxa. Estranho. Realmente não entendo. Será que é o meu tempo de existência?! Não me lembro de tudo tremer tanto antes. Só pode ser minha enxaqueca. Como pode, quero me movimentar, mas por algum motivo não consigo. Não acredito. Só posso estar sonhando e não consigo me mover. Logo percebo que não. Novamente tento me mexer. Não dá. Oh céus. POR QUÊ?!

AH, lembrei, SOU UM BONECO DE NEVE. Em um GLOBO DE NEVE!!



Atividades



1. No terceiro parágrafo é mencionada a palavra “labirintite”. Explique o que é, quais as características e como tratar.
2. Você gostaria de viver em um lugar que nevasse? Qual? Cite os países em que é possível ver a neve e como é o modo de vida durante esse período.
3. O conto faz referência ao Natal e tem o boneco de neve como referência. Escolha outro personagem que simbolize o Natal e escreva sobre um dia de sua vida, faça como neste conto em estudo e crie um suspense para o leitor e revele apenas no final quem é o personagem.



El Viejo Olvido


Gabriela Pisoni Minotti

Karine Isabel Schafer de Brum

Raniélen Furlanetto Gonçalves

Traducido por Daniela Calheiro da Conceição Marques

Me despierto. De repente siento un frío extraño. Percibo que hay nieve en el suelo, pero no tiene nada cayendo del cielo. ¡Cómo está claro aquí! Hasta el gusto así, no hay ventanas de hecho, solamente vidrio. Tal vez, en el futuro, coloque una cortina. ¿En serio? Es, voy a pensar en el asunto. UN TREMOR. ¡Por Dios! Me puse mareado. Extraño. Mirando hacia afuera, percibo que empezó a nevar repentinamente.




Veo a las personas pasar por el exterior de mi casa. Como me miran... debe haber algo malo, sólo puede. Necesito comprobar. Por el reflejo del vidrio, puedo ver que mis ojos son normales, negros como siempre. Veo también mi nariz, es, realmente, siempre lo encontré medio puntito, pero nada a que ya no esté acostumbrado. Mis botones en la barriga están todos colocados de la forma correcta. Centralizada. ¡¿Pero entonces?!

Mira, una persona está viniendo a mí. Todo tiembla de nuevo. Una vez más la mareada. La nieve había cesado, pero regresó. ¿Cómo puede? Extraño. Este calentamiento global está corrompiendo nuestro mundo mismo. Nieva. Después vuelve a nevar. Perdí de vista a aquel chico que se había acercado a mí. Voy a tener que buscar a un médico, sólo puede ser mi laberintitis desregulada para dejarme mareado de tal manera.

Incluso con toda esa nieve en el suelo y más la que cae - pero sólo en algunos momentos - no siento frío. Creo que mi cuerpo está acostumbrándose ya con el clima de aquí. No sé bien a cuál es. Ya me olvidé. Estoy un poco viejo. Por lo visto sólo puede ser Polar. La gente pasa, me mira, sólo puede ser mi casa diferente, siendo toda de vidrio, deben encontrarla estilosa.

Paro para pensar y veo que todo a mi alrededor está parado, dentro de mi casa solo estoy yo y mi pino de navidad. Si nieva es época de Navidad, por



supuesto. ¿Será que voy a ganar este año? ¡Me gusta tanto! No recuerdo lo que gané el año pasado, ¿vino alguien aquí? Pues, tendré que aguardar y descubrir. Las personas deben estar extrañando mi pino. Solo puede. Debe ser demasiado colorido. Está bien, voy a cambiarlo. OH NO. Todo se estremece de nuevo. No puedo levantarme. Pierdo mis fuerzas.

Voy a dejar el árbol de Navidad a un lado. Me gustó a ella. Las personas no necesitan hacer que cambie lo que me gusta. MIRA. Un niño, ¿cómo puede? A él le gustó. ¿Ver? ¡Yo sé! Espero que ella venga a mí, pero nada sucede, él sólo observa, la madre habla con él y no permite que venga hasta mí. Entonces la llama “Psiu, amiguito, ven hasta mí, me estoy sintiendo sola”. El niño entonces se acerca. De nuevo todo tiembla. No puedo hablar con él.

Caramba. Extraño. Realmente no entiendo. ¿Será mi tiempo de existencia? No me acuerdo de todo temblar tanto antes. Sólo puede ser mi migraña. Como puedo, quiero moverme, pero por algún motivo no consigo. No creo. Sólo puedo estar soñando y no puedo moverme. Luego me doy cuenta de que no. Una vez más intento moverme. No es posible. Oh cielos. ¿POR QUÉ?

AH, recordé, SOY UN MUÑECO DE NIEVE. ¡En un GLOBO DE NIEVE !!





The old forgetfulness

Gabriela Pisoni Minotti

Karine Isabel Schafer de Brum

Raniélen Furlanetto Gonçalves

Translated by Nicole Fernandes Gross and Thaís Zadorozny Pereira


I wake up. Suddenly, I feel strangely cold. I realize there is snow on the floor, but there is nothing falling from the sky. It is very bright in here! I kind of like it, there are no windows, only glass. Maybe, in the future, I will put a curtain. Maybe? Yes, I will think about it. A tremor. Wow! I got dizzy. Strange. Looking outside I realize that it has suddenly begun to snow.

I see people passing outside my house. The way they look at me... there must be something wrong, it must be the only reason. I need to check it. From the reflection on the glass, I can see that my eyes are normal, black as always. I can also see my nose. Actually, I always thought it was pointed, but I am used to it. The buttons on my belly are all in the correct place. Centralized. But, why then?!

Look, a person is coming to me. Everything shakes again. I am dizzy again. The snow had ended but started again. How come? Strange. Global warming is really corrupting our world. It snows. Then it stops. Then it snows again. I lost sight of that young man who had approached me. I will have to see a doctor, it can only be my uncontrolled labyrinthitis to make me so dizzy.

Even with all this snow on the floor, besides the one that falls sometimes, I do not feel cold. I think my body is getting used to this weather. I am not sure exactly what this weather is. I have already forgotten about it. I am somewhat old. Apparently, it can only be *polar*. People pass and then stare at me. It can only be because of my strange house, being made all of glass. They must think that it is stylish.

I stop to look and see that everything around me is still, inside my house are only my Christmas tree and I. If it is snowing, it must be Christmas time, of course. Am I going to receive a gift this year? I like it so much! I do not remember



what I received last year, did anyone come here? Well, I will have to wait and see. People must find my Christmas tree weird. It must be the only reason. It must be too colorful. It is ok, I will change it. Oh no! Everything is shaking again. I cannot stand up. I have lost my strength.

I will forget about the Christmas tree. I liked it. People do not have to make me change what I like. Look! A child, how can it be? She liked it. See? I knew it! I hope she comes to me, but nothing happens. She just observes, her mother talks with her and does not allow her to come to me. So, I call her, "Hey, little friend, come to me, I'm feeling alone." The child comes close. Again, everything shakes. I cannot speak to her.

Well. Strange. I really cannot understand. Can it be my existing time?! I do not remember that everything shook so much before. It must be my migraine. How can it be, I want to move, but for some reason, I cannot. I do not believe it. I can only be dreaming and cannot move. Soon, I realize that I cannot move. Again, I try to move. I cannot. Oh God. Why?!

Oh, I remembered, I'm a *snowman*. In a *snow globe*!






Ilustração de Isabella Moscatelli





Terra à vista?

Émerson Mateus Tavares Pinto


Fernanda Barbosa Guimarães

Henrique e Caíque sempre tiveram uma forte ligação com a História. Embora os dois tivessem origens muito distintas, uma coisa eles tinham em comum: a forte conexão com a história do Brasil. O que ambos não imaginavam é que essa paixão seria o elo que mudaria a vida deles.

Na cidade maravilhosa, Rio de Janeiro, vivia Henrique. Filho mais novo de uma família poderosa, no auge dos seus 24 anos, e acostumado a ter tudo na vida. Ambicioso, perseguia seus objetivos, jamais desviando do foco até alcançá-los. Os cabelos castanhos queimados das horas que passava surfando e os lindos olhos azuis chamavam a atenção. Contrariando tudo o que a família pregava e ambicionava para o futuro dele, impulsionado por seu amor e por sua conexão com a história do seu próprio país, iniciou a graduação em História. Sua última conquista era ter convencido seu pai a fazer uma doação gigantesca para o MASP e a bancar sua viagem para São Paulo, para a XII Conferência Nacional de História Brasileira – uma das maiores convenções de História do Brasil.


Em uma pequena cidade chamada Arpoador, na Bahia, vivia Caíque. Um rapaz trabalhador e destemido que estava correndo atrás do seu grande sonho: ser historiador. Agora com 28 anos, cursava História na Universidade Federal desde os 21. Muito inteligente e prestativo, Caíque se destacava entre os colegas. Possuía grandes olhos pretos, cabelos também bem escuros, que contrastavam com sua pele parda. Praticava tiro com arco nas horas vagas, graças a um projeto social iniciado em Salvador, e com o tempo passou a dar aulas de tiro com arco neste projeto. Recentemente tinha intensificado as aulas particulares de História que dava, pois ele precisava de dinheiro para ir para São Paulo participar de uma convenção.

Talvez o destino os levou para o mesmo lugar, isso nunca saberemos, porém certamente os acontecimentos seguintes mudariam completamente a vida dos dois jovens. A convenção estava acontecendo no MASP, as turmas eram pequenas e o museu estava fechado especialmente para esse evento. Os




palestrantes tinham suas falas voltadas para os acontecimentos no Brasil na época de 1500. Henrique estava com o grupo conhecendo mais sobre as primeiras embarcações que atracaram em terras brasileiras e Caíque estudando sobre os armamentos da época. Apesar de estar tudo muito interessante, a curiosidade os instigou a dar uma volta e ir direto ao que realmente importava, com cuidado se desprenderam de seus grupos e por corredores distintos se direcionaram ao mesmo lugar.


Depararam-se com uma pintura belíssima, cada detalhe tão realista que mais parecia saltar da tela. Observando um pouco mais distante, Caíque tentava prestar atenção em cada pincelada do quadro. Henrique um pouco mais a frente, quase se recostava sobre as demarcações de segurança. Tomando iniciativa de ficar ao lado do estranho, Caíque deu alguns passos à frente, ficando lado a lado com Henrique, ambos olharam a pintura que retratava o momento exato de um conflito entre os índios e os portugueses. Tinham certeza de que havia algo de especial naquela tela. Após analisarem a cena mais de perto, trocaram olhares, e quando voltaram a encarar a pintura sentiram um calafrio que lhes percorria toda a espinha. Os dois apagaram, caindo desmaiados ali mesmo, no chão do museu em frente à obra misteriosa.



Os gritos podiam ser ouvidos de longe. Em um piscar de olhos, tudo havia mudado, ao invés da arquitetura do MASP e suas obras, era possível enxergar apenas um mar muito azul de um lado e uma floresta densa de outro. Os gritos se aproximavam cada vez mais, deixando a impressão que eles estavam não em um lugar ermo, mas sim em meio a uma grande confusão. Ao recuperar a consciência, Henrique olhou para suas mãos e se deparou com uma adaga pesada com o punho revestido de couro. Logo em seguida, foi surpreendido por um estranho com uma expressão irada que corria em sua direção. Em movimentos ágeis, conseguiu desviar das investidas, mesmo com a locomoção dificultada por suas vestimentas, uma calça apertada e um exagero de tecidos. Roupas estas que tomaram o lugar da calça jeans e camiseta que havia vestido esta manhã.



Um olhar de espanto tomou conta do rosto de Caíque ao reconhecer o local que estava, e também ao perceber que estava completamente nu. Após muitos resmungos e esforço para se levantar, sofreu um golpe nas costas, o que o levou de volta ao chão. Olhava ao seu redor em busca de uma alternativa para se salvar, na varredura avistou um arco e flechas caídos no chão próximos aos seus pés e prontamente os pegou. Os gritos estavam espalhados e ficando cada vez mais altos. Em meio à bagunça foi se esquivando das pessoas, evitando ao máximo atingir alguém, mas quando viu que era impossível se locomover sem



ser atingido, ergueu seu arco e flecha e começou a disparar em todos os homens de chapéu que via.


Havia muitos homens guerreando. Henrique em meio à guerra questionava o que estava fazendo ali e como havia parado ali, quando foi abordado por um dos homens – com roupas parecidas com as que usava – questionando sobre as próximas ações dos Portugueses. Foi nesse momento em que Henrique reconheceu e entendeu onde estava. O peso em seu pescoço o fez olhar para baixo e se deparar com um colar de ouro maciço. Tal colar havia sido retratado em algumas pinturas no pescoço de ninguém mais, ninguém menos que, Pedro Álvares Cabral. Tomado pela ambição e a sensação de poder, cerrou os punhos apertando a adaga que estava em suas mãos e ordenou que fizessem o necessário para que aquela terra fosse conquistada.

Cercado por três homens com armas de fogo apontadas para si, Caíque respirava pesadamente, estava apreensivo e exausto por todo esforço físico já feito. Subitamente um dos homens caiu em frente a Caíque; logo em seguida, o segundo homem, o que fez Caíque atirar no terceiro se livrando de todos que o cercavam. Um dos índios havia salvado a vida de Caíque, após um breve agradecimento, o índio disse que todos ali deviam proteger seu cacique e as crianças a todo custo. Caíque então olhou as pinturas expostas em seu corpo, reconhecendo os traços. Respirou fundo e ordenou a todos os índios que protegessem a terra que de fato era deles.

O confronto já durava horas, muitos homens estavam caídos e mortos uns por cima dos outros, os que sobraram lutavam em dupla com seus inimigos. Henrique acabara de dar o último golpe em um dos índios que restava e, ao se virar, ficou cara a cara com o Caíque. Olhos cerrados, dominados pela raiva e ambição fitaram Caíque de cima a baixo, Henrique então segurou sua adaga e com toda a força cravou diretamente no coração de Caíque, que, ao cair, derrubou seu arco e flecha. A ponto de desfalecer afastou-se rastejando pelo chão.

“Minha!”, gritou Henrique referindo-se a terra, ao mesmo tempo em que inclinava seu corpo contra o de Caíque com a intenção de terminar de cravar o instrumento afiado no peito do inimigo. Inesperadamente, Caíque alcançou uma das flechas e a usou como lança atravessando o peito do português com ela. O corpo de Henrique caiu em cima do corpo de Caíque, restando da batalha somente a morte, dor e desalento para ambos os lados.

Os gritos desesperados se misturavam com o barulho da metrópole agitada. Onde um grande público, a maioria de estudantes de história e escolas



da região, aguardava para entrar no MASP. Era o grande dia da XII Conferência Nacional de História Brasileira. Henrique se aproximava do museu, olhou no relógio que marcava duas e trinta e cinco, estava cinco minutos atrasado. Ele aumentou a velocidade de seus passos em direção à porta principal.

Caíque olhava para o celular concentrado no mapa da cidade, estava um pouco perdido e impressionado com a grandeza da Avenida Paulista. O relógio da cidade marcava duas e trinta e cinco, ele arregalou os olhos ao perceber que estava atrasado, e rápido como uma flecha atravessou a multidão que estava parada na sua frente. “Desculpe!”, ele exclamou.

Ambos viraram a esquina ao mesmo tempo, com seus passos acelerados, em direção à porta principal do museu. Henrique, à esquerda da porta e Caíque à direita. Com o foco depositado no celular, a visão e atenção de Caíque estavam comprometidas, fazendo-o tropeçar e trombar diretamente em Henrique, o que os levou ao chão. Caíque não havia percebido em quem havia batido e, ao mesmo tempo em que resgatava o celular caído, se desculpava, envergonhado. Por sua vez, Henrique tentava levantar-se, exasperado com a situação não lhe respondeu.

Ambos estavam de pé, um em frente ao outro, quando se olharam pela primeira vez. Os olhos fixados um no outro como se pudessem reconhecer a alma. Apontando os dedos acusadoramente um para o outro, exclamaram ao mesmo tempo: “Eu conheço você!”

Atividades

Elaboradoras: Andréia Gama / Grazielle Roman Menezes

1. Após o desmaio de Caíque e Henrique, o que aconteceu com os personagens?
2. Por que, durante a “viagem” para o ano de 1500, Henrique foi considerado o português e Caíque, o índio?
3. Como foi o desfecho da batalha que os personagens travaram?



¿Tierra a la vista?

Émerson Mateus Tavares Pinto

Fernanda Barbosa Guimarães


Traducido por Charnhane Becker

Henry y Caique siempre han tenido una fuerte conexión con la historia. Aunque los dos tenían orígenes muy diferentes, una cosa tenían en común: la fuerte conexión con la historia de Brasil. Lo que no se dieron cuenta fue que esta pasión sería el vínculo que cambiaría sus vidas.

En la maravillosa ciudad de Río de Janeiro, Henrique vivió. Hijo menor de una familia poderosa, en el apogeo de sus 24 años, y acostumbrado a tener todo en la vida. Ambicioso, persiguió sus metas, nunca cambió su enfoque hasta que las alcanzó. Su cabello castaño quemado de sus horas de surf y hermosos ojos azules llamaron la atención. Al contrario de todo lo que la familia predicaba y quería para su futuro, impulsado por su amor y conexión con la historia de su propio país, comenzó su licenciatura en historia. Su último logro fue haber convencido a su padre para hacer una gran donación a MASP y financiar su viaje a São Paulo para la XII Conferencia Nacional de Historia de Brasil, una de las convenciones más grandes de la historia de Brasil.

En un pequeño pueblo llamado Arpoador, en Bahía, vivía Caíque. Un intrépido niño trabajador que perseguía su gran sueño: ser historiador. Ahora con 28 años, estudió historia en la Universidad Federal desde la edad de 21 años. Muy inteligente y servicial, Caique se destacó entre sus colegas. Tenía grandes ojos negros y cabello muy oscuro que contrastaba con su piel morena. Practicó tiro con arco en su tiempo libre, gracias a un proyecto social iniciado en Salvador, y con el tiempo comenzó a enseñar tiro con arco en este proyecto. Recientemente había intensificado sus lecciones privadas de historia porque necesitaba dinero para ir a São Paulo para asistir a una convención.

Quizás el destino los haya llevado al mismo lugar, nunca lo sabremos, pero seguramente los siguientes eventos cambiarán por completo las vidas de los dos jóvenes. La convención se estaba llevando a cabo en MASP, las clases eran pequeñas y el museo estaba cerrado especialmente para este evento.




Los oradores centraron sus discursos en los eventos en Brasil en la década de 1500. Henrique estaba con el grupo y sabía más sobre los primeros barcos que atracaban en tierras brasileñas y Caíque estudiaba sobre los armamentos de la época. Aunque todo era muy interesante, la curiosidad los llevó a dar un paseo y dirigirse directamente a lo que realmente importaba, separándose con cuidado de sus grupos y por pasillos separados que se dirigían al mismo lugar.

Se encontraron con una hermosa pintura, cada detalle tan realista que parecía saltar del lienzo. Mirando un poco más lejos, Caique intentó prestar atención a cada trazo de la pintura. Henry un poco más lejos, casi se apoyó en las demarcaciones de seguridad. Tomando la iniciativa de estar al lado del desconocido, Caíque avanzó unos pasos, al lado de Henry, ambos mirando la pintura que representa el momento exacto de un conflicto entre los indios y los portugueses. Estaban seguros de que había algo especial en esta pantalla. Después de mirar más de cerca la escena, intercambiaron miradas y, cuando volvieron a mirar la pintura, sintieron un escalofrío en la espalda. Los dos salieron y se desmayaron allí mismo, en el piso del museo, frente al misterioso trabajo.

Los gritos se oían desde lejos. En un abrir y cerrar de ojos, todo había cambiado, en lugar de la arquitectura del MASP y sus obras, era posible ver solo un mar muy azul en un lado y un denso bosque en el otro. Los gritos se acercaron más y más, dejando la impresión de que no estaban en un lugar desierto sino en una gran confusión. Mientras recuperaba la conciencia, Henry se miró las manos y encontró una daga pesada en su puño cubierto de cuero. Un momento después, fue sorprendido por un extraño con una expresión de enojo corriendo hacia él. En movimientos ágiles, logró esquivar el ataque, incluso con la locomoción obstaculizada por sus prendas, pantalones ajustados y una exageración de telas. Estas ropas tomaron el lugar de los pantalones vaqueros y la camiseta que había usado esta mañana.

Una mirada de asombro se apoderó de la cara de Caíque cuando reconoció el lugar donde estaba, y también que estaba completamente desnudo. Después de muchos gruñidos y un esfuerzo por levantarse, sufrió un golpe en la espalda que lo hizo volver al suelo. Miró a su alrededor en busca de una alternativa para salvarse, escudriñó un arco y flechas tiradas en el suelo cerca de sus pies y las recogió rápidamente. Los gritos se estaban extendiendo y haciéndose cada vez más fuerte. En medio del desastre él estaba esquivando a las personas, evitando lo más posible golpear a cualquiera, pero cuando vio que era imposible moverse sin ser golpeado, levantó su arco y flecha y comenzó a disparar a cada hombre con el sombrero que vio.




Había muchos hombres en guerra. Henry, en medio de la guerra, se preguntaba qué estaba haciendo allí y cómo se había detenido allí cuando uno de los hombres se le acercó, vistiendo ropas similares a las que llevaba, cuestionando las próximas acciones del portugués. Fue entonces cuando Henry reconoció y entendió dónde estaba. El peso sobre su cuello lo hizo mirar hacia abajo y encontrar un collar de oro macizo. Tal collar había sido representado en algunas pinturas en el cuello de nadie más, nada menos que, de Pedro Álvares Cabral. Abrumado por la ambición y una sensación de poder, apretó los puños contra la daga en sus manos y les ordenó que hicieran lo necesario para que esta tierra fuera conquistada.

Rodeado por tres hombres con armas apuntando a él, Caíque estaba respirando pesadamente, aprensivo y agotado por cada esfuerzo físico realizado. De repente, uno de los hombres cayó frente al Caíque; poco después, el segundo hombre, lo que causó que Caíque disparara al tercero, deshaciéndose de todos los que lo rodeaban. Uno de los indios había salvado la vida de Caíque, después de un breve agradecimiento, el indio dijo que todos los que estaban allí deberían proteger a su jefe y a los niños a toda costa. Caíque luego miró las pinturas en su cuerpo, reconociendo los rasgos. Respiró hondo y ordenó a todos los indios que protegieran la tierra que era realmente suya.

La confrontación se había prolongado durante horas, muchos hombres habían caído y muerto uno encima del otro, los que habían luchado contra sus enemigos. Henry acababa de asestar el último golpe a uno de los indios que quedaban y se volvió para mirar al Caíque. Con los ojos entrecerrados de rabia y ambición, Caíque se quedó mirando de arriba abajo, Henry agarró su daga y miró directamente al corazón de Caíque, que, al caer, tiró su arco y su flecha. A punto de desmayarse, se arrastró por el suelo.

“¡Mío!” Gritó Henry, refiriéndose a la tierra, mientras apoyaba su cuerpo contra el de Caíque con la intención de poner fin a su instrumento afilado en el pecho del enemigo. Inesperadamente, Caíque alcanzó una de las flechas y la usó como una lanza en el pecho del portugués. El cuerpo de Henry cayó sobre el cuerpo de Caique, dejando solo la muerte, el dolor y la consternación en ambos lados.


Gritos desesperados mezclados con el ruido de la bulliciosa metrópolis. Donde una gran audiencia, la mayoría de los estudiantes de historia de la región y las escuelas, estaban esperando para unirse a MASP. Fue el gran día de la XII Conferencia Nacional de Historia de Brasil. Henry se acercó al museo, miró




el reloj que daba las dos y treinta y cinco y tenía cinco minutos de retraso. Él aumentó su paso hacia la puerta principal.

Caíque estaba mirando su teléfono celular concentrado en el mapa de la ciudad, estaba un poco perdido e impresionado por la grandeza de la Avenida Paulista. El reloj de la ciudad marcaba las dos y treinta y cinco, y sus ojos se agrandaron cuando se dio cuenta de que había llegado tarde, y rápido como una flecha a través de la multitud que estaba delante de él. “¡Lo siento!” Exclamó.

Ambos doblaron la esquina al mismo tiempo, con sus pasos acelerados, hacia la puerta principal del museo. Henry a la izquierda de la puerta y Caíque a la derecha. Con el enfoque en su móvil, la vista y la atención de Caíque se vieron comprometidas, lo que provocó que tropezara y tropezara directamente con Henry, lo que los llevó al suelo. Caíque no se había dado cuenta de quién lo había golpeado y, al mismo tiempo que rescataba su móvil caído, se disculpó avergonzado. A su vez, Henry trató de levantarse, exasperado por la situación no le respondió.



Ambos estaban de pie uno frente al otro cuando se miraron por primera vez. Los ojos se fijaron unos en otros como si pudieran reconocer el alma. Señalando acusadamente a los demás, exclamaron al mismo tiempo: “¡Te conozco!”





Land Ahoy?

Émerson Mateus Tavares Pinto

Fernanda Barbosa Guimarães


Translated by Henrique M. Abreu and Angélica Roos

Henrique and Caíque had always had a strong connection with History. Despite having different origins, they had something in common: that strong connection with the history of Brazil. What they could not have known was that this passion would be the link that would change their lives.

Henrique lived in the wonderful city of Rio de Janeiro. The youngest son of a powerful family, in his early twenties, he was used to getting everything he wanted. Ambitious, he would always follow his goals, without ever losing focus until he achieved them. His brown hair sunburnt because of the hours he would spend surfing and his gorgeous blue eyes would always make him call the attention. Despite the ambitions his family had for him, he still decided to enroll in a History degree, driven by his passion for the history of his country. His last achievement was to convince his father to make a significant donation to the Museum of Art in São Paulo (MASP) and to pay for his trip to São Paulo so could attend the 12th National Conference of Brazilian History, one of the biggest conventions on the History of Brazil.


Caíque lived in a small town called Arpoador, in the state of Bahia. He was a hardworking and fearless young man who always trying to pursue his biggest dream: being a historian. Now a 28-year-old man, he had been studying History at the Federal University since he was 21. He would stand out amongst his peers for being intelligent and helpful. His big dark eyes, along with his very dark hair would contrast with his naturally tanned skin. He would practice archery in his spare time, due to a social project carried out in Salvador and with time, he began to teach archery lessons in the same project. He had been teaching more History private lessons recently, for he needed the money to go to São Paulo, where there would be a convention he wanted to attend.

Perhaps it was fate what took them to the same place, but that is something we will never know. However, the events that transpired the following days




would completely change their lives. The convention took place at MASP. The groups were small and the museum was closed to the public because of the convention. The lecturers spoke about the events that happened in Brazil around in the 1500's. Henrique was with his group learning more about the first ships that docked on Brazilian land, and Caíque was learning about the weaponry of that time. Despite being interested in the subjects, they could not help but follow their curiosity and go straight to what they truly wanted to see, and so they each separated from their own groups and headed to the same place.

They found themselves gazing at a spectacular painting, with such realistic details that they seemed to jump out of the frame. Watching from a distance, Caíque paid attention to every brush stroke in the painting. Henrique was closer to it, almost going over the security limits. Caíque decided to take the initiative and stand beside the stranger and both gazed upon the painting that portrayed a moment of conflict between the natives and the Portuguese. They were sure there was something special about that painting. After taking a closer look at the scene, they exchanged looks, but when they turned back to look at the painting, they felt a chill running down their spines. Both of them fainted right there on the floor of the museum, in front of the mysterious painting.



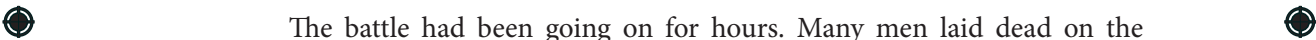
Screams could be heard at a distance. In the blink of an eye, everything had changed. Instead of the architecture of MASP and its art pieces, all one could see was a vast sea on one side and a forest on the other one. The screams grew closer, leaving the impression that they were not in a bleak place, but in the middle of some sort of disarray. After regaining consciousness, Henrique looked at his hands and noticed a heavy dagger with a leather-coated handle. Then, suddenly, he noticed a stranger running straight to him, with an angry expression. With swift movements, he managed to dodge the stranger's attacks, though with difficult mobility due to the clothes he was wearing - tight pants and an assortment of different fabrics. Those clothes were not the jeans and the T-shirt he had put on that day.

With a frightened look on his face, Caíque recognized the place where he was, and at the same time, realized he was completely naked. After many grunts and much effort, he managed to get up, only to be stricken on the back and fall on the floor. Looking around for a way to escape, he saw on the ground near his feet a bow and some arrows and promptly grabbed them. The screams around him only grew louder. In the middle of that turmoil, he managed to move avoiding people, but when he saw it was impossible to move without getting hit, he pulled his bow and started to shoot arrows at all of the men with hats he could see.



There were many men in that battle. In the middle of it, Henrique wondered what he was doing there and how he had gotten there, when he was approached by the men, with clothes similar to his, pondering on the next course of action of the Portuguese. At that moment, Henrique realized what was happening and where he was. The weight around his neck made him look down, where he saw a necklace made of pure gold. That necklace had been depicted in some paintings, always worn by none other than Pedro Álvares Cabral. Blinded by that feeling of power and ambition, he clenched his fist tighter holding his dagger in his hands and ordered the men to do anything that was necessary to conquer that land.


Surrounded by three men armed with fire weapons, Caíque's breath was heavy. He was exhausted and apprehensive because of all the physical effort he had done until that point. Suddenly, one of the men fell to the ground, and then another one, which made Caíque shoot the third one, getting rid of all the men that surrounded him. A native had saved him. After showing his gratitude, the native told everyone around that they should protect their cacique and the children above all. Caíque then looked upon the patterns of paint in his body, recognizing the traces. He took a deep breath and ordered the natives to protect the land that had always been theirs.



The battle had been going on for hours. Many men laid dead on the ground, stacked on top of each other. The remaining men fought the enemy in pairs. Henrique had just finished dealing the last blow to one of the remaining natives, when he turned and noticed Caíque, facing him. Henrique's eyes stared at Caíque, blinded by his rage and ambition. He held his dagger high and stabbed Caíque right on his heart. As he fell, Caíque dropped his bow and arrows. He started to crawl on the ground, as his life faded away.

"Mine," yelled Henrique, referring to that land, as he went for the finishing blow on his enemy. Unexpectedly, Caíque reached for an arrow he saw on the ground, and used it as a spear to stab Henrique on his chest. His body fell on Caíque's own body, and the battle left nothing behind but death, sorrow and pain for both sides.

The desperate screams got lost in the noises of the agitated city. A huge crowd, mostly college and school students from the area, waited to enter MASP. It was the day of the huge ninth National Conference on Brazilian History. As Henrique got closer to the museum, he looked at his watch and saw it was 2:35 PM, which meant he was five minutes late. He decided to walk faster to the main doors.



Caíque stared at his phone, concentrated on the city map, as he was lost and amazed at how huge Paulista Avenue was. The city clock showed the time: 2:35 PM, His opened his eyes wide as he realized he was late and, as fast as an arrow, he went through the crowd in front of him, and exclaimed “Sorry!” to the people he bumped into.

Both Caíque and Henrique turned the corner at the same time, with fast steps heading to the main doors of the museum. Henrique to the left of the doors and Caíque to the right. Focused on his cellphone, Caíque’s attention was compromised, which made him bump right into Henrique and both fell on the ground. Without seeing whom he had bumped into, Caíque reached for his cellphone on the ground while apologizing, embarrassed for what he had done. On the other hand, Henrique tried to get up, still upset with that situation, and said nothing.

Both got back on their feet and finally looked at each other for the first time. Henrique’s eyes fixed on the other man’s eyes, as if they could recognize each other’s souls. Pointing their fingers accusingly at each other, they exclaimed at the same time:

“I know you!”



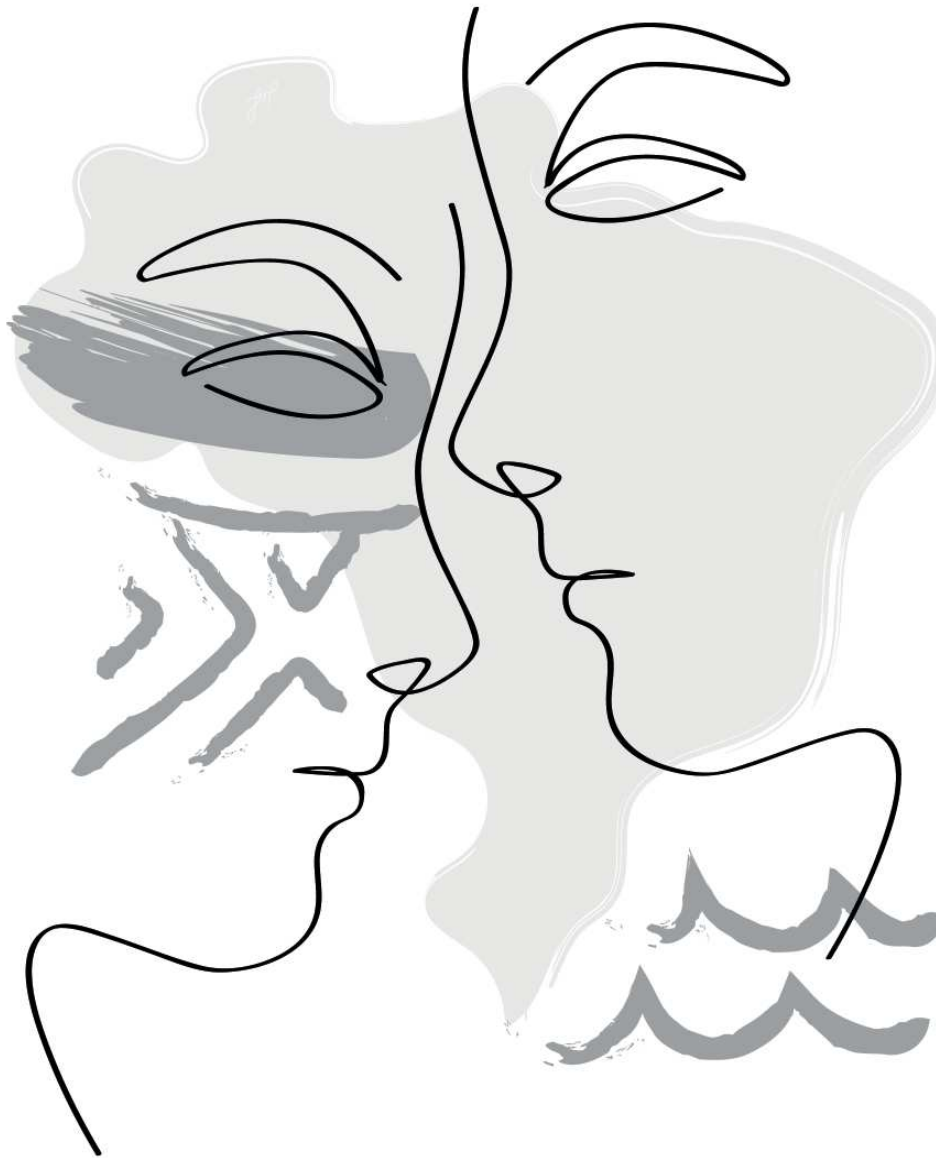


Ilustração de Isabella Moscatelli





Um sonho real

Marcos Ferreira Souto

Matheus Cruz

Lucas Ivan


Ainda me lembro, meu filho, do meu último ano na universidade de Viçosa: foi um ano muito especial, porque estávamos cheios de vigor, objetivos e planos para um futuro próximo. Todos estavam muito empolgados com o curso de Antropologia. Além disso, ainda mantenho contato com alguns dos meus antigos colegas, sobretudo o André Buarque, porque ele me deu muito apoio nos momentos mais difíceis da caminhada acadêmica.

Uma das experiências mais marcantes que tive nas minhas saídas de campo aconteceu aproximadamente há numa década, em uma viagem pela magnífica floresta amazônica. Havia muita cantoria dos mais diversos tipos de pássaros, além de bugios; o clima era muito úmido, e as matas muito densas, de difícil acesso. O sol era forte na maior parte do dia, sua luz transpassava pelas résteas dos galhos, dando vida para aquela lindíssima floresta.

Mas o lugar escondia algo misterioso, ainda por ser revelado. Eu pressentia isso dentro de mim. O meu coração palpitava muito, porque senti um pouco de medo no começo, por ser minha primeira experiência como antropólogo, e meu guia era apenas um GPS, ou seja, o risco de ele falhar era muito grande. Então, assim que cheguei ao local que André havia me falado, logo armei minha barraca, pois a noite se aproximava, e o risco das feras selvagens me atacarem era muito grande.

Na primeira noite não consegui dormir à vontade, apesar de eu estar exausto. Aliás, estava muito apreensivo também, pois eu ouvi algo rondando próximo da minha barraca. Não dava para identificar o que era, porém na Floresta Amazônica havia muita onça, um animal típico daquela região. Fiquei pensando que fosse ela, porém eu não saí para ver, e nada aconteceu.

Até então tudo estava normal. Pelo menos era o que parecia; pela aurora, levantei-me para os primeiros movimentos do dia, e logo lembrei da



noite anterior, que algo rondara minha barraca. Eu confesso que fui ver se havia pegadas, pois parecia ser muito perto dela. O lugar estava completamente do mesmo jeito que encontrei antes de armar a barraca, simplesmente não havia pegadas. Talvez fosse minha imaginação, o medo por estar só. Afinal, essa era a primeira vez que eu fazia esse tipo de trabalho.

Seguimos. O dia estava apenas começando. Preparei-me e saí à procura do possível sítio arqueológico que André havia me falado. Já tinha caminhado muito, o sol já estava muito inclinado. Sentei-me ao pé de uma árvore para descansar. Em volta do lugar, fiquei a observar, contemplando um pouco a natureza, que era tão estupenda.

Assustei-me ao olhar para o lado e ver um lugar um pouco montanhoso, cerca de uns 2 metros de altura. Estava cercado por folhas, coberto de cipó. O lugar era grande, logo despertou-me a curiosidade para ver o que havia ali. Talvez fosse apenas mais um monte no meio da floresta, ou não, pois eu já havia encontrado outros pelo caminho.

Peguei meus materiais da mochila, para começar a investigar o lugar. E nos primeiros movimentos investigativos, deparei-me com uma cobra saindo de dentro do buraco. Tomei um baita susto. A cobra era uma espécie típica da Amazônia, chamada surucucu, cujo veneno pode causar sérios danos ou até mesmo levar a óbito. Mas isso não era o mais assustador, pois o pior ainda estava por vir.

Já era quase noite, quando decidi voltar para minha barraca, após longas horas de trabalho. Fiquei pensando naquela noite, o que estava a me esperar naquele lugar. Quando estava quase dormindo, outra vez ouvi o mesmo barulho da noite anterior, só que agora com pegadas muito mais fortes do que as da noite passada. Ouvi uma espécie de sussurro, que mais se parecia com gritos de alguém aflito. Aquilo me deixou muito apreensivo. Peguei minha lanterna e fui ver o que poderia ser aquilo. Para minha surpresa, não havia nada, nenhum sinal do lado de fora. Voltei para a barraca, ainda muito impactado, tentei pegar no sono. Foi muito difícil dormir naquela noite.

Ao raiar do dia, preparei-me novamente, mas dessa vez com destino certo. Ao chegar ao possível sítio arqueológico, levando todos meus materiais para a escavação, encontrei o lugar do mesmo jeito que havia encontrado no dia anterior. Aquilo foi muito estranho, porque eu já estava trabalhando nele. Até pensei que aquele não fosse o lugar certo, que tinha me perdido no caminho, sei lá. Mas não, porque o GPS estava indicando justamente aquele lugar, no qual fiz a demarcação.




Era muito estranho aquilo, mesmo assim comecei a trabalhar. Por volta das 11 horas do dia, após longas horas de trabalho, encontrei restos mortais do que se assemelhava a um ser humano, que estava muito desgastado por causa do clima muito típico da Amazônia, que era bastante úmido. Eu confesso que fiquei muito feliz com o resultado, até porque eu já tinha trabalhado muito durante toda a manhã. Então comecei logo a examinar aqueles restos mortais. Era algo muito diferente de tudo aquilo que havia visto ou estudado na universidade. Porém, fiz uma breve pausa para o almoço, pois sentia muita fome naquele momento.

Como de costume, terminei o almoço e voltei ao trabalho. Quando eu estava a examinar os restos mortais, senti uma forte pancada no pescoço. Eu me virei para ver quem teria me batido, mas não vi nada, ninguém que pudesse ter me atingido. De repente, senti outra pancada, mas dessa vez na cabeça, muito forte e me levou ao desmaio. A pancada foi tão forte, que eu, inconsciente, sonhava que estava viajando ainda, mas fui surpreendido com algo muito forte me abraçando. Aquilo era muito gelado, como se fosse uma pessoa morta. Quando acordei, estava muito atordoado, sentindo uma forte dor na minha cabeça, tremendo de frio, o corpo eriçado, parecia que eu havia tomado banho com água muito gelada. O sonho parecia ser tão real naquele momento, porém observei a minha volta e não havia nada, apenas o sol já bastante inclinado. Olhei no meu relógio e já era quase noite. Eu tinha dormido muito, e já estava na hora de voltar para a barraca.

Comecei a procurar meus materiais para guardar na mochila e assim voltar à barraca. Eu sentia muita dor. Estava muito apreensivo, o medo assolava-me, eu só conseguia pensar em voltar para a barraca. Ao voltar, deparei-me no caminho com os restos mortais que eu tinha encontrado na escavação, isso me deu mais medo. O lugar já não parecia o mesmo. Comecei a escutar um canto de pássaros que pareciam mais com gritos do que cantos. As árvores sangravam, havia muito sangue pelo caminho. Ouvia também rugidos de bugios que mais pareciam com o pranto de crianças desoladas, chorando, sentindo falta de suas mães. Apressei-me ainda mais em direção a minha barraca.

Ao chegar ao local da barraca, havia também muito sangue espalhado pelo chão, o cheiro era muito forte, os pássaros cantavam ainda mais alto, os bugios pareciam se aproximar da barraca, aumentando sua dimensão. E a barraca, que mais parecia um casebre abandonado, começava a se mover junto com os cantos dos animais. Foi então que eu caí por terra, gemendo muito, pois o frio era muito forte. A dor e os gritos me assombravam.



Senti uma mão tocar meu corpo. Ela era gélida. Senti também um cheiro forte, que não era o cheiro de sangue do local. Mas algo parecido com enxofre. Comecei também a ouvir as pegadas da noite anterior. Ela se aproximava de mim, e cada passo parecia que o som mexia com a terra. Comecei a pedir a intervenção divina, mas minha voz não saía mais, eu não podia mais me mexer, estava totalmente imóvel. Tentava gritar, pedindo socorro, desesperado, porém eu não conseguia falar.

Comecei a ver alguma coisa, não sei ao certo se era um menino, só sei que ele parecia rir de mim. Olhei para o lado e tinha outro, ele também ria da minha agonia, da minha angústia. Eu já não aguentava mais aquela dor.

Aquelas pegadas fortes se aproximavam de mim, e cada vez que se aproximava, meu corpo adormecia, ficava cada vez mais imóvel. Não aguentava aquilo, eu chorava, pois sabia que ninguém poderia me ajudar naquele lugar. Comecei a pensar nos meus amigos, quando, de repente, fui surpreendido por mãos que começaram a me carregar. Não consegui aguentar e então desmaiei de novo.


Quando eu acordei, comecei a ver pessoas mortas me olhando; elas sangravam, gritavam, havia crianças presas às estacas fincadas em seus corpos, adultos transpassados por flechas. Outras com pedaços de pau na mão batendo nas outras. Percebi que aqueles corpos preparavam um tipo de ritual. Eu não sei ao certo qual tipo, mas elas me levaram para o centro do rito. Começou uma espécie de gritaria e não demorou muito para aparecer o chefe do grupo, que veio em minha direção.

Logo, comecei a perceber uma característica peculiar daquele que caminhava em minha direção. Ele tinha o tamanho dos restos mortais que eu encontrara escavando. Foi então quando ele me perguntou por que eu estava ali e com que autoridade eu estava a escavar aquele local. Ele parecia muito bravo com minha atitude. Eu confesso que não entendi o que ele estava dizendo.

Fiquei apavorado, pois seu semblante não era amistoso. Eu não conseguia responder aquelas perguntas. De repente ouvi uma voz ainda mais furiosa, gritando com aquele que me questionava. Ele dizia:

- Mata-o! Mata-o agora!

Quem era esse agora? Foi quando senti, novamente, uma forte pancada na minha cabeça. Comecei a sangrar. Eles batiam mais forte. Eu não conseguia me mover. A voz mandava:



- Mata-o! Mata-o!

- Meu filho, foi horrível, assombroso. Eu não lembrava mais dessa história há muito tempo. Não sei como eu consegui sobreviver.

- Como assim, pai? Eu não sabia que tinha acontecido isso com você.

- Meu filho, faz muito tempo que isso aconteceu. Eu lembrei agora: é por causa disso que sinto fortes dores na minha cabeça, mas toda vez que vou ao médico, eles dizem que não é nada. Mas agora eu lembro o motivo de tanta dor.

- Pai, eu quero visitar esse local. Como faço para chegar até lá? Você foi um grande pesquisador, quero seguir seus passos, e quero começar da mesma forma que você começou.

- Não fale isso nem brincando, meu filho. Aquele lugar é assombroso. Nunca havia falado isso a ninguém; falei para você, porque sei que não fará nada referente a isso. Porque eu sei que eles nunca mais abandonam quem vai lá. Às vezes eu ainda posso vê-los nos meus sonhos.



Atividades



1. O conto é ambientado na Amazônia. Pesquise sobre a floresta amazônica e faça um painel, apresentando para a turma (cada grupo escolhe um item da vida na Amazônia para apresentar: países, clima, vegetação, fauna, flora, moradores, meios de transporte...).
2. Como você imagina que o pai tenha sobrevivido ao ataque dos mortos? Escreva um parágrafo narrando o acontecido.
3. Essa é a história de um ensinamento de pai para filho. Escreva outra história que revele outro ensinamento de pai para filho, mostre uma situação embaraçosa na qual o pai tenha vivenciado e como ele se desvencilhou dela. Termine descrevendo o que o filho aprendeu e como fez para honrar o ensinamento do pai.



Un sueño real

Marcos Ferreira Souto

Matheus Cruz

Lucas Ivan

Traducido por Charnhane Becker


Todavía recuerdo, mi hijo, mi último año en la Universidad de Viçosa: fue un año muy especial porque estábamos llenos de vigor, objetivos y planes para el futuro cercano. Todos estaban muy entusiasmados con el curso de Antropología. Además, todavía tengo contacto con algunos de mis antiguos colegas, especialmente André Buarque, porque me brindó un gran apoyo durante los momentos más difíciles del viaje académico.

Una de las experiencias más notables que tuve en mis viajes de campo ocurrió hace aproximadamente una década, en un viaje a través de la magnífica selva tropical del Amazonas. Hubo mucho canto de los más diversos tipos de aves, así como monos aulladores; el clima era muy húmedo, y los bosques muy densos, de difícil acceso. El sol era fuerte la mayor parte del día, su luz perforaba las ramas de las ramas, dando vida a ese hermoso bosque.

Pero el lugar escondía algo misterioso, aún por revelar. Lo sentí dentro de mí. Mi corazón latía mucho, porque al principio sentía un poco de miedo por ser mi primera experiencia como antropólogo, y mi guía era solo un GPS, o sea, el riesgo de que él fallara era muy grande. Luego, tan pronto como llegué al lugar que Andre me había dicho, pronto instalé mi tienda, porque se acercaba la noche y el riesgo de que las bestias salvajes me atacaran era muy grande.

La primera noche no pude dormir a gusto, aunque estaba agotada. De hecho, yo también estaba muy preocupada, porque escuché algo flotando alrededor de mi tienda. No pudo identificar qué era, pero en la selva amazónica había una gran cantidad de jaguar, un animal típico de esa región. Seguí pensando que era ella, pero no salí a verlo, y no pasó nada.

Hasta entonces todo era normal. Al menos era lo que parecía; al amanecer, me levanté para los primeros movimientos del día, y luego recordé de la noche



anterior que algo había estado rodeando mi tienda. Confieso que fui a ver si había huellas, ya que parecía estar muy cerca. El lugar era completamente el mismo que encontré antes de instalar la tienda, simplemente no había huellas. Tal vez fue mi imaginación, el miedo a la soledad. Después de todo, esta fue la primera vez que hice este tipo de trabajo.

Nosotros seguimos. El día apenas comenzaba. Me preparé y salí a buscar el posible sitio arqueológico del que me había hablado André. Había caminado mucho, el sol ya estaba muy empinado. Me senté al pie de un árbol para descansar. Alrededor del lugar, observaba, contemplando la naturaleza, que era tan grande.


Tenía miedo de mirar hacia un lado y ver un lugar un poco accidentado, de unos 2 metros de altura. Estaba rodeado de hojas, cubiertas de liana. El lugar era grande, así que tenía curiosidad por ver qué había allí. Tal vez era solo otra montaña en medio del bosque, o no, porque ya había conocido a otros en el camino.

Tomé mis provisiones de la mochila para comenzar a investigar el lugar. Y en los primeros movimientos de investigación, me encontré con una serpiente saliendo del agujero. Me dio un susto. La serpiente era una especie típica del Amazonas, llamada surucucu, cuyo veneno puede causar graves daños o incluso causar la muerte. Pero eso no fue lo más aterrador, porque lo peor aún estaba por venir.

Era casi de noche cuando decidí volver a mi tienda después de largas horas de trabajo. Seguí pensando en esa noche, lo que me esperaba en ese lugar. Cuando estaba casi dormido, escuché el mismo ruido de la noche anterior, solo que ahora con pasos mucho más fuertes que la noche anterior. Escuché una especie de susurro, más bien como gritar de alguien en apuros. Eso me hizo muy aprensivo. Tomé mi linterna y fui a ver qué podía ser. Para mi sorpresa, no había nada, ninguna señal afuera. Regresé a la tienda, todavía muy sorprendido, intenté quedarme dormido. Fue muy difícil dormir esa noche.

Al amanecer me preparé de nuevo, pero esta vez con cierto destino. Al llegar al posible sitio arqueológico, llevando todos mis materiales a la excavación, encontré el lugar de la misma manera que el día anterior. Eso fue muy extraño, porque ya tenía trabajo allí. Incluso pensé que no era el lugar correcto que me había perdido en el camino, no lo sé. Pero no, porque el GPS indicaba precisamente ese lugar, en el que hice la demarcación.

Fue muy extraño, pero empecé a trabajar. Alrededor de las 11 de la noche,




después de largas horas de trabajo, encontré restos de lo que parecía un ser humano, que estaba muy agotado debido al clima amazónico muy típico, que era bastante húmedo. Confieso que estoy muy feliz con el resultado, incluso porque ya había trabajado duro toda la mañana. Así que empecé a examinar esos restos. Era algo muy diferente de todo lo que había visto o estudiado en la universidad. Pero hice una pausa para el almuerzo, porque tenía mucha hambre en ese momento.

Como de costumbre, terminé el almuerzo y volví a trabajar. Cuando estaba examinando los restos, sentí un fuerte golpe en el cuello. Me volví para ver quién me había golpeado, pero no vi nada, nadie que pudiera haberme golpeado. De repente sentí otro golpe, pero esta vez en mi cabeza, muy fuerte y me hizo desmayarme. El golpe fue tan fuerte que, inconsciente, soñé que todavía estaba viajando, pero me sorprendió que algo muy fuerte me abrazara. Hacía mucho frío, como si fuera una persona muerta. Cuando me desperté, estaba muy aturdida, sintiendo un gran dolor en la cabeza, temblando con el cuerpo frío y erizado, parecía que me había bañado en agua muy fría. El sueño parecía tan real en este momento, pero miré a mi alrededor y no había nada, solo el sol ya era bastante empinado. Miré mi reloj y era casi de noche. Había dormido mucho, y era hora de volver a la tienda.

Comencé a buscar mis suministros para guardar en mi mochila y volver a la tienda. Yo estaba en mucho dolor. Estaba muy aprensivo, el miedo me abrumaba, yo solo podría pensar en volver a la tienda. En mi camino de regreso, me encontré en el camino con los restos que había encontrado en la excavación, lo que me hizo sentir más miedo. El lugar ya no se veía igual. Comencé a escuchar una canción de pájaros que parecía más gritos que canciones. Los árboles estaban sangrando, había mucha sangre en el camino. También escuché rugidos de monos aulladores que se parecían más al llanto de niños desolados, llorando, extrañando a sus madres. Me apresuré más hacia mi tienda.

Llegando a la tienda de campaña, también había mucha sangre en el suelo, el olor era muy fuerte, los pájaros cantaban aún más fuerte, los monos aulladores parecían acercarse a la tienda, aumentando su tamaño. Y la tienda, que se parecía más a una choza abandonada, comenzó a moverse junto con las canciones del animal. Fue entonces cuando caí al suelo, gimiendo mucho, porque el frío era muy fuerte. El dolor y los gritos me persiguieron.

Sentí una mano tocar mi cuerpo. Ella estaba helada. También tenía un fuerte olor, que no era el olor a sangre en el local. Pero algo así como el azufre.



También empecé a escuchar los pasos de la noche anterior. Ella se acercó a mí, y cada paso parecía sonar la tierra. Comencé a pedir la intervención divina, pero mi voz se había ido, no podía moverme, estaba totalmente inmóvil. Intenté gritar por ayuda, desesperada, pero no podía hablar.

Comencé a ver algo, no estoy seguro de si era un niño, solo sé que parecía reírse de mí. Miré a un lado y había otro, también se rio de mi agonía, de mi angustia. No podía soportar más ese dolor.

Esos pasos fuertes se me acercaron, y cada vez que me acercaba, mi cuerpo se quedaba dormido, cada vez más y más quieto. No podía soportarlo, lloré porque sabía que nadie podía ayudarme en ese lugar. Comencé a pensar en mis amigos, cuando de repente me sorprendieron las manos que empezaron a llevarme. No pude soportarlo, y luego me desmayé de nuevo.

Cuando me desperté, comencé a ver gente muerta mirándome; sangraban, gritaban, había niños pegados a estacas en sus cuerpos, adultos atravesados por flechas. Otros con trozos de madera en sus manos pegándose unos a otros. Me di cuenta de que estos cuerpos estaban preparando un ritual. No estoy seguro de qué tipo, pero me llevaron al centro del rito. Hubo una especie de grito y no pasó mucho tiempo antes de que el jefe del grupo se me acercara.

Pronto, comencé a percibir una característica peculiar de quien caminaba en mi dirección. Era el tamaño de los restos que había encontrado excavando. Fue entonces cuando me preguntó por qué estaba allí y con qué autoridad estaba cavando ese lugar. Parecía muy enojado con mi actitud. Confieso que no entendí lo que estaba diciendo.


Estaba aterrorizada, porque su rostro no era amistoso. No pude contestar esas preguntas. De repente escuché una voz aún más furiosa, gritándole a quien me interrogaba. Él dijo:

- ¡Mátalo! ¡Mátalo ahora!

¿Quién era este ahora? Fue entonces cuando volví a sentir un duro golpe en la cabeza. Comencé a sangrar. Golpearon más fuerte. No me pude mover. La voz dijo:

- ¡Mátalo! ¡Mátalo!

- Mi hijo, fue horrible, increíble. No recordaba más esta historia. No sé cómo logré sobrevivir.



- ¿Qué quieres decir, papá? No sabía que esto te había pasado.

- Mi hijo, ha pasado mucho tiempo. Ahora recordé: es por esto que siento un dolor intenso en la cabeza, pero cada vez que voy al médico, dicen que no es nada. Pero ahora recuerdo el motivo de tanto dolor.

- Papá, quiero visitar este lugar. ¿Cómo llego allí? Has sido un gran investigador, quiero seguir tus pasos y quiero comenzar de la misma manera que empezaste.

- No hables de eso, niño. Ese lugar es asombroso. Nunca le había dicho a nadie; Te lo dije, porque sé que no harás nada al respecto. Porque sé que nunca se dan por vencidos quienes van allí. A veces todavía puedo verlos en mis sueños.



A Real Dream

Marcos Ferreira Souto

Matheus Cruz

Lucas Ivan

Translated by Eduardo Beilner and Gilmar Brasil Junior


My son, I still remember, my son, my last year at the University of Viçosa: it was a very special year, because we were full of energy, with goals and plans for the near future. Everyone was quite excited about the Anthropology course. Furthermore, I still have been in touch with some of my former classmates, especially André Buarque, because he was supportive at some of the most troubled moments in my academic journey.

One of the most outstanding fieldwork experiences I have ever had took place about a decade ago, in a trip through the magnificent Amazon Forest. There was a lot of singing of the most diverse birds, and howler monkeys. The climate was very wet; the forest was dense and difficult to access. Through most of the day there was a scorching sun, its light went through the in-between of twigs, livening to that gorgeous forest.

However, the forest hid something mysterious to be revealed. I could feel it in my bones. My heart was beating fast. I was afraid because that was my first experience as an anthropologist and the only equipment I had was a GPS, which could fail at any moment. Then, as soon as got to the place André had told me about, I set up my tent because the night was coming, and the risk of wild beasts attacking me was high.

In the first night, I could not sleep as well at ease, though I was exhausted. By the way, I was quite apprehensive too, because I had heard something surrounding my tent. I was not able to identify what it was, yet there were many jaguars in the Amazon Forest, which were common kinds of animal in that region. I thought it was jaguars, but I did not get out to check it, and nothing happened.

Until that moment, everything was as expected. At least it seemed to be.



At dawn, I got up to start the day and I soon recalled the night before, when something had surrounded my tent. I confess that I checked to see if there were footprints of any kind close to my tent. The place was exactly as I had found it before I had set up my tent. There were simply no footprints. Maybe it was just my imagination playing a trick on me, or the fear of being alone. After all, that was the first time I had done that kind of job.

We kept going. The day had just begun. I got ready to go to an allegedly archeological site André had told me. I had walked a lot, and the sun was setting. I sat by a tree to get some rest. In the surroundings of the place where I was, I observed, admiring the nature that was amazingly gorgeous.

I looked over and got scared. There was a two-meter-hilly area, encompassed by leaves and covered with vine. The place was big. It soon piqued my curiosity to check what there was over there. Perhaps it was just another rocky hill in the middle of the forest or maybe not, because I had already found many others on my way.

I took out my stuff from my backpack to start exploring the place. In my first investigative movements, I ran into a snake getting out of a hole. I was terrified. The snake was a common specie in the Amazon Forest, called Surucucu and its poison can cause serious damage or even lead to death. However, that was not as scary as what was still to come.

It was almost nighttime, when I decided to go back to my tent, after long hours of work. That night, I thought to myself what could be waiting for me in that place. When I was almost asleep, I heard the same noise as I had heard the previous night, but now it was louder than before. I heard some sort of whispering, it was like the screams of a distressed person. I got very uptight. I grabbed my flashlight and went out to see what that could possibly be. To my surprise, there was nothing, no sign outside. I came back into my tent, still feeling uneasy. I tried to get some sleep. It was hard to fall asleep that night.

At daybreak, I got ready to go again, but at this time with the right destination. By getting to the allegedly archeological site, carrying with me all my excavation material, I found the place under the same conditions as the previous day. It was curious because I had been working there. I even thought it was not the right place, or that I had gotten myself lost on my way. However, actually, it was the same place because my GPS system was indicating exactly that spot.

Even though the whole thing was extremely atypical, I started working




again. At about 11 o'clock, after long hours of work, I found something that resembled remains of a human body, which the typical humid climate of the Amazon Forest had weathered very much. I must confess that I got very happy with what I had just found, mostly because I had been working a lot the whole morning. As soon as I could, I started examining the remains of that body. It was something I had never seen or studied before at university. However, I had a short break time to have lunch, because I was starving at that moment.

As usual, I finished lunch and got back to work. When I was examining the remains of the body, I felt a strong blow on my neck. I turned around to see who had knocked me, but I did not see anybody. No one that could have beaten me. Suddenly, I felt another blow, but, at this time, on my head and it was so strong that it knocked me down. It was such a strong blow that, unconsciously, I was dreaming that I was still traveling, but I was surprised by something embracing me. That was cold, as if it was a dead body. When I woke up, I felt dizzy. I felt a strong pain in my head, shivered cold and got goose bumps. It seemed as if I had had a shower with cold water. The dream seemed so real at that moment, yet I looked around and there was nothing, only the setting sun. I looked at my watch and it was almost night. I had slept a few hours and it was time for me to go back to my tent.

I began to look for my supplies to store them in my backpack and return to the tent. I was in a lot of pain. I was very apprehensive and fear overwhelmed me. All I could think about was going back to the tent. On the way back, I came across with the remains that I had found in the excavation and that made me even more scared. The place no longer looked the same. I began to hear the song of birds that seemed more like cries than songs. The trees were bleeding. There was a lot of blood on the way. I also heard roars of howler monkeys that looked more like the crying of desolate children, crying, missing their mothers. I rushed even further toward my tent.

When I reached the tent, there was a lot of blood on the floor too. The smell was very strong. The birds sang even louder and the howler monkeys seemed to approach the tent and looked bigger now. In addition, the tent, which looked more like an abandoned hut, began to move along with the animal's songs. It was then that I fell to the ground, moaning a lot, because the cold was very intense. The pain and the screams haunted me.

I felt a hand touch my body. It was icy. I also felt a strong smell, which was not the smell of blood on the premises. It was something like sulfur. I also began



to hear the footsteps of the night before. It got closer and closer. At every step, it seemed as if the sound moved the ground. I began to ask for divine intervention, but my voice did not come out. I could not move, I was totally still. I tried to scream for help, desperate, but I could not say anything.

I started to see something. I was not sure if it was a boy. I just knew he seemed to be laughing at me. I looked to the side and there was another boy, who was also laughing at my agony, my anguish. I could not stand that pain anymore.

The strong footsteps were getting closer to me and the more they came closer, the more my body fell asleep and the less I could move. I could not stand it, I cried because I knew no one could help me in that place. I began to think of my friends, when, suddenly, I was surprised by hands that began to carry me. I could not take it, and fainted again.

When I woke up, I saw dead people watching me. They bled and screamed. There were children attached to stakes stuck in their bodies and adults pierced by arrows. Other people were hitting each other with sticks. I realized those bodies were preparing for a ritual. I am not sure which type, but they took me to the center of the rite. There was a kind of shouting and it was not long before the head of the group came up to me.

Soon, I began to notice a peculiar characteristic of the one who was walking in my direction. He was the size of the remains I had found while I was digging. It was then when he asked me, why I was there and by what authority I was digging that spot. He seemed very angry at my attitude. I must say I did not understand what he was saying.

I was terrified, for his face was not friendly at all. I could not answer those questions. Suddenly, I heard an even more furious voice, screaming at the one who was questioning me. He said:

“Kill him! Kill him now!”

Who was this man now? That was when I felt a hard blow on my head again. I started to bleed. They hit harder. I could not move. The voice said:

“Kill him! Kill him!”

“Son, it was awful. I could not remember this story for a long time. I do not know how I managed to survive.”

“What do you mean, dad? I did not know this had happened to you.”



“My son, it has been a long time. I remember it now. It is because of that that I feel a severe pain in my head, but every time I go to the doctor, they say it is nothing. Now, I remember the reason for so much pain.

“Dad, I want to visit that site. How do I get there? You have been a great researcher and I want to follow your example. I want to start the same way you did.

“Don’t say such a thing, my son. That place is dreadful. I had never told this to anyone. I told you, because I know you will not do anything about it. I know they never relinquish someone who goes there. Sometimes I can still see them in my dreams.





Ilustração de Bibiana ????



UNIVERSIDADE 
LaSalle
Editora



Editora Unilasalle
editora@unilasalle.edu.br
<http://livrariavirtual.unilasalle.edu.br>

